

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ**  
**CAMPUS DE CAMPO MOURÃO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR**  
**SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO – PPGSeD**

**IVANIA SKURA**

**SOCIEDADE E IMPRENSA: REPRESENTAÇÕES DE *BELEZA DE MULHER* NO JORNAL FOLHA DO NORTE DO PARANÁ**

**CAMPO MOURÃO – PR**  
**2015**

**IVANIA SKURA**

**SOCIEDADE E IMPRENSA: REPRESENTAÇÕES DE *BELEZA DE MULHER* NO JORNAL FOLHA DO NORTE DO PARANÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD) da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra.

**Área de Concentração:** Sociedade e Desenvolvimento.

**Orientadora:** Dra. Cristina Satiê de Oliveira Pátaro.

**Co-orientador:** Dr. Frank Antonio Mezzomo.

**CAMPO MOURÃO – PR  
2015**

Ficha de identificação da obra elaborada pela Biblioteca  
UNESPAR/Campus de Campo Mourão

S629s SKURA, Ivania

Sociedade e imprensa: representações de beleza de mulher no jornal  
Folha do Norte do Paraná / Ivania Skura; PÁTARO, Cristina S. de O.  
(orient.); MEZZOMO, Frank A. (Co-orient.). Campo Mourão, 2016.  
117f. : Il.

Tese (Dissertação Mestrado) – Universidade Estadual do Paraná. Programa  
de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento  
(PPGSeD). – Área de Concentração: Sociedade e Desenvolvimento.

1. História da Mulher. 2. Beleza Feminina. 3. Comunicação. 4. Gênero.  
I. SKURA, Ivania. II. PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira (Orient.).  
III. MEZZOMO, Frank Antonio (Co-Orient.) IV. UNESPAR-Campus  
de Campo Mourão. V. Título.

CDD 21.ed. 305.409  
306

**IVANIA SKURA**

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dra. Cristina Satiê de Oliveira Pátaro (Orientadora) – UNESPAR/ Campo Mourão

---

Prof. Dr. Frank Antonio Mezzomo (Co-Orientador) – UNESPAR/ Campo Mourão

---

Prof. Dr. Fábio Lopes Alves – UNIOESTE/ Cascavel

---

Prof. Dra. Luzia Marta Bellini – UEM/ Maringá

---

Data de Aprovação

15/10/2015

Campo Mourão – PR

## **DEDICATÓRIA**

Para Celita, minha mãe.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a muitas pessoas, que passaram pelo meu caminho e deixaram boas marquinhas, dando exemplo e inspiração.

À minha Orientadora Cristina Satiê de Oliveira Pátaro e ao meu Co-orientador Frank Antonio Mezzomo, pelo primeiro voto de confiança, desde a banca de seleção, e por outros que vieram depois deste; pelo acompanhamento e pelas atenciosas correções em tantos projetos, pela sensibilidade e seriedade que me fizeram sentir acolhida no programa e no grupo de pesquisa.

Ao grupo de pesquisa Cultura e Relações de Poder, a cada aluna e aluno de iniciação científica e de iniciação científica júnior que desde 2011 empenhou-se para ter digitalizado e catalogado o acervo com o qual trabalhei, o que me possibilitou fácil acesso à fonte de pesquisa.

À CAPES, pela bolsa que permitiu a dedicação integral ao mestrado.

À banca de qualificação e de defesa, Fábio Lopes Alves e Luzia Marta Bellini, pelos comentários que auxiliaram no amadurecimento do trabalho e apreciaram a pesquisa em detalhe. Agradeço o zelo, interesse e entusiasmo que nos deixaram ainda mais encantados com o estudo.

À secretaria do programa, que com gentileza atendeu a solicitações, sanou dúvidas e facilitou cada procedimento.

À toda a família PPGSeD, com muito orgulho de ter integrado a primeira turma.

Um obrigada especial ao Guilherme Ribeiro de Moura, minha família e equipe de dois, que também teve culpa se tudo deu certo.

Aos meus pais, pelo incentivo e apoio.

Obrigada, gente.

Toda busca de sentido envolve interpretações, pontos de vista. Procurar os contornos da imagem da mulher na imprensa feminina brasileira é, antes de mais nada, uma leitura pessoal de uma série de elementos encadeados. A linguagem não serve só para relatar ou descrever. A linguagem *diz* as coisas. E a imprensa feminina, sendo linguagem, *diz* a mulher.

(Dulcília Schroeder Buitoni)

## RESUMO

SKURA, Ivania. **Sociedade e imprensa: representações de *beleza de mulher* no jornal *Folha do Norte do Paraná***. 117f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2015.

Esta investigação busca analisar representações que evocam relações entre mulher e beleza, evidenciando sentidos e interpretações surgidas do material empírico, a coluna Folha Feminina do Jornal Folha do Norte do Paraná, especificamente no período que compreende os anos de 1962, 1963 e 1964. Visou-se identificar, neste espaço, representações nos discursos jornalísticos que permearam as noções de feminilidades vigentes na década de 1960, em um recorte que abarca reportagens nas quais o tema da beleza, categoria mais representativa dentre o corpus, fez-se presente. No jornal Folha do Norte do Paraná, meio de comunicação comercial que circulou na região entre os anos de 1962 e 1979, cuja posse era da Igreja Católica, diocese de Maringá/PR, a coluna feminina é a única seção que fala explícita e diretamente com as mulheres. Ao olhar para as representações de beleza de mulher, fez-se uso da análise de conteúdo como procedimento metodológico para investigar essas comunicações. Notamos, nesse período, discursos que produzem sentidos estereotipados de gênero, que regem normas e condutas consideradas como adequadas para o público feminino, mas também ficou evidente que há, em tais materializações, pequenas pistas de fissuras no padrão uniformizador. Observando as relações de poder presentes nas condições de produção dessas mensagens, que envolvem duas instituições de destaque (a Imprensa e a Igreja Católica), compreendemos a referida mídia impressa regional como fonte de pesquisa histórica, de modo que a mesma evidencia valores, noções e modelos sociais que permitem enxergar como representações polifônicas de mulheres, que perpassavam o imaginário social no estado do Paraná à época, participaram na construção de uma cultura de (des)igualdade de gênero nos veículos de comunicação.

**Palavras-chave:** Mulher, Gênero, Folha do Norte do Paraná, Comunicação.



## ABSTRACT

SKURA, Ivania. **Society and press: representations of *woman beauty* in the newspaper *Folha do Norte do Paraná***. 117f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2015.

This research aims to analyze representations evoking relations between women and beauty, showing senses and interpretations that emerge from the empirical material, the *Folha Feminina* column (a female column) of newspaper *Folha do Norte do Paraná*, specifically in the period comprising the years 1962, 1963 and 1964. It was aimed to identify, in this newspaper, representations in journalistic discourses that permeated the notions of femininity prevailing in the 1960s, in a cutout that includes reports in which the theme of beauty, most representative category from the corpus, appeared. The newspaper *Folha do Norte do Paraná* was a commercial media that circulated in the region between 1962 and 1979 and was owned by the Catholic Church, diocese of Maringá/PR. The female column is the only section that speaks explicitly and directly with women. It was used Content Analysis as a methodological procedure to investigate such reports. We have noted speeches that produce stereotypical meanings of gender, governing norms and behaviors considered suitable for the female audience, but it was also evident there was, in such embodiments, small tracks of cracks in the standard pattern. Noting the power relations present in the conditions of production of these messages, which involve two prominent institutions (the press and the Catholic Church), we understand the regional printed media as a historical source which demonstrates values, models and social concepts that allows to perceive how polyphonic representations of women, that pass the social imaginary in the state of Paraná at the time, participated in the construction of a culture of (in)equality of gender in the media.

**Keywords:** Woman, Gender, *Folha do Norte do Paraná*, Social Communication.

## LISTA DE IMAGENS E QUADRO

Imagem 1. Logotipo do jornal Última Hora.....	33
Imagem 2. Folha Feminina em 1962.....	37
Imagem 3. Folha Feminina em 1963.....	37
Imagem 4. Folha Feminina em 1964.....	38
Imagem 5. A beleza antes de tudo.....	77
Imagem 6. Beleza e maneiras a mesa.....	79
Imagem 7. Cuide de sua beleza.....	82
Imagem 8. Saiba “fazer seu rosto”.....	86
Imagem 9. Os cabelos curtos no FNP.....	88
Imagem 10. Cuidados com a pele e os olhos.....	94
Quadro 1. Logotipos do FNP de 1962 a 1979.....	33

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Corpus documental Folha do Norte do Paraná de 1962 .....	47
Tabela 2. Corpus documental Folha do Norte do Paraná de 1963 .....	48
Tabela 3. Corpus documental Folha do Norte do Paraná de 1964 .....	50
Tabela 4. Matérias sobre beleza em 1962 .....	53
Tabela 5. Matérias sobre beleza em 1963 .....	56
Tabela 6. Matérias sobre beleza em 1964 .....	60
Tabela 7. Frequência de temas nas publicações sobre beleza .....	71

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>CAPÍTULO 1: SOCIEDADE E IMPRENSA: O JORNAL FOLHA DO NORTE DO PARANÁ</b> .....	21
<b>1.1 Maringá, no Norte do Paraná</b> .....	21
<b>1.2 A Igreja, o bispo e o jornal</b> .....	24
<b>1.3 Aproximando-se das páginas do jornal</b> .....	31
<b>1.4 A Folha Feminina como fonte e objeto de pesquisa</b> .....	36
<b>CAPÍTULO 2: MULHER E BELEZA: CAMINHOS PERCORRIDOS</b> .....	42
<b>2.1 Compreensões sobre a mídia, as representações e os estudos de gênero</b> .....	42
<b>2.2 Cotejando a empiria</b> .....	45
<b>CAPÍTULO 3: NA BELEZA SE ANCORA A FEMINILIDADE: REPRESENTAÇÕES DE BELEZA DE MULHER</b> .....	73
<b>3.1 A beleza como recorte temático</b> .....	74
<b>3.2 A beleza antes de tudo</b> .....	77
<b>3.2.1 O rosto, a maquiagem e os cabelos</b> .....	85
<b>3.2.2 O argumento médico da beleza, os regimes e a temida velhice</b> .....	90
<b>3.2.3 A bela mulher que trabalha fora</b> .....	98
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	105
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	110

## INTRODUÇÃO

As ciências humanas frequentemente têm pautado a preocupação com a temática dos estudos de gênero, das representações sociais, das relações de poder e temas congêneres, sendo também esta, em termos gerais, parte do foco da presente investigação. A pesquisa surgiu da inquietação em compreender construções socioculturais históricas do espaço da mulher na sociedade, segundo um recorte regional, que permitam olhar para contribuições pelas quais se pode pensar a constituição das identidades da mulher paranaense, em uma perspectiva que contemple os estudos de gênero como lente conceitual crítica.

Os indivíduos e as sociedades estabelecem múltiplas relações perpassadas tanto pela inibição e proibição de normas e leis quanto pelo conhecimento, linguagem, instrução e cultura, em um movimento de complementaridade e antagonismo. Somos sujeitos de realidades existenciais variadas, e fazemos parte de sistemas biológicos e sociais de organização complexa. Esta organização parte tanto do Estado – com suas ramificações locais, regionais e nacional –, como de interações entre indivíduos ou grupos. Em um processo social contínuo e ininterrupto, por meio das interações entre as pessoas que produzem um todo organizador, produz-se esta sociedade que, por sua vez, retroage sobre os sujeitos, para coproduzi-los como indivíduos humanos (MORIN, 2005).

Com base nesta compreensão da complexidade e das relações que permeiam sociedade em desenvolvimento, portanto, buscamos observar os processos de formação humana, em uma perspectiva interdisciplinar, no intuito de compreender como movimentos socioculturais e significações influenciam a compreensão do objeto de estudo. Esta dissertação, desta maneira, insere-se em um programa de pós-graduação (nível de mestrado) interdisciplinar, com a área de concentração denominada Sociedade e Desenvolvimento, na linha de pesquisa Formação humana, processos socioculturais e instituições.

O objetivo deste trabalho é, nesse sentido, investigar a materialização de representações de beleza de mulher veiculadas em um meio de comunicação que é tanto fonte quanto objeto de estudo: o jornal impresso Folha do Norte do Paraná (FNP), fundado pela diocese de Maringá, por meio da iniciativa do bispo Dom Jaime Luiz Coelho, publicado pela primeira vez em 25 de setembro de 1962. Na lida empírica com tal material, assim, já ficam evidentes as significações permeadas por relações de poder aí exercidas por duas instituições principais de destaque: a imprensa/mídia e a Igreja Católica.

A imprensa alcançou as dimensões pelas quais a conhecemos hoje somente no fim do século XIX, mas já no século XV, com a invenção do tipo móvel<sup>1</sup> de Gutenberg, intensificou a divulgação do saber com suporte na impressão de livros, revistas, jornais e panfletos (SILVA; FRANCO, 2010). Já o jornal impresso, como fonte e objeto de pesquisa, só adquiriu legitimidade por meio da proposta de compreensão da vida humana, do passado e suas complexidades, inaugurado pela escola dos *Annales*<sup>2</sup>, que ganhou notoriedade – sobretudo a partir da sua terceira geração na década de 1970 – por intermédio da inserção de novos problemas, novas abordagens e novos objetos, dando corpo a uma nova perspectiva historiográfica (LE GOFF; NORA, 1976a, 1976b, 1976c).

A relação entre História e fontes de pesquisa foi redimensionada quando a confluência desta com outras ciências possibilitou olhar para novos materiais com possibilidades de serem abordados. As fontes passaram a ser aquilo que o historiador enxerga como passível de análise, compreensão e interpretação, ganhando o jornal espaço dentro dessa nova episteme (CAVALCANTE, 2002; SILVA; FRANCO, 2010; RIBEIRO; SILVA; SILVA, 2014). Assim,

A importância da nova escola teórica seria decisiva não só para a História, mas também para diversos campos de saberes, inclusive a comunicação<sup>3</sup>, em função de dois postulados centrais: a percepção da importância dos diálogos disciplinares, reconhecendo a necessidade de aproximação com os bons vizinhos da História, e a vinculação da pesquisa histórica às preocupações do presente (BARBOSA, 2014, p. 192).

Neste trabalho, compreendemos a análise das representações da mulher<sup>4</sup> presentes nas páginas do jornal Folha do Norte do Paraná, portanto, como uma tarefa interdisciplinar, ao

---

<sup>1</sup> Dispositivo anterior às impressoras, é uma prensa que transfere a tinta para papel ou tecido. Alocam-se pequenas peças de blocos metálicos esculpido em relevo (os tipos), que formam palavras e símbolos na placa matriz, a qual servia como uma espécie de grande carimbo para a reprodução técnica da escrita.

<sup>2</sup> Os *Annales d'Histoire Économique et Sociale* foi uma revista acadêmica francesa que, na intenção de problematizar as perspectivas hegemônicas da época, difundiu uma abordagem nova e interdisciplinar da história, voltada para o método das ciências sociais. No movimento dos *Annales* expressaram-se inquietudes e experiências de um novo exercício histórico, ao propor a pesquisa de sujeitos e objetos como mulher e família, infância e educação, livro e leitura etc., tratando do cotidiano e das contradições da história humana em um movimento desenraizado da noção positivista (RIBEIRO; SILVA; SILVA, 2014; BURKE, 1997; LE GOFF, 1990).

<sup>3</sup> Demarcamos o campo da comunicação social como pano de fundo e interface das discussões primeiro porque, como “bom vizinho” da história, concedeu-nos elementos teóricos e procedimentos metodológicos para a investigação e, em segundo lugar, destacamos a impossibilidade de desconsiderar o enlace entre conhecimentos da comunicação e os estudos que compõem o trabalho, já que a autora tem formação nesta área.

<sup>4</sup> Destaca-se que, no contexto tratado, quando se fala de “mulher”, as mensagens dirigiam-se geralmente às mulheres brancas, com determinada capacidade de consumo e estilo de vida. Buitoni (2009) comenta que o alvo principal de uma publicação comercial, na década de 1960, “só podia ser a mulher de classe média urbana (geralmente casada), que tem mais poder aquisitivo para comprar os bens anunciados em suas páginas” (BUITONI, 2009, p. 105). Discussões sobre marcadores sociais de diferenças que envolvem raça/etnia e classe

passo que envolve conceitos-chave provindos de diversas áreas do conhecimento, tais como: a história, a educação, a comunicação, além de outros campos fronteiriços a estes, como a arquivologia, a antropologia e a sociologia.

As discussões de gênero, da mesma maneira, envolvem um processo de construção histórica, social, política e econômica de feminilidades e de relações de poder constituídas, que ultrapassam abordagens disciplinares. Compreende-se, assim, que “Conceituar gênero é caminhar por uma trilha que ainda está sendo construída e tem muito a ver com política e teoria” (ALVES, 2012, p. 40).

Gênero é um termo proposto pelos que defendem que “a pesquisa sobre mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas no seio de cada disciplina” (SCOTT, 1994, p. 3). Scott (1994) aponta que inscrever as mulheres na história implica um alargamento das noções tradicionais do que se considera historicamente importante, o que resulta não só em uma nova história das mulheres, mas em uma nova história como campo de conhecimento.

Os estudos de gênero discutem desigualdades entre o feminino e o masculino, compreendendo que as mesmas são construídas em determinados momentos históricos e sociedade, e abandonando determinismos biológicos e modelos de conduta pré-estabelecidos para homens e mulheres. Defende-se que questões diárias de gênero devem ser problematizadas, principalmente porque é comum encontrar resistência quando se lida com uma desconstrução do que já está posto como “adequado” e “correto”. No seio de tais discussões, questionar os “naturalizados” papéis de gênero, que frequentemente desvalorizam uma parte em função da outra, é componente da busca pela igualdade que envolve a mudança de noções engendradas em um imaginário social e cultural bastante sexista que foi se consolidando historicamente. Lembra Pinsky que,

Quando falamos em gênero, estamos falando da construção cultural do que é percebido e pensado como diferença sexual, ou seja, das maneiras como as sociedades entendem, por exemplo, o que é ‘ser homem’ e ‘ser mulher’, e o que é ‘masculino’ e ‘feminino’. Assim, podemos tratar essas noções como conceitos históricos [...] encarados como concepções produzidas, reproduzidas, mas também transformadas ao longo do tempo, que podem variar em cada contexto social (PINSKY, 2014, p. 11).

Esta pesquisa, nesse movimento, ao problematizar as relações de gênero, pretende identificar os discursos<sup>5</sup> do jornal Folha do Norte do Paraná que permearam as noções de beleza feminina vigentes na década de 1960 (anos de 1962, 1963 e 1964), abrangendo, desta maneira, a identificação da imagem social de mulher, as conexões entre mulher, beleza e relações de poder presentes nesta mídia impressa, e suas possíveis representações dos modos de ser e viver como mulher à época. Antes, porém, evidenciaremos o contexto do qual parte este estudo, para deixar claros os pontos de partida.

Cabe destacar que a proposta de investigação está em sintonia com as proposições do Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (2013-2015), que tem como princípios orientadores a busca pela igualdade entre mulheres e homens em todos os espaços, bem como o respeito à diversidade e combate a qualquer forma de discriminação (BRASIL, 2013). Abarca, ainda, um dos desafios do milênio promovidos pela Organização das Nações Unidas: promover a igualdade de gênero e valorização da mulher (PNUD, 2014), que se liga diretamente à ideia de desenvolvimento social.

Quanto ao jornal Folha do Norte do Paraná, tal mídia impressa constituiu-se como um dos principais veículos regionais nas décadas de 1960 e 1970, sendo o segundo maior periódico a circular no norte paranaense, e dispõe de um rico acervo de materiais. Não obstante, tem sido pouco explorado como fonte de pesquisa, bem como para discussão das relações de gênero contidas em mídia impressa nos estudos sobre a região norte do Paraná, tema de relevância social e científica, uma vez que a investigação acerca dos processos de hierarquização de gênero configura-se como um desafio sociocultural da atualidade.

Para trabalhar com o jornal Folha do Norte do Paraná – doravante abreviado por FNP –, analisando e evidenciando de modo sistemático esse corpus documental, é preciso delimitar o estudo do objeto, garantindo assim que seja possível concluir esta tarefa que demanda tempo e empenho consideráveis<sup>6</sup>. Por isso, “a necessidade de uma escolha temática por parte do pesquisador de jornais se faz desde logo primordial, devido ao caráter universal e

---

<sup>5</sup> “Chama-se geralmente *discurso*, na prática das análises, toda a comunicação estudada, não só ao nível de constituintes elementares (a palavra, por exemplo) mas também e sobretudo a um nível igual e superior à frase (proposições, enunciados, sequências)” (BARDIN, 2011, p. 217).

<sup>6</sup> No entendimento de Cavalcante (2002, p. 9), para se trabalhar com jornais, “o ideal é que seja desenvolvido por um grupo e integre um programa ou um núcleo de pesquisa. Com jornais, o pesquisador individual estará em oceano aberto, movimentando-se com muita lentidão [...] por isso, é recomendável a formação de grupos que imprimam, pela cooperação e somatório de esforços, uma maior velocidade no trabalho de seleção, registro e análise de notícias”. Este estudo, justamente, se insere em investigação mais ampla desenvolvida desde 2011 pelo grupo de pesquisa Cultura e Relações de Poder, da Universidade Estadual do Paraná, Câmpus de Campo Mourão, a qual visa analisar as representações de mulheres no jornal Folha do Norte do Paraná. A proposta de pesquisa parte, portanto, de discussões e resultados de estudos que já vêm sendo realizados nos últimos anos. Mais informações sobre produções bibliográficas, materiais, acervos e pesquisas realizadas pelo grupo podem ser acessadas em: [www.fecilcam.br/culturaepoder](http://www.fecilcam.br/culturaepoder).



enciclopédico do ato de noticiar” (CAVALCANTE, 2002, p. 3). Dessa maneira, ao elencar a representação da mulher como elemento problemático do estudo, decidiu-se por utilizar como corpus matérias diretamente voltadas ao público-alvo mulher, produzidas, em grande parte, por jornalistas mulheres – a coluna feminina intitulada Folha Feminina, presente no FNP.

A Folha Feminina (recorte espacial) é a única seção do FNP que fala diretamente com as mulheres e, em vista da quantidade de matérias encontradas – 40 reportagens em 1962, 104 em 1963 e 80 em 1964, em um total de 224 –, foi necessário estreitar o corpus de modo a aprofundar as análises. Especificamente no período que compreende os anos de 1962, 1963 e 1964 (recorte temporal), assim, visou-se identificar representações que abarcam o tema da beleza (recorte temático), categoria mais representativa dentre o corpus.

A Folha Feminina representa, assim, um contorno estratégico de pesquisa sobre o assunto, já que “colunas fixas assinadas [...] geralmente identificam a recorrência de uma ótica e abordagem e/ou privilegiamento de temas e de vozes autorizadas” (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 262). Colunas femininas configuram-se como discursos midiáticos envoltos em relações de poder, ao passo que regulam condutas e modos de agir, entre outros aspectos (LOURO; NECKEL; GOELLNER, 2003).

Pautados na noção de que todo enunciado é uma tentativa de convencimento, e cientes de que as matérias jornalísticas são plurais e multifacetadas (atendendo a interesses diversos), compreendemos que é possível identificar, no período investigado, referências à atuação e ao espaço da mulher neste âmbito. Não é pretensão, contudo, generalizar conclusões ou mostrar o FNP como detentor de verdade ou de uma representação fiel da realidade social à época, mas analisar e questionar as representações existentes nesta fonte pertinente para a pesquisa da história.

Tendo em vista que o FNP veiculou mais de 4.500 publicações entre os anos de 1962 e 1979<sup>7</sup>, e já elucidada a necessidade de um recorte espaço-temporal para o estudo, cabem algumas considerações. O período analisado engloba os primeiros anos da fundação, disseminação e fortalecimento da mídia impressa investigada, que se iniciou em 1962, com a primeira edição do jornal, até os anos de 1963 e 1964, permitindo uma análise das possíveis influências de diversos movimentos, forças e relações que permeavam o período.

---

<sup>7</sup> A última edição trouxe a informação: ano XVIII, nº 4.679. O jornal Folha do Norte do Paraná está digitalizado e o acervo encontra-se sob a guarda do grupo de pesquisa Cultura e Relações de Poder, o qual possui exemplares do período em que circulou o periódico. Para a pesquisa, conta-se ainda com uma pré-tabulação das matérias e anúncios, feita por pesquisas anteriores e organizada em planilhas temáticas por ano, seção e assunto, indicando vasto material para análise da coluna feminina, corpus que é utilizado nesta investigação.

Nesse período – início da década de 1960 –, em âmbito internacional, podemos mencionar o movimento da contracultura, que se opôs aos princípios de uma sociedade conservadora; a “explosão do feminismo” (SOIHET; PEDRO, 2007) ocorrida ao longo da década de 1960, e o Concílio do Vaticano II, movimento vinculado à Igreja Católica e realizado entre os anos de 1962 e 1965. Já em nível nacional, destacam-se a industrialização e modernização do Brasil nos anos 1960; a publicação do Estatuto da Mulher casada (lei homologada pela Presidência da República em 1962); a definição do Marco regulatório dos meios de comunicação (1963); a realização, em boa parte do território nacional, das famosas Marchas da Família com Deus pela Liberdade (1964), entre outros acontecimentos.

No contexto brasileiro, o recorte temporal de 1962 a 1964 denota, ainda, uma fase de transição de um governo democrático para a instabilidade política protagonizada pelo regime militar, em 1964 e, em uma visão mais regional, permite notar modificações no cenário econômico em especial no norte do Paraná, em processo de urbanização e industrialização.

Em um complexo cenário como esse, repleto de mudanças e de reivindicações sociais, acreditamos que a análise e problematização das representações da mulher da década de 1960 permitem discutir também as práticas atuais (SCOTT, 1994; SOIHET; PEDRO, 2007; PINSKY, 2012), de modo a pôr em pauta a construção de uma cultura igualitária e democrática relacionada ao gênero nos veículos de comunicação, já que a comunicação social é um campo interdisciplinar estratégico para a compreensão da contemporaneidade (CRUZ; PEIXOTO, 2007; SILVA; FRANCO, 2010).

Encarar a imprensa escrita como espaço privilegiado de informação e difusão de padrões para o público feminino (LIPOVETSKY, 2000; KELLNER, 2001; SANTAELLA, 2004) – e, por este viés, destacar que atitudes em relação ao gênero são aprendidas – possibilita-nos compreender que a informação, a educação, a ciência e demais componentes sociais são elementos essenciais no processo de construção da igualdade entre os gêneros. Deste modo, é possível, ainda, o entendimento do complexo processo de categorização e reiteração de modelos construídos ao longo do tempo e que podem ser desconstruídos para evidenciar as relações de poder e as intenções que permeiam o processo de construção e difusão das representações veiculadas. Assim, “O masculino e o feminino não existem senão através das repetições, como normas de comportamento e não como absolutos” (LE BRETON, 2014, p. 19).

Se, no espaço da significação, as representações constituem-se como formas de classificar e de perceber – isto é, como instituições sociais que denotam divisões da organização social e práticas que constroem o próprio mundo social (CHARTIER, 1991) –, as

representações de mulheres são modos de produzir significados na cultura pela linguagem, e a produção de sentidos se dá por sistemas simbólicos que são atravessados por instituições, instrumentos, saberes e poderes (SANTAELLA, 2004). Com base na ideia de representação e de práticas culturais, desvendam-se, assim, as produções que partem das apropriações que cada ator cultural realiza ao (re)construir os textos que pertencem ao seu mundo (BARBOSA, 2014).

Por e a partir disso, adotamos a interdisciplinaridade, principalmente em um movimento de troca e de posicionamento no qual há flexibilidades entre os campos da comunicação e da história, como processo metodológico de construção do conhecimento com base em relações com o contexto e reflexões dialéticas que desvelem uma realidade complexa e multifacetada, visando integrar conhecimentos. Assim, partilhamos das concepções de Alvarenga et al. (2011), quando olhamos para a interdisciplinaridade como uma (re)ligação de saberes, sendo um campo de conhecimento em construção, que integra a ciência propondo novas relações entre sujeitos e objetos.

Nesse mesmo movimento, em uma visão mais próxima da empiria, adotamos como procedimento metodológico a análise de conteúdo de Bardin (2009), que regeu, em linhas gerais, as etapas descritas a seguir. Em um primeiro momento, procedeu-se à seleção e organização do material documental (pré-análise). Na sequência, previu-se a análise dos documentos tendo como base as hipóteses e referenciais teóricos, pelos quais foram identificados temas de estudo e tramas de relações, podendo-se fazer a sua decodificação, classificação e categorização (descrição analítica). Por fim, coube a elaboração de inferências e relações entre as bases documentais e teoria, mediante os dados empíricos e informações coletadas, permitindo a compreensão das relações entre o objeto de análise e seu contexto mais amplo (interpretação referencial).

Esta metodologia atendeu à proposta de pesquisa justamente porque “desde que se começou a lidar com comunicações que se pretende compreender para além dos seus significados imediatos, parecendo útil o recurso à análise de conteúdo” (BARDIN, 2011, p. 34). Este é um processo abrangente e dialógico, que permite um equilíbrio entre liberdade e rigidez conceitual.

As teorias que sustentam o estudo são, deste modo, os estudos de gênero, a análise de conteúdo e o conceito de representações de Roger Chartier. A abordagem tem cunho misto, pois envolve procedimentos quantitativos e qualitativos.

Tendo delineado nossa problemática de estudo, optamos por dividir a discussão em três grandes partes. O primeiro capítulo, que tem como eixo norteador a apresentação de

vinculações externas e internas do jornal, busca compreender alguns aspectos históricos desta mídia impressa, o imaginário de “Norte do Paraná” em que se insere o FNP, além de outros elementos que compreendemos como importantes ferramentas auxiliares para uma investigação desta natureza. O panorama retratado em tal capítulo é entendido não como efeito de verdade, mas como representações observadas diante dos recortes de inúmeros materiais que relataram e retrataram a região e o periódico enfatizados neste estudo.

O segundo capítulo explicita o lugar de análise do corpus da investigação e, dessa maneira, traz à tona as bases teóricas que utilizamos para compor a etapa empírica da investigação. Para o estudo das reportagens da Folha Feminina, apresentamos tabelas descritivas do material documental organizadas em tópicos por ano e categorias temáticas, por um viés metodológico que denota os passos da investigação empírica, dando início a uma análise que se aproxima das representações confrontando texto e contexto.

O terceiro capítulo desvenda a análise e interpretação do corpus de pesquisa, as representações que evidenciam as relações entre mulher e beleza, evidenciando discursos e significados presentes nas páginas desta mídia impressa que, nos anos 1960, denotou noções que podem ter auxiliado a (con)formar identidades da mulher norte-paranaense. Partindo de um contexto de produção de representações, objeto de problematização valioso para a compreensão das formas e modelos adotadas pela mídia impressa, aponta-se a importância social da imprensa e sua influência nas discussões de gênero. Os assuntos da imprensa feminina, os elementos recorrentes e as formas de resistência foram problematizados com base em um olhar que privilegiou as potencialidades de discussão das reportagens que abordam a temática mulher e beleza – em um sentido estritamente ligado à “boa aparência feminina” e à beleza tida como âncora da feminilidade nestas representações. Esta categoria foi, assim, dividida em subcategorias que se aprofundam com base em exemplos empíricos do corpus documental e de discussões teóricas que sustentam inferências. Estas subcategorias se enlaçam em uma ampla discussão que reúne, portanto, os resultados de pesquisa e as reflexões elaboradas e aprimoradas conforme o desenrolar da investigação.

## **CAPÍTULO 1**

### **SOCIEDADE E IMPRENSA: O JORNAL FOLHA DO NORTE DO PARANÁ**

O jornal Folha do Norte do Paraná (FNP), fonte e objeto de estudo desta investigação, não pode ser compreendido como (re)produtor de cultura e valores regionais sem que se conheçam os detalhes de suas condições de criação, produção e circulação. Por isso, este capítulo busca evidenciar o local de seu surgimento, a instituição à qual se vinculava (Igreja Católica, diocese de Maringá) e o que significava uma mídia impressa deste porte na década de 1960 na região Norte do Paraná.

Nessa perspectiva, apresentamos as vinculações externas do jornal, tais como o “Norte do Paraná”, a história e relação da cidade de Maringá, sede do periódico, com o FNP e a Igreja Católica, assim como a fundação, consolidação e término de circulação do jornal. Dentre as vinculações internas do FNP, destacamos visões sociopolíticas da linha editorial, diagramação e elementos gráficos, iconográficos e textuais, formato, preço, tiragem, distribuição, circulação e identidade visual desta mídia impressa.

No processo de análise das matérias do jornal, a importância de contextualizar suas condições de produção vem da necessidade de discutir não só o que está apresentado nas páginas desta mídia impressa, mas como está sendo representado, para denotar as relações de poder e significados identitários dos quais ele é porta-voz. Neste mesmo capítulo, ainda, retrata-se preliminarmente a discussão da posição em que a mulher é evidenciada nesse periódico, de suas representações e de alguns resultados obtidos por outras pesquisas.

#### **1.1 Maringá, no Norte do Paraná**

De maneira geral, podemos afirmar que, na literatura, a enunciação da expressão "Norte do Paraná" evoca, com frequência, representações como progresso, modernidade, colonização racional, ocupação planejada e pacífica, riqueza, cafeicultura etc., noções resultantes de um discurso construído entre os anos 1930 e 1960, ligado ao processo de (re)ocupação do Norte do Paraná e acentuado pela ação da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), mais tarde denominada Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP). Contudo, é preciso notar que este não é o único modo de ver e historiar a referida região, sendo necessária a problematização de silêncios produzidos por esse discurso, de verdades que, academicamente, são consideradas como fatos dados, e de idealizações do

passado elaboradas conforme interesses de determinados grupos sociais (TOMAZI, 1997; ARIAS NETO, 1995).

O modo como surgiu Maringá, “uma cidade planejada, cuja localização e o traçado já haviam sido definidos antes mesmo da derrubada da primeira árvore” (RUBINO, 2010, p. 66), é uma das características definidoras da identidade da região: “uma cidade que surgiu de uma prancheta” (SILVA, 2011, p. 18). Sendo um empreendimento da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná que almejava “uma cidade de destaque em todo o Estado. [...] fazendo-a desenvolver rapidamente, inicialmente com a cultura do café e depois com outras culturas agrícolas” (NAVAS, 2013, p. 9), o município planejado foi fundado em 1947.

Anteriormente, no entanto, o solo de terra roxa que hoje compreende a cidade de Maringá, recoberto pela mata original, ainda não chamava a atenção dos colonizadores (RUBINO, 2010), tendo sido a região habitada por populações desde uma época bastante remota<sup>8</sup>.

Com a chegada da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP) à região, no início da década de 1940, observou-se o interesse da colonizadora em construir Maringá como uma cidade de referência na região, à imagem de Londrina naquela época (NAVAS, 2013). A CMNP investiu em propaganda de loteamento para estimular a migração, principalmente voltada aos paulistas. Os anúncios davam destaque à fecundidade da terra para o cultivo do café, o chamado “ouro verde”. A partir disso, o planejamento urbano de Maringá foi se efetivando (TOMAZ, 2010).

Entre os anos de 1940 e 1960, observou-se o aumento do movimento migratório de pessoas de diversas localizações do país para o Norte do Paraná (PASQUINI, 2009) e a formação da cidade de Maringá, partindo de um projeto que impulsionou a transformação da paisagem natural em um cenário urbano e agrícola. A ocupação e colonização paranaenses, ocorridas principalmente entre os anos 1950 e 1960, fizeram com que a região Norte, com base no interesse econômico, atraísse compradores de terra que se ocupavam em larga escala pela cafeicultura (SERRA, 2010).

---

<sup>8</sup> Desse modo, a presença de índios Guarani, Kaingang, Xokleng e Xetá na região remonta há cerca de 7.000 anos antes da chegada dos chamados pioneiros. Ali podia ser encontrada a “Tradição Humaitá”, segundo vestígios materiais (TOMAZ, 2010; ROBLES, 2007; NOELLI; MOTA, 1999). Nas primeiras décadas do século XVI, guerras de conquista contra indígenas que viviam na região hoje denominada de Norte e Noroeste do Paraná, localizadas entre os rios Paranapanema, Tibagi e Ivaí, eram justificadas em nome de um rei soberano ou por questões religiosas, como as reduções jesuíticas, de modo que os índios foram sendo expulsos das terras e reduzidos a pequenas reservas (TOMAZ, 2010). Segundo Robles (2007), a Igreja Católica instalou nesta região algumas reduções jesuíticas que acabaram extinguindo-se sob ataque dos bandeirantes. A arqueologia e história mostram que nos processos de ocupação dos territórios no vale do Rio Tibagi, estes povos passaram por disputas de territórios, deslocamentos e reacomodações de moradias (MOTA, 2014).

Os chamados “pioneiros” ainda são lembrados como parte da tradição histórica local, como construções narrativas e/ou discursivas que auxiliam no processo de engrandecer o passado e a origem dessa região. Essa memória comum aos moradores, como um “mito fundador” da cidade, legitima um “sentimento regionalista” unificando, em certa medida, as identidades (TOMAZ, 2010).

Em vista do exposto, podemos dizer que a ideia do “cidadão norte-paranaense” como personagem e elemento essencial no discurso “Norte do Paraná”, foi criada pela afirmação de uma terra vazia e da mata virgem, em um conjunto de representações que visavam legitimar o processo de (re)ocupação. Diferenciamos, contudo, a região situada ao norte do estado do Paraná, passível de ser cartografada e delimitada por vários critérios (geográficos, políticos, econômicos, etc.), e o discurso “Norte do Paraná”, construção e visão histórica vinculada à manutenção de uma imagem de interesses elitistas (TOMAZI, 1999).

Do mesmo modo que o processo de (re)ocupação, a imigração e a agricultura, entre outros fatores, auxiliaram na criação de uma visão das origens do “Norte do Paraná”. Nesse mesmo movimento, a cidade de Maringá foi, aos poucos, protagonizando discursos e significados que atualmente a identificam e retomam sentidos presentes no imaginário social.

Assim, a também chamada cidade-canção teve seu nome inspirado na canção de nome “Maringá”, composta em 1931<sup>9</sup>. A música, sucesso entre as décadas de 1930 e 1940, era cantada pelas pessoas que trabalhavam na derrubada da mata (PASQUINI, 2009) e baseava-se em uma lenda paraibana sobre a moça Maria do Ingá, que partiu e deixou saudades a um rapaz enamorado. A lenda que acabou virando o nome da cidade “foi usada como artifício tanto da parte do compositor, como da parte da Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná, os quais se utilizaram deste objeto folclórico para atender seus próprios interesses” (GARUTTI, 2012, p. 61).

O movimento de reconhecer a lenda da Maria do Ingá como elemento do folclore é, portanto, uma fala coletiva que, com o tempo, popularizou-se, de modo que, embora seja uma lenda bastante comentada, muitos ainda não saibam de sua origem (GARUTTI, 2012). Em vista disso, a cidade passou a ser também conhecida como cidade-canção quando, em 1962, chegou ao então secretário de administração, Antenor Sanches, uma carta de Minas Gerais em que uma estudante solicitava dados estatísticos sobre a cidade, afirmando querer “conhecer melhor a cidade que nasceu de uma canção” (SANCHES, 2006 apud PASQUINI, 2009).

---

<sup>9</sup> Um trecho da canção de Joubert de Carvalho (1900-1977) tem a seguinte letra: “Maringá, Maringá / Depois que tu partiste, / Tudo aqui ficou tão triste, / Que eu garrei a maginá / Maringá, Maringá, / Para havê felicidade, / É preciso que a saudade / Vá batê noutra lugá”.

Maringá também é chamada de cidade-verde, termo que vem do planejamento de sua arquitetura, a qual possui características do modelo inglês de “cidades-jardim”, em que se observa um traçado irregular conforme condições naturais do relevo, de maneira que a malha urbana com traços curvilíneos contorna as praças e, em meio a esse ambiente, permanecem grandes bosques (TOMAZ, 2010). Elitizado, o espaço verde ao centro da cidade fazia parte de seu planejamento, passando a compor uma identidade local. Percebe-se, portanto, que Maringá “não nasceu uma cidade verde, essa imagem foi construída *a posteriori*” (SILVA, 2011, p. 17).

Quando se discute a história de Maringá, nota-se que a Igreja Católica sempre esteve presente por meio de sua influência política e econômica (GARUTTI, 2013). Já no início da fundação da cidade, a instituição eclesiástica mantinha boas relações com a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná que apoiou financeiramente a Igreja, concebendo espaços e prestigiando a instituição como parceira na constituição de uma sociedade ordeira, pacífica e moderna (SILVA, 2011).

As representações de desenvolvimento, de progresso e de consolidação de Maringá associam a cidade à presença indelével da Igreja Católica durante estes processos. A cidade-verde/cidade-canção norte-paranaense, que, por iniciativa da Igreja Católica, foi sede da inauguração, consolidação e origem de circulação do jornal FNP, tinha, em sua criação, bem antes do surgimento do periódico, uma relação com a fundadora da mídia impressa regional.

## 1.2 A Igreja, o bispo e o jornal

Na cidade fundada oficialmente em 1947, com menos de uma década de existência, em 1 de fevereiro de 1956, sob o pontificado de Pio XII, Maringá foi elevada à condição de diocese, pela bula *Latissimas Partire Ecclesias*<sup>10</sup>. Em dezembro de 1956, Dom Jaime Luiz Coelho foi escolhido e nomeado como bispo, sendo, com 40 anos de idade, um dos mais jovens membros do episcopado brasileiro (ROBLES, 2007). Vindo de São Paulo, em sua posse episcopal, quando chegou à cidade, o chamavam de “culto príncipe da Igreja” (SILVA, 2011) e, desde então, o bispo atuou no cenário político e cultural não somente de Maringá, mas de toda a sua diocese.

---

<sup>10</sup> A bula, como refere o nome, intencionava dividir as Igrejas mais extensas. À época da posse de Dom Jaime, a diocese contava com 450.000 habitantes, de modo que compreendia 24 municípios. Nestes, estavam instaladas 15 paróquias – Maringá (Catedral e São José Operário), Alto Paraná, Bom Sucesso, Jandaia do Sul, Loanda, Mandaguaçu, Mandaguari, Marialva, Nova Esperança, Nova Londrina, Paraíso do Norte, Paranavaí, São João do Caiuá, e Tamboara, sob os cuidados de 22 padres e 7 diocesanos (ARQUIDIOCESE, 2015).



A institucionalização de uma diocese na região possibilitou a construção de uma identificação sociocultural eclesial (GARUTTI, 2013) e, na história da Igreja Católica no Brasil, Maringá obteve destaque, uma vez que era, até então, a cidade mais jovem que havia recebido um bispo e sido elevada à categoria de diocese (RUBINO, 2010).

Para além do FNP, que seria fundado em 1962, Dom Jaime Luiz Coelho foi o inspirador da construção que hoje é cartão-postal da cidade, a Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória, construída com recursos do poder público e dos fiéis. O bispo também participou da criação da Faculdade de Ciências Econômicas, origem da Universidade Estadual de Maringá, e foi um dos fundadores da TV Cultura, afiliada da Rede Globo (DE PAULA, 2009), tendo ainda feito parte de diversos outros momentos, inclusive políticos, de consolidação da cidade maringaense.

A trajetória de Dom Jaime, sua expressão religiosa e o engajamento político (entendido por muitos como conservador), ajudou a construir uma identidade tanto sociocultural como religiosa em Maringá (GARUTTI, 2013). Deste modo, a atuação do bispo no município, seu envolvimento com a construção do monumento simbólico local e a presença em âmbitos bastante importantes, inclusive na imprensa, há que ser detalhada.

Talvez um dos discursos identitários de maior reverberação social em Maringá, seja aquele que se refere aos princípios de trabalho e religiosidade de seus cidadãos, constituindo o imaginário social definidor de práticas sociais, inclusive na atualidade (RIBEIRO, 1999). Por ter recebido um bispo e uma estrutura de diocese em pouco tempo após a formação da cidade-canção, “ambas, a Igreja e a cidade, cresceram juntas” (SILVA, 2011, p. 17).

Quando se afirma que a Catedral de Maringá foi criação do primeiro bispo maringaense, Dom Jaime Luiz Coelho, é porque, conforme relata Silva (2011), este chegou à cidade em 1957 e já em 1958 havia planejado o projeto arquitetônico da edificação. Com a missão de construir um Seminário e a Catedral na cidade, em 1962, inaugurou-se o Seminário Nossa Senhora da Glória (ROBLES, 2007), mas a Catedral demorou cerca de duas décadas para ser finalizada, possivelmente pela complexidade e recursos envolvidos na sua construção.

O projeto da obra, com mais de 100 metros de altura, chamou a atenção por sua forma estética, que a posicionou entre os mais altos monumentos sacros no mundo. A construção dessa obra foi um dos empreendimentos que mais deu visibilidade ao bispo. O monumento ocupa uma posição central na paisagem urbana de Maringá, mostrando a presença da Igreja Católica na história e na realidade do município, cuja pedra fundamental da construção teria

vindo de dois pequenos blocos de mármore tirados das escavações da Basílica de São Pedro no Vaticano (SILVA, 2011).

O financiamento da construção recebeu inúmeras contribuições de fiéis, mas também contou com o apoio de grupos políticos. O Governo do Estado contribuiu com a construção da edificação assim como a Prefeitura Municipal. De Paula (2009) relata que a influência do bispo Dom Jaime era tão visível que candidatos políticos iam até ele pedir sua bênção, e Silva (2011) denota que, inclusive, o uso da catedral para fins eleitorais parece ter acontecido. Neste cenário, Ubinger e Santos (2007) afirmam que, embora a Igreja e política se distingam, “a política toca o altar” (p. 13).

A Catedral é símbolo de laços de integração e arranjos políticos que constituíram uma interface entre Igreja Católica e sociedade que, por intermédio do bispo, firmou contatos com autoridades políticas e empresariais. A obra é, ainda, um elemento marcante na configuração de uma identidade local para a cidade de Maringá, já que essa construção é patrimônio histórico e cultural do município. Ao mesmo tempo, a edificação presente no centro da cidade expressa acordos e relações de reciprocidade entre dois agentes locais: a Igreja e a cidade. O bispo, politicamente engajado e influente na cidade, contribuiu para que a Catedral fosse entendida como símbolo da fé cristã e da fé no progresso social (SILVA, 2011).

A política da Igreja Católica, não só em Maringá<sup>11</sup>, visava justamente fortalecer sua presença em regiões com crescimento acelerado. Nesse contexto, a cidade-canção representava campo fecundo para a consolidação da Igreja em solos paranaenses (RUBINO, 2010). Na esteira dessas considerações, Ubinger e Santos (2007) e Garutti (2013) apontam que, sendo um homem da Igreja, que pensava com ela e a partir dela, Dom Jaime, no interior da diocese, entre as décadas de 1950 a 1970, formulou, articulou e viabilizou novos modos de atuação dos católicos em diversificados campos sociais.

Conforme a religião católica foi se fazendo presente na criação da cidade (e permanece até hoje), sua força empreendedora, visando alcançar as metas que se almejavam para Maringá, constituiu-se em uma cultura moral. Navas (2013) aponta que a imprensa foi ferramenta de comunicação para construir e desconstruir valores e ideais na sociedade maringense.

Nesse sentido, inclusive, a imprensa foi utilizada com proveito pela Igreja e atuou conciliando interesses com as elites políticas. Ao falar do bispo e da imprensa, Dom Jaime era um porta-voz de destaque na cidade. A Igreja Católica esteve presente diariamente nas

---

<sup>11</sup> Maringá, uma das principais e maiores dioceses do Norte do Paraná e sede Provincial, representou a dinâmica religiosa presente, em geral, nas dioceses sufragâneas de Campo Mourão, Umuarama e Paranavaí.

páginas d'O Jornal de Maringá<sup>12</sup>, com artigos assinados pelo bispo, por representantes locais da Igreja ou outras autoridades eclesiais. Desde 1958, Dom Jaime escrevia matérias para O Jornal, mas “a comunicação pela imprensa foi tão importante para a Igreja Católica que, em 1962, Dom Jaime Luiz Coelho fundou seu próprio jornal” (PASQUINI, 2009, p. 33), o FNP.

De 1962 a 1979, o bispo, além dos textos veiculados n'O Jornal de Maringá, passou a publicar no FNP, periódico fundado por ele e considerado o segundo maior jornal paranaense na época, ficando atrás apenas da Folha de Londrina, do município homônimo (ROBLES, 2007).

O FNP, tendo circulado na região norte do Paraná nos anos 1960 e 1970, fez-se presente por 17 anos como um dos principais veículos de comunicação. Embora não tenha sido pioneiro da imprensa maringaense, o FNP representou avanço tecnológico no setor, porque O Jornal de Maringá, e até mesmo a Folha de Londrina, imprimiam seus exemplares em planas, e o “Jornal do Bispo” (assim denominado por ter sido criado pelo bispo Dom Jaime) possuía uma das primeiras impressoras rotativas do interior, que trabalhava em duas cores (azul e preto), assim como ocorria com os jornais de Curitiba e de São Paulo (DE PAULA, 2009). Só mais tarde, com a aquisição de uma impressora rotativa *off-set*, que O Diário do Norte do Paraná, criado em 1974, superou a qualidade gráfica do FNP.

Foi em 1960 que Dom Jaime começou a angariar recursos para a fundação do FNP, buscando fundar um jornal que não visasse lucro (que caso ocorresse seria destinado para obras do Seminário Diocesano). Dentre os acionistas que auxiliaram financeiramente a fundação do jornal, estavam padres da diocese, fazendeiros e donos de cerealistas, contribuintes da Igreja e comerciantes. Com a criação do FNP, além do nome do bispo, no Diário Oficial do Estado do Paraná publicado em setembro de 1961, constavam os nomes dos padres José Torres, João Phillippi e José Hass Filho, originando a Escritura Pública da Folha do Norte do Paraná Sociedade Anônima. Em 1962, no Cartório de Registro de Imóveis, Títulos, Documentos e Pessoas Jurídicas – 2ª Circunscrição registrou-se a Editora Folha do Norte do Paraná S/A (DE PAULA, 2009). Constituída como uma empresa de capital aberto, a Editora Folha do Norte do Paraná S/A, de controle acionário privado, assim, destinava-se à edição de periódicos, livros e manuais (ROBLES, 2007). Em setembro de 1962, então, veio a público a primeira edição do novo jornal diário, o FNP. Quando o jornal surgiu, De Paula (2009) denota que este apresentava, em sua linha editorial, reservas ao comunismo e visava

---

<sup>12</sup> Em abril de 1953, Samuel Silveira fundou O Jornal, marco da história do jornalismo maringaense. O Jornal de Maringá (que assim passou a ser denominado em setembro de 1957) publicava principalmente informações políticas nacionais e regionais, eventos sociais relacionados à Igreja católica e propagandas (PASQUINI, 2009).

propagar a fé cristã, de modo que este tinha seu cunho político-ideológico bastante evidente pelos discursos do bispo, que lutou por sua fundação, de modo a atingir mais pessoas ao falar de suas convicções.

Na década de 1960, um jornal do porte do FNP significava muito. O processo técnico era dificultoso e envolvia diversas fases com limitações técnicas e financeiras. Mesmo a demanda pelo jornal era pequena pelas dificuldades de letramento e de distribuição. No cenário regional e nacional<sup>13</sup>, eram raras as cidades que não fossem capitais possuir jornais como o FNP.

No Paraná, a primeira manifestação jornalística deu-se logo quando de sua separação da província de São Paulo, em 1853. Em 1854, surgiu, em Curitiba, O Dezenove de Dezembro que, embora fosse tido como de cunho livre, era utilizado principalmente para noticiar atos do governo da Província. Para opor-se ao “oficialismo” deste, surgem jornais como o Vinte e Cinco de Março, O Paranaense, a Gazeta Paranaense e a Província do Paraná. Jornalistas paranaenses começam a profissionalizar-se só a partir dos anos 1950, em um movimento tardio se comparado com São Paulo e Rio de Janeiro. As Universidades formaram os primeiros profissionais para atuar em redações dos anos 1960 em diante, e jornais como Diário do Paraná, O Estado do Paraná, Tribuna do Paraná e Última Hora, nas décadas de 1950 e 1960 em suas redações passaram a empregar trabalhadores da imprensa profissionais (CASTRO, 2014).

A estruturação inicial do FNP, em 1961, ocorreu a partir da venda de ações, quando foram adquiridos os primeiros equipamentos do jornal e começou a ser recrutada a equipe que iria trabalhar no escritório, na redação e nas máquinas, a qual foi composta por padres, radialistas, repórteres amadores, estudantes e fotógrafo. Nos anos 1960, a redação não era como as da atualidade, em que há *deadlines* para entregas de material para noticiar um evento recente; os repórteres, às vezes, passavam madrugadas compondo materiais e “ocorria, então, a reação em cadeia: a matéria não saía da redação, paravam a diagramação, a composição, as máquinas e a distribuição” (DE PAULA, 2009, p. 44). Outros motivos, como quedas de

---

<sup>13</sup> O primeiro jornal brasileiro, o Correio Brasiliense, surgiu em 1808. Este era publicado em Londres, tratava de assuntos da Colônia e, atravessando o Atlântico, circulou no Brasil inaugurando a história da imprensa no país. Durante o século XIX, surgiram diversos títulos jornalísticos que com formato simples atraíam o público letrado (MARTINS; LUCA, 2012). No início dos anos 1960, a modernização técnica e administrativa do jornalismo pode ter sido elemento decisivo para o êxito de alguns jornais que, embora enfrentassem crise econômica, podiam posicionar-se à frente da concorrência, seguindo, inclusive leis de imprensa e profissionalização impostas pelo regime militar (RIBEIRO, 2006). Nesse período, a imprensa já dependia da publicidade para manter-se ativa e, os maiores periódicos tinham como anunciantes órgãos estatais. Vários títulos tradicionais, assim, foram extintos devido aos financiamentos militares da modernização dos meios de comunicação (ABREU, 2002).

energia, corriqueiros na cidade, atrasavam as publicações. As limitações de uma região ainda em construção, a carência de mão-de-obra qualificada, o atraso no fornecimento de papel e a dificuldade na manutenção das máquinas, naqueles tempos, eram comuns na realidade do FNP (ROBLES, 2007).

Conforme o público leitor foi crescendo, aumentava também a busca por um jornal diário de ampla abrangência. Entre o fim da década de 1950 e início de 1960, só à diocese de Maringá pertenciam 20 municípios com população estimada de 1 milhão de habitantes, e esta ainda se ligava às dioceses de Londrina, Jacarezinho, Apucarana e Campo Mourão. De Paula (2009) afirma que, além de ser porta-voz da Igreja, o periódico atraiu para Maringá empreendedores e trabalhadores, visitantes e compradores, de modo que, em função de sua divulgação, foi um dos responsáveis pela ascensão de Maringá na região.

Apenas dois anos depois da fundação do jornal, com poucos recursos para modernizar a estrutura e, diante de uma situação financeira frágil, em 1964, Dom Jaime arrendou o FNP à Rede Paranaense de Rádio, de Joaquim Dutra e Samuel Silveira. Mesmo que a posse do jornal não fosse mais da diocese, o bispo tinha ainda forte influência no veículo de comunicação e membros da paróquia ainda ocupavam sua estrutura administrativa. Em 1973, a administração do jornal passou para Jorge Fregadolli. Em 1977, Dom Jaime retomou a posse do FNP e iniciou um pedido de fechamento do jornal junto aos acionistas, alegando que os maquinários e a estrutura administrativa da mídia impressa haviam se distanciado dos objetivos iniciais e se tornado obsoletos, assim como uma crise financeira havia se instalado na empresa. A ação foi contestada na justiça pelo arrendatário, mas deferida e, em 1979, encerrou a circulação da mídia impressa (DE PAULA, 2009). A Mitra Arquidiocesana de Maringá manteve aberta, durante anos, a possibilidade de reivindicações de acionistas, e não as havendo, em 1999, deu-se o parecer conclusivo da extinção da Editora Folha do Norte do Paraná S/A<sup>14</sup>.

O FNP, em todo o período em que circulou, podia ser caracterizado como jornal de temática livre, por possuir colunas com teor informativo, anúncios, propagandas, notícias, reportagens, opiniões, entre outras (SILVA; FRANCO, 2010). Começou a vender espaço publicitário já em 1962, e muitas das maiores empresas da cidade e região anunciavam no jornal. Nas primeiras edições, já havia uma dezena de propagandas de grandes estabelecimentos comerciais regionais e nacionais, além de sua utilização pelos políticos da cidade, da região e do estado, sobretudo em períodos eleitorais, como espaço para campanha

---

<sup>14</sup> A atuação de Dom Jaime na imprensa regional não acabou, já que o bispo continuou publicando textos no jornal O Diário do Norte do Paraná. Robles (2007) ainda denota que, antes, em junho de 1968 havia sido obtida, em Maringá, a primeira concessão de um canal de televisão para a cidade, momento em que foi criada, com Dom Jaime Luiz Coelho na diretoria, a TV Cultura de Maringá que, em 1978, afiliou-se à Rede Globo de Televisão.

política. A imprensa como instrumento social, na época, desempenhou papel em favor do grupo religioso representado por Dom Jaime e, nesta direção, também serviu de suporte para a propaganda política afinada com os interesses do jornal.

Nesta direção, é notável que as intenções políticas e partidárias de “proprietários ou conselhos editoriais dos jornais são cada vez mais claramente reveladas pelo movimento da história que pretendem registrar, perfilar, ocultar ou mesmo, determinar” (CAVALCANTE, 2002, p. 3), e que, ao avaliar as condições de discursos, é possível notar as utilizações de um periódico como instrumento de poder.

Em uma perspectiva política, na década de 1960, a coluna do jornal de nome “Por um mundo melhor”, articulada pelo bispo Dom Jaime, chegou a abordar conteúdos os quais revelavam noções que, tendo em vista prevenir-se da ameaça comunista e afastar os jovens dos movimentos de esquerda, denotam que o golpe militar encontrou em Maringá certo apoio (PASQUINI, 2009). De Paula (2009) relata que o bispo e o prefeito municipal, junto a outras autoridades da região, apoiaram o movimento, de modo que a Igreja Católica o denominava como “Revolução” e julgava a intervenção militar necessária para espantar a onda comunista. Nesse intento, o FNP cumpriu um papel de estandartizador da concepção eclesial.

Depois do golpe militar, no final da década de 1960, no entanto, quando se consolida a ditadura brasileira, algumas posições da Igreja maringaense posicionavam-na ao lado das vítimas do regime, ao exercer um papel voltado para articulação de lutas pela redemocratização, desconsiderando o enfrentamento ao comunismo como meta. Os próprios jornalistas do FNP chegaram a sofrer censuras, de modo que, em determinados momentos, agentes da polícia federal faziam plantão diário no jornal, censurando matérias e informativos que desagradavam o regime militar (DE PAULA, 2009).

Nacionalmente, partidos políticos afinados à Igreja Católica, inclusive, conquistaram o apoio da classe média, de trabalhadores rurais e urbanos contra o governo, quando surgiram as Marchas da Família com Deus pela Liberdade, eventos ocorridos em 1964 que tinham como bandeira o freio à “ameaça comunista”. O maior evento ocorreu em São Paulo, e o movimento apontava as mulheres como porta-vozes da manifestação, contando ainda com o apoio da grande imprensa.

O engajamento político de Dom Jaime era bastante notável, mas não se sobrepunha à sua representação religiosa. De 1962 a 1965, o bispo viajava constantemente para Roma,

acompanhando o Conselho Ecumênico Vaticano II<sup>15</sup>, evidenciando a sua influência não só na cidade, mas também na comunidade religiosa.

Entre os resultados deste evento, o Decreto *Inter Mirifica* (IM) – Sobre os Meios de Comunicação Social –, aprovado em 4 de dezembro de 1963, reconhece a importância dos meios de comunicação na formação ideológica e, inclusive, afirma que a Igreja acolhe e fomenta os meios de comunicação capazes de atingir em massa a sociedade, tais como a imprensa, o cinema, a rádio, a televisão e outros (VATICANO, 1966). Tem-se, aí, na sintonia do bispo com a Igreja Católica, possíveis influências no FNP, de uma Igreja que busca uma identidade voltada para a ideia de centralização do poder eclesiástico, legitimada pelos princípios considerados progressistas do Concílio Vaticano II (GARUTTI, 2013).

Os elementos apontados anteriormente, e que estão no entorno do FNP, fazem-se importantes porque expressam um entendimento de que as mídias, nesse caso o “jornal do bispo”, são uma linguagem constitutiva do social, com historicidade e peculiaridades próprias. Deste modo, é possível notar as relações entre imprensa e sociedade, assim como os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe (CRUZ; PEIXOTO, 2007).

Nesta direção e no entendimento de Silva (2013), pelo menos três perspectivas podem ser adotadas para abordar a imprensa: 1) a dos produtores do discurso; 2) a dos leitores; e 3) a da linguagem, focada em representações e comunicação. A terceira perspectiva é a que, neste trabalho, abordamos com maior destaque, dialogando com as demais em certo nível. Desta maneira, a seguir, a fim de compreender esta mídia impressa como fonte para a investigação das representações da mulher, evidenciaremos as formas textuais, iconográficas e gráficas do FNP, assim como elementos tais como a identidade visual do periódico e outros dados pontuais dentre as vinculações internas do jornal.

### **1.3 Aproximando-se das páginas do jornal**

Impressos em grandes bobinas de papel, em uma rotativa tubular bicolor (azul e preto), com velocidade de impressão bastante considerável para a época (mais de mil exemplares por hora), os exemplares do FNP possuíam tamanho aberto semelhante às dimensões de um A2 (42 x 59,4cm), que, dobrado ao meio, dava ao jornal um formato padrão

---

<sup>15</sup> O Concílio Vaticano II (1962-1965) foi considerado o maior acontecimento eclesiástico do século XX e representou, para a Igreja Católica, “uma ocasião ímpar em sua história, reorganizando-a, não só internamente, mas inserindo-a também num complexo tecido de relações com as demais Igrejas do mundo” (BEOZZO, 2011, p. 28). O Brasil foi representado por 194 bispos, dentre eles Dom Jaime Luiz Coelho.

A3 (42 x 29,7cm), com um número par de páginas que variava de cerca de 8, nos primeiros anos, a 20, nas últimas edições.

O aumento no número de páginas deu-se junto a um aumento gradual no preço do periódico<sup>16</sup> e também acompanhou os ajustes do salário mínimo nacional na época. Algumas páginas, denominadas como “edição extra” no cabeçalho impresso, não eram numeradas, e o jornal também chegou a publicar cadernos especiais, a partir de 1967, assim como, mais adiante, dividiu-se em cadernos 1 e 2 ou A e B. Essas divisões em cadernos especiais ou suplementares apontam para a necessidade de novos campos temáticos, permitindo “a secundarização de conteúdos ou ainda a abertura de espaço para interesses de grupos específicos” (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 267).

A primeira página, contendo manchetes que seguem um critério editorial, mostrava temas considerados relevantes naquela data específica, servindo também como uma espécie de sumário sobre os conteúdos internos do jornal, atraindo para a leitura. A página de capa trazia o título das matérias, por vezes fotos ou ilustrações, resumos ou pequenos trechos do conteúdo, informando a página do texto completo.

Continham no cabeçalho da capa, além do logotipo, informações como a data e número da edição e, em publicações mais recentes, havia ainda o preço e informação de editoria. Nas páginas internas, a data e o número da página localizavam-se no cabeçalho. Em diversas páginas, o rodapé era um elemento gráfico ausente.

O jornal trazia notícias com certo foco regional, intercalando, com frequência, temas nacionais e internacionais. Algumas notícias chegavam pela agência de notícias Transpress, que esteve em Maringá até 1965, ou por meio do rádio (DE PAULA, 2009). Permeada de espaços destinados a anúncios de empresas e de políticos, o FNP fazia notar sua característica comercial.

Elementos gráficos como *box*, às vezes de cor azul, eram bastante utilizados para destacar informações. Era também comum o uso de fios (linhas horizontais que dividiam espaços entre conteúdos) e, inclusive, nas últimas edições publicadas, a marca Folha do Norte do Paraná, ao que parece, passou a adotar um fio na parte inferior do logotipo.

---

<sup>16</sup> O custo unitário do periódico começa a aparecer no cabeçalho das edições só a partir da década de 1970. O valor variou bastante: Cr\$ 0,30 (em 1970), Cr\$ 0,50 (em 1973), Cr\$ 1,00 (em 1974); Cr\$ 1,50 (em 1975); Cr\$ 2,00 (em 1976); Cr\$ 3,00 (em 1977) e, por fim, Cr\$ 4,00 (em 1978 e 1979). Este valor em cruzeiros, na relação com o custo de vida da época, em uma breve observação anacrônica, era provavelmente acessível, isso porque, em maio de 1970, o salário mínimo era de Cr\$ 187,20 e em novembro de 1979 de Cr\$ 2.932,80 (MOREIRA, 2014).



**Quadro 1.** Logotipos do FNP de 1962 a 1979.



**Fonte:** Folha do Norte do Paraná, 30 set. 1962; 5 dez. 1963; 30 dez. 1965; 29 nov. 1966; 7 jun. 1967; 31 dez. 1970; 30 dez. 1973 e 31 mar. 1979.

Acervo do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder.

**Imagem 1.** Logotipo do jornal Última Hora.



**Fonte:** Arquivo Público do Estado de São Paulo (2014)<sup>17</sup>.

O quadro anterior traz, em ordem cronológica, os logotipos adotados pelo FNP de 1962 a 1979. O primeiro logotipo, adotado em 1962, segundo afirma Robles (2007) era similar ao jornal o vespertino Última Hora (1951-1971), que foi marco na imprensa nacional, (Imagem 1). De Paula (2009, p. 27) também aponta que “o azul da capa da Folha do Norte e o nome do jornal em branco com fundo azul não foram simplesmente coincidências”<sup>18</sup>. O autor

<sup>17</sup> Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/uhdigital/pesquisa.php>. Acesso em: 10 dez. 2014.

<sup>18</sup> O Última Hora de Curitiba esteve em circulação de 1955 até 1964, destacou-se e reuniu jornalistas contestadores da época (CASTRO, 2014), e teve notável atuação. É possível observar, no entanto, que tipografias de cunho manuscrito e orgânico pareciam comuns na época, e limitações técnicas como o fato de a rotativa tubular utilizada no FNP imprimir apenas em preto e azul (o branco dá-se na impressão vazada), por exemplo, poderiam justificar as cores. Mas se a fonte e os elementos plásticos do logotipo do FNP podiam confundir leitores ou retomar sentidos por assemelhar-se ao Última Hora, não se sabe, pois seria impossível inferir sobre o efeito que a identidade visual do jornal causou em cada leitor.

relata que o fundador do FNP, bispo Dom Jaime, tinha a pretensão de combater o jornal Última Hora, chamado de esquerdista por militares e pela Igreja.

O segundo logotipo foi adotado pelo jornal em 1963, manteve o *box* azul que, desta vez, foi totalmente preenchido de cor. Em 1965, a marca tem sua identidade visual bastante mudada – fica preta, ganha um acento circunflexo e elementos gráficos –, com linhas horizontais de tamanhos variados. Em 1966, o nome do jornal se descentraliza e alinha-se à direita. Em 1967, o logotipo perde a tipografia de caráter manuscrito e adota uma fonte sem serifa, em linhas retas e angulosas de espessura uniforme e as informações de data e número editorial são realocadas para os espaços laterais. Em 1970, são adotados dois padrões tipográficos, quando se horizontalizam e são preenchidos de cor os caracteres que compõe a expressão “do Paraná”, gerando um segundo elemento visual.

A marca retomou o antigo modelo em 1973, mas centralizado, e o último logotipo adotado, impresso no FNP de 1978 a 1979, mantém o padrão, mas adiciona a expressão “do Paraná” em caixa baixa e adota o subtítulo “O jornal da família”. Conforme afirmam Cruz e Peixoto (2007, p. 261) “os subtítulos, na maioria das vezes trazem indicações valiosas sobre quem fala e para quem almeja falar determinada publicação”, isto é, serve como uma espécie de *slogan*, que traduz o conceito que o periódico deseja passar e é coerente com a linha editorial do jornal.

Assim como a marca do jornal, a diagramação interna variava bastante, conforme o conteúdo, mas seguia um formato padrão de 8 colunas por página, com mesclas e realocações conforme o tamanho dos caracteres, por vezes gerando 6 ou menos colunas, permitindo alocar chamadas e anúncios publicitários. Nas edições mais recentes, principalmente a partir de 1969, as usuais oito colunas estreitas foram substituídas por quatro largas colunas de texto, que podiam ser mescladas ou separadas para dar destaque a alguns trechos. Características de identidade visual foram bastante modificadas ao longo das edições, como o ocorrido com o exemplo citado do logotipo (Quadro 1), que chegou a ter oito versões.

Os títulos das matérias internas costumavam ser em caixa alta, alguns com cor de destaque em azul. O corpo do texto possuía tipografia serifada, com boa legibilidade, em um tamanho legível em algo em torno de 12 pontos, comumente utilizado para longos textos. O jornal também possuía vinhetas (pequenos títulos que marcam assuntos e temas recorrentes na parte superior da página).

Mudanças no formato do jornal foram ocorrendo conforme ele se consolidava na região. No final de 1964, com uma tiragem de cerca de 7.000 exemplares diários, ele esteve

em circulação em mais de 90 cidades<sup>19</sup>, abrangendo sobretudo capelas, paróquias e dioceses, entre elas as de Campo Mourão, Paranavaí e Umuarama, pertencentes à Província Eclesiástica de Maringá, além de sucursais em capitais como Curitiba, São Paulo e Florianópolis.

O estudo com base no FNP evidencia a relevância que tal veículo impresso assumiu em toda a região nesse período. No período estudado por esta investigação, os anos de 1962 a 1964, as oito colunas de texto em meio a *boxes* azuis, chamadas e anúncios de publicidade acomodaram uma infinidade de conteúdo passível de análise.

No jornal, referências à mulher apareciam com frequência nas colunas sociais, destacando a presença de mulheres e tecendo comentários sobre suas vestimentas, comportamentos e corpo. Além disso, concursos de beleza feminina – nacionais e internacionais – eram noticiados e recebiam destaque. Matérias em outros espaços fizeram referência à participação da mulher no campo profissional, por exemplo, evidenciando campos de trabalho geralmente associados ao sexo feminino, denotando que a mulher recebia destaque principalmente como professora, responsável por ensinar as crianças, ou doméstica<sup>20</sup>.

Algumas das principais colunas mantidas durante os anos de 1962 a 1964 são "Reconstruir o mundo" (assuntos religiosos); "Folhinhas" (notícias curtas informativas); "Resenha internacional" (notas sobre acontecimentos mundiais); "Crônica social" (notícias relacionadas a aniversários, casamentos e eventos de Maringá e região); "Ontem, hoje, amanhã" (comentários sobre atualidades); "Notas políticas" (sobre Governos e decisões oficiais) e "Plantão policial" (sobre ocorrências regionais), além de outros atrativos como palavras-cruzadas, horóscopo, sinopses e críticas de filmes em cartaz no cinema local. Dentre estas colunas se destaca a Folha Feminina, objeto de estudo desta investigação, a qual abordaremos em detalhe mais adiante.

Tendo apresentado as principais características gráficas do “jornal do bispo”, autodenominado “jornal da família”, sua identidade visual, aspectos de linha editorial e algumas posições políticas, e sabidas as condições de produção que acompanharam o

---

<sup>19</sup> De Paula (2009) relata que para o jornal chegar aos assinantes, os exemplares eram distribuídos por extensa frota: “para garantir a entrega, além dos ônibus de passageiros, foram adquiridos cinco jipes, número que triplicou em menos de dois anos. Somente o jipe conseguia enfrentar a precariedade das estradas. A lama e os buracos não impediriam que a Folha estendesse seus tentáculos para cerca de cem cidades, inclusive na divisa com o Mato Grosso” (DE PAULA, 2009, p. 34).

<sup>20</sup> No entanto, foi possível identificar no FNP também referências à atuação da mulher como atriz, jornalista, escritora, religiosa, policial, entre outras (MEZZOMO, PÁTARO, SILVA, 2014). Tait (1999) relata que, com raras exceções, e sempre tratadas como fora do comum, na história de Maringá se apresentam algumas mulheres que se sobressaíram no mundo público assumindo funções mais próximas da maternidade e da educação, como professoras, enfermeiras e bibliotecárias, por exemplo.

periódico, passaremos agora a explorá-lo como fonte e objeto de pesquisa, em uma perspectiva interdisciplinar que exige conhecimentos além das páginas analisadas. Assim, permitiremos que o jornal seja elemento para a compreensão histórica dos indivíduos e sociedade (SILVA; FRANCO, 2010).

Nesta perspectiva de considerar a imprensa em sua historicidade, notando contextos e articulações mais amplas, é que analisamos o FNP, jornal que embora tenha sido intitulado como laico, tinha sua propriedade e equipe editorial ocupada em parte por membros da Igreja Católica, perfil que reflete, de alguma forma, a orientação da instituição religiosa, já que sua publicação observa uma linha editorial pré-definida consoante com a cultura política de seus proprietários.

Para analisar as representações da mulher na Folha Feminina do jornal FNP no período de 1962 a 1964, nos atentamos para identificar representações e discursos que permeiam as noções de feminilidades vigentes na década de 1960 e tratamos de investigar a imagem social de mulher e relações entre mulher e beleza presentes nesta mídia impressa à época. Para tanto, iniciamos por olhar mais de perto o corpus do estudo, a fim de fundamentar a empiria e gerar reflexões para a discussão de gênero e de representações femininas.

#### **1.4 A Folha Feminina como fonte e objeto de pesquisa**

A escolha da Folha Feminina como fonte e objeto de pesquisa deu-se, principalmente, por esta dirigir-se às mulheres e ser, em grande parte, assinada por jornalistas mulheres. Contudo, embora fosse sabido da participação editorial feminina na escrita da coluna (conforme menção em outros espaços do jornal), muitas matérias não continham informação de autoria. No corpus aqui tratado – publicações da coluna feminina de 1962 a 1964 –, as matérias do primeiro ano não identificavam a autora. Em 1963, Leonice Boamorte assinou boa parte das reportagens e, em 1964, algumas das publicações foram identificadas como sendo de autoria de Eda Coutinho Barbosa. Conforme Silva, pode-se afirmar que “as matérias sem assinatura representam o ponto de vista do jornal ou revista. As matérias assinadas são de responsabilidade do autor, que pode ou não compartilhar do ponto de vista do editor” (SILVA, 2013, p. 108).

A Folha Feminina era composta por duas ou mais matérias, algumas ilustradas, geralmente localizada na página 6 ou 7 e costumava ocupar cerca de um quarto da página,

alocando-se na parte inferior direita até março de 1963 e na parte superior direita da folha desse período em diante<sup>21</sup>.

**Imagem 2.** Folha Feminina em 1962.



**Fonte:** Folha do Norte do Paraná, 1 nov. 1962.  
Acervo do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder.

**Imagem 3.** Folha Feminina em 1963.



**Fonte:** Folha do Norte do Paraná, 8 ago. 1963.  
Acervo do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder.

<sup>21</sup> Com este formato, a coluna existiu entre 1962 e 1966. No ano de 1965 não houve publicações e, entre 1967 e 1968, a coluna foi renomeada como Folha da Mulher. Em 1969, existiram três colunas femininas no FNP: Sua Excelência a Mulher, Mulheres em Evidência e Assunto de Mulher. Em 1970 e 1971, a coluna feminina não fez parte do jornal. No ano de 1972, poucas reportagens foram publicadas, mas o nome Folha Feminina passa a ser usado novamente e perdurou até 1979, quando o jornal saiu de circulação. No ano de 1974 também existiu a coluna Mulher e, em 1975 e 1976, não foram publicadas colunas femininas. Uma edição especial do FNP, homenageando mulheres de destaque da região, foi publicada com o título Personalidades Femininas em 1978.



**Imagem 4.** Folha Feminina em 1964.



**Fonte:** Folha do Norte do Paraná, 6 fev. 1964.  
Acervo do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder.

A Folha Feminina, em alguns períodos, foi publicada diariamente e, em outros, semanalmente, em geral nas quintas-feiras. Considerando o recorte temporal proposto, foram localizadas, na coluna feminina, 40 matérias em 1962, 104 em 1963 e 80 em 1964, em um total de 224 reportagens dirigidas às mulheres.

Ao conhecer o objeto pesquisado para definir recortes, vê-se no jornal regional um veículo privilegiado para a coleta de informações justamente por sua periodicidade, que permitiu enxergar o desenvolvimento de processos e fenômenos (FARIA, 2013). Desse modo, com um olhar especialmente voltado à Folha Feminina (mas sem ignorar seus entornos), nos atentamos ao processo de ampliação da compreensão sobre as fontes históricas incorporando o jornal como documento de pesquisa.

É válido ressaltar que o FNP, como fonte de pesquisa histórica, não é tomado com efeito de verdade, mas “como representação de grupos sociais sobre si mesmos e a realidade que os cercam” (SILVA; FRANCO, 2010, p. 10). Compreende-se, assim, que não só a imprensa, mas também outros documentos acabam remetendo a subjetividades e intencionalidades com as quais devemos lidar, de modo que estes não são espelhos do passado ou da realidade, mas “delimitam espaços, demarcam temas, mobilizam opiniões, constituem adesões e consensos” (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 258). O que cabe, portanto, é

notar processos de repetição e mudanças, pois não há neutralidade de sentidos em documentos de produção humana.

A imprensa expressa o ponto de vista daqueles que a produzem, em um leque de imaginários, representações, arquétipos e estereótipos constituintes da realidade social em um movimento dialético das relações concretas e construídas. Ao utilizar o jornal como fonte, assim, é preciso pensar sua inserção histórica enquanto força ativa, já que este não só registra os acontecimentos, mas também faz parte dos processos que os geram, atuando na constituição de modos de vida, de perspectivas e da consciência histórica (DARNTON, 1990).

Determinado texto é sempre produzido por um setor social e, por isso, não pode corresponder fielmente à realidade, mas a uma representação (CHARTIER, 1990). Neste espaço da significação, as representações devem ser entendidas como formas de classificar e de perceber, como instituições sociais, as quais denotam divisões da organização social e práticas que constroem o próprio mundo social (CHARTIER, 1991).

Deste modo, não é cabível apontar as representações analisadas como falsas ou verdadeiras, mas percebê-las como versões, dentro de um contexto histórico específico, como prática constituinte da realidade social que generaliza posições e interpretações que estabeleceram ou sustentaram relações de poder.

Não se trata de arbitrariedade ou simples coleta de dados, mas de uma construção científica do documento, na qual a análise deve possibilitar a reconstituição ou explicação do já ocorrido (CAVALCANTE, 2002). Essa mediação é passível de uma análise crítica do modo que constitui categorias e classificações, através da linguagem e da representação, quanto ao modo como o conhecimento é institucionalizado, modelando práticas sociais e pondo novas práticas em funcionamento (HALL, 1997).

A linguagem como discurso, portanto, não é neutra, está engajada em uma intencionalidade (BRANDÃO, 1990), de modo que todo enunciado traz escolhas e pistas que o denunciam (KOCH, 2002; ORLANDI, 2003). Um jornal ou revista “são signos de uma cultura e uma sociedade, porém de forma particular, parcial” (SILVA, 2013, p. 107), daí reiterarmos que, por mais que um discurso presente no jornal possa parecer normatizador e homogeneizante, não é hegemônico, pois,

expressa não uma voz, mas vozes variadas: do dono do jornal (o editorial), do repórter-redator (a notícia), de comentadores e analistas (artigos de opinião), do leitor (seção de cartas), do repórter-fotográfico (as fotografias) etc. Mais que isso, o jornal hierarquiza essas vozes mediante uma estruturação em cadernos, páginas e seções cuja composição gráfica dá “tons” distintos para cada voz. Os cadernos hierarquizam a importância de

cada assunto para o jornal. A página hierarquiza os assuntos em seções maiores e menores. A manchete diz ao leitor o que o jornal quer que ele leia primeiramente na página. A fotografia reitera o desejo do jornal. [...] Como fonte, o jornal não é “inócuo” [...] tende a evidenciar sentidos, é provável que oculte e obscureça a outros (RIBEIRO; SILVA; SILVA, 2014, p. 230).

Do mesmo modo, Cavalcante (2002) aponta que estranho seria se os jornais fossem neutros ou isentos, porque espelham múltiplos discursos que podem, inclusive, ser conflitantes dentro do meio social específico onde são produzidos. Por isso, quando aqui evidenciarmos sentidos de matérias da Folha Feminina, temos em mente que as noções e concepções materializadas não são integrais ou unificadas, mas algumas vezes contraditórias, não resolvidas.

A pesquisa tem, portanto, caráter orientado para a (re)construção de condições explicativas da realidade social e demais discussões pertinentes pautadas no rigor conceitual, análise e argumentação diversificada, explicação lógica e argumentação (DEMO, 1994). A análise não é neutra, mas também não é arbitrária. Até mesmo quando se indicam as páginas das notícias que, empiricamente, fomentaram a análise, permite-se que outras pessoas e pesquisadores interessados naquele assunto as consultem. A própria fonte, desta maneira, adquire o papel involuntário de garantir e fiscalizar possíveis excessos interpretativos do pesquisador (CAVALCANTE, 2002), de modo que o texto, tomado em seu conteúdo original, torna-se elemento empírico legitimador do trabalho analítico (FARIA, 2013).

Uma vez que se pretende analisar o passado para compreender os fenômenos, este se caracteriza como estudo histórico *ex post*, que coleta dados via fonte documental primária (VASCONCELOS, 2011), nesse caso, o FNP. Compreende-se que não há realidade histórica acabada e, diante de sua complexidade, não há orientação metodológica autossuficiente para esclarecer os questionamentos e dúvidas surgidas no interior de uma pesquisa com jornais. Contudo, um equilíbrio entre o suporte teórico que orienta o pesquisador e a dimensão empírica contida na fonte pode determinar a qualidade de um trabalho investigativo (CAVALCANTE, 2002).

A escolha por investigar como se constituiu a representação da mulher e da beleza feminina no FNP, assim, vem da visão de que a pesquisa histórica com fontes da imprensa possibilita o conhecimento de articulações conceituais e reverberações que, possivelmente, são observadas no presente e poderão se projetar no futuro.

Por sua característica comercial, o jornal FNP trouxe propagandas de diversos produtos e estabelecimentos, com destaque – quando se destinavam às mulheres – para



equipamentos domésticos, suprimentos para o lar, beleza e vestuário. Dentre os textos jornalísticos, a coluna feminina teve diferentes formatos e denominações ao longo da existência do periódico, mas priorizou, ao longo do tempo, reportagens que tematizavam beleza, moda, culinária, cuidados com a família e o lar para a mulher.

No que diz respeito às representações da mulher, assim, de acordo com Pinsky (2012), a década de 1960 no Brasil representa a passagem da “era dos modelos rígidos”, quando se consolidam os modelos de feminilidade, para a “era dos modelos flexíveis”, quando se começa a questionar os valores do período anterior e novas referências passam a se constituir.

Por e a partir disso, mais do que evidenciar relações de poder, é possível identificar resistência, críticas e contestações da ordem vigente, por uma análise que perpassa vieses diversos como o social, o econômico e o cultural. Em um contexto complexo como este, notam-se as representações de mulheres como poderosas influências sociais, e se denota a pertinência de pesquisas de base sobre essa temática, justamente porque compreender e propor discussões acerca das relações de gênero é um desafio atual. Para iniciar essa discussão, assim, o próximo capítulo traz à tona as bases teóricas e metodológicas que utilizamos para compor a etapa empírica da investigação e explicita o lugar de análise do corpus.

## **CAPÍTULO 2**

### **MULHER E BELEZA: CAMINHOS PERCORRIDOS**

Compreendemos que a mídia gravou e destacou momentos marcantes da história, e os jornais regionais têm ocupado papel importante nesse processo, em um movimento que, para além de registrar, (con)forma culturas, identidades e também modelos de comportamento. Assim olhamos para o jornal Folha do Norte do Paraná (FNP), principal mídia impressa da região norte do estado do Paraná nas décadas de 1960 e 1970, conforme abordado no capítulo anterior. Destacamos as representações da mulher, principalmente as da Folha Feminina, coluna que tinha como público-alvo as mulheres e que se constitui, neste trabalho, como elemento pertinente para uma análise que une empiria e arcabouço teórico com base nas discussões de gênero.

Este capítulo se propõe, desta maneira, a explicitar a trajetória metodológica da pesquisa, bem como problematizar as reportagens da Folha Feminina, em tópicos por ano e categorias temáticas, evidenciando, em um primeiro momento, discursos e significados presentes nas páginas do jornal FNP. Partindo de um contexto de produção de representações, apresentamos alguns resultados e discussões que serão posteriormente aprofundados no capítulo 3.

#### **2.1 Compreensões sobre a mídia, as representações e os estudos de gênero**

De certo modo, as representações da mulher veiculadas marcam representações bem definidas da e na sociedade, às vezes genericamente, que acabam servindo de modelo para o feminino. Entendemos que as representações, comportamentos e valores vinculados ao gênero são aprendidos, mostrando às pessoas os modelos desejáveis ou a serem repelidos, e o modo de ser e se comportar em determinadas situações. Nessa dinâmica, as relações sociais são permeadas de relações de poder que propõem noções acerca do que se espera que se seja, nem sempre do que se é.

Tratam-se de discursos midiáticos envoltos em relações de poder, uma vez que regulam condutas, modos de agir, de vestir, de se alimentar, entre outros aspectos (LOURO; NECKEL; GOELLNER, 2003). As representações de mulheres veiculadas nesses conteúdos são, assim, modos de produzir significados na cultura pela linguagem, atravessados por instituições, instrumentos, saberes e poderes (SANTAELLA, 2004).

Destaca-se a relevância de incorporar os estudos de gênero a essas discussões, porque olhar para as representações da mulher é olhar para determinado tempo histórico e sociedade, pois nelas percebem-se papéis sociais básicos convencionados como “adequados” e “corretos”. Entendemos que as convenções e os processos de categorização e padronização naturalizam-se com o tempo, embora não sejam mais do que resultado de construções mentais cuja única concretude vê-se no fato de que estamos acostumados a eles e, por vezes, acabamos nos esquecendo de suas origens (NAJMANOVICH, 2001). Essa compreensão constitui-se como um caminho para entendermos as relações de gênero, que evidenciam como noções multiplicadas, invariavelmente, reiteram feminilidades e masculinidades não só com base em características inatas (biológicas), mas também via fenômenos sociais que – mediados por concepções de determinada comunicação, por exemplo – podem criar e/ou estimular modos de ser e viver (BELELI, 2005, 2007).

A noção de gênero como resultado de uma construção social se apresenta, portanto, como um desafio e uma necessidade. Um desafio, porque rompe com a noção naturalista pela qual se explica, classifica e observa o corpo. Uma necessidade, porque este processo de desnaturalização revela que o corpo é histórico, uma construção com marcas do tempo, espaço, conjuntura econômica, grupos sociais, étnicos e outros elementos, sendo uma noção provisória e mutável, conforme o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura, além, certamente, de serem permeados por leis, códigos de ética e representações vigentes (GOELLNER, 2003).

As representações nas mídias têm profundo efeito sobre as experiências existenciais corporais, nas formas de sonhar e desejar que propõem (SANTAELLA, 2004). A mídia é uma instância de produção, uma vez que desenvolve pedagogias de educação dos corpos de homens e mulheres, ensinando modos mais “adequados” de viver, disciplinando e regulando sujeitos (ANDRADE, 2008).

Quando tratamos dessa transmissão de informação midiática, no entanto, deixamos claro que esta não pode ser compreendida como linear, ou mesmo em um modelo de comportamento condicionado por meio do estímulo-resposta capaz de criar a ilusão de uma absorção automática da informação. Não se trata, assim, de uma compreensão orientada pelo superado modelo da teoria hipodérmica (ou teoria da bala mágica), em que há a noção limitada de injeção ou disparo de comunicação de massa sem resistência da parte dos receptores (WOLF, 1999).

Deste modo, trata-se de um processo bastante complexo, pois a “comunicação” implica uma relação, isto é, não é apenas decodificada, mas compreendida, em um processo

que envolve elementos diversos como cultura, sujeitos, etapas, códigos, e não possui fim nem começo determinados (MARTINO et al., 2001).

Abordar o gênero é, portanto, enfatizar o caráter social e histórico de concepções baseadas nas percepções das diferenças sociais (STEARNS, 2007), com base em apontamentos de grupos que questionam estas classificações, avaliam e revisam os comportamentos e valores associados a homens e mulheres – tais como as atribuições domésticas e extra domésticas típicas do feminino e do masculino, ou a função de mãe, esposa e dona de casa comumente vinculada à mulher (DEL PRIORE, 2000).

Desde os anos 1960, o poder de influência da mídia voltada ao público feminino submete mulheres à ditadura do consumo, inferioriza-as, intensifica angústias da idade e cria desejos de parecer-se com modelos de sedução. As frequentes seções de “Moda e Beleza”, assim, reforçam estereótipos, dissolvendo diferenças individuais (LIPOVETSKY, 2000).

A imprensa como espaço privilegiado de informação e difusão de padrões de beleza e comportamento, principalmente as publicações para o público feminino, estimulou uma progressão consumista da beleza (LIPOVETSKY, 2000; SANTAELLA, 2004). Nestes espaços, são criados, veiculados e reforçados objetos de legitimação da sedução, de juventude, de práticas que supervalorizem o corpo, compreendidos como algo produzido na e pela cultura.

Defende-se que nenhum destino biológico, psíquico ou econômico deve definir o espaço que a mulher assume na sociedade, somente a mediação pode constituir o indivíduo como Outro, de modo que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1980, p. 9). Assim, questionam-se padrões de comportamento propostos e representações femininas, e esta investigação, de alguma maneira, se alinha a esta perspectiva.

Compreender o FNP – um jornal em que a Igreja Católica coordenava os poderes constituídos, sua criação e condições de produção –, como se fez no primeiro capítulo, é por isso relevante quando falamos das representações das relações entre mulher e beleza neste periódico. Pasquini (2009) e Silva (2011) apontam que a Igreja Católica utilizou a imprensa para aproximar maringenses de um modelo ideal de sociedade, com caminhos “venturosos”, voltado para a manutenção dos interesses existentes.

Ribeiro (1999), neste sentido, estudou a moralidade e sexualidade em Maringá dos anos de 1950 a 1980, e denotou que pessoas com práticas que fossem contra o estipulado socialmente eram estigmatizadas e julgadas com rigidez. Analisando processos de crimes de sedução (gravidez e desvirginamento), a autora explica que, ao desvendar a vida íntima da jovem envolvida e sua não-adequação aos bons costumes e regras convencionadas, ressaltava-

se que cabia à moça da época a função de controlar os impulsos sexuais masculinos e seguir o padrão normativo estabelecido como correto. Assim, exemplos de condutas tidas como mal vistas foram: “sair à noite sozinha, ficar até tarde na rua, frequentar cinemas... Sempre evidenciando que a mulher necessita da companhia ou tutela masculina” (RIBEIRO, 1999, p. 347).

As representações femininas no FNP, ao que parece, não só acompanharam como também reforçavam essa constatação. Em investigações anteriores, propagandas e reportagens do FNP denotaram estereótipos bastante homogeneizadores de mulheres, de modo que as mensagens apontavam às leitoras que os papéis femininos “corretos” a seguir eram aqueles relacionados ao recato, a cuidados com o lar, com os filhos, com sua beleza e corpo, vinculando a mulher à determinados espaços e funções tidas como “naturalmente femininas” (MEZZOMO; PÁTARO; RIBEIRO, 2014; MEZZOMO; PÁTARO; SILVA, 2014; PÁTARO; MEZZOMO; SKURA, 2015).

Mediante essas noções e saberes, para investigar a materialização de representações que evidenciam as relações entre beleza e mulher – objetivo o qual rege o caminho da pesquisa –, são caracterizadas tanto repetições do considerado lugar-comum quanto representações que possam dar indícios de uma fuga ao padrão. Deste modo, exploramos as matérias da coluna Folha Feminina tecendo relações entre elas, assim como entre os seus contextos de produção. Visa-se, daqui em diante, analisar as representações veiculadas no jornal com relação às atribuições de gênero, tendo como ponto de referência as possíveis influências nos processos socioculturais que os aspectos evidenciados na mídia impressa analisada possam suscitar.

## **2.2 Cotejando a empiria**

Organizamos as matérias da coluna feminina em categorias que englobam reportagens que versam sobre a mulher e seus cuidados com as roupas, comportamento, corpo e abordagens congêneres, geralmente pautadas no apelo da beleza, e as que expõem a mulher na posição de cuidadora do marido, filhos e do lar, onde se encaixam, principalmente, as dicas de limpeza, culinária e dicas para interação familiar.

Percebe-se que a Folha Feminina do FNP com frequência abordou temas que seguem um padrão que pode ser notado também em outros periódicos da época. Pinsky aponta que o universo de assuntos destinados ao público feminino, principalmente nos Anos Dourados (1945-1964), era composto por reportagens sobre “casamento, filhos, moda, beleza, culinária, prensas domésticas, decoração, crônica social, etiqueta e ‘matérias de comportamento’”

(PINSKY, 2014, p. 23). Do mesmo modo, Buitoni (2009, p. 25), ao analisar a imprensa feminina desde os anos 1800 até a atualidade, indica que “os temas tradicionais da imprensa feminina resumem-se a meia dúzia de itens: moda, beleza, culinária, decoração, comportamento, celebridades, um conto etc.”.

Por meio da leitura prévia de alguns materiais e da lida com o acervo do FNP, foi realizada uma tabulação das matérias de 1962 a 1964. As tabelas 1, 2 e 3, a seguir, destacam quantitativamente os principais temas abordados pela Folha Feminina nesse período, divididos em 6 categorias: beleza; culinária; moda; comportamento; lar e outros. As matérias classificadas como “Beleza” englobam dicas de cuidados com maquiagem, cabelo, pele, silhueta etc. Já na categoria “Culinária” são incluídas as receitas de assados, sobremesas e outros pratos. Em “Moda”, constam as informações referentes a roupas, calçados, acessórios etc. Em relação ao “Comportamento” são matérias que versam sobre dicas de etiqueta e modelos socialmente aceitos. Na categoria “lar” encaixam-se os cuidados com a família, filhos e sobre afazeres domésticos, e a classificação temática “Outros” compõe-se de assuntos diversos que são discriminados em rodapé.

As tabelas são apresentadas para trazer um perfil das matérias e, ao mesmo tempo, uma catalogação destas, detalhando conteúdos e servindo de base para pesquisas futuras. As três primeiras tabelas estão organizadas por ano, data e tema abordado. A legenda das tabelas 1, 2 e 3 explica que os campos temáticos são preenchidos com a quantidade de publicações naquele determinado dia e são acompanhadas dos caracteres “S” (= sim) ou “N” (= não) para indicar se tal reportagem possui ilustração.

**Tabela 1.** Corpus documental Folha do Norte do Paraná de 1962.

FOLHA FEMININA 1962							
	Quantidade de reportagens e temas abordados						
DATA	BELEZA	CULINÁRIA	MODA	COMPTO	LAR	OUTRO	TOTAL
30 set. 1962	1S 1N	0	1S 1N	0	0	0	<b>4</b>
13 out. 1962	0	0	0	1N	0	1S <sup>1</sup>	<b>2</b>
18 out. 1962	1S	0	0	0	2N	1S <sup>2</sup>	<b>4</b>
19 out. 1962	1S	0	0	0	1S	0	<b>2</b>
20 out. 1962	1S 1N	0	0	0	1N	0	<b>3</b>
25 out. 1962	2S	0	0	0	0	1S <sup>3</sup>	<b>3</b>
26 out. 1962	1S	0	0	0	1N	0	<b>2</b>
27 out. 1962	0	0	0	0	0	1S <sup>4</sup>	<b>1</b>
01 nov. 1962	1N	2N	0	0	1N	0	<b>4</b>
09 nov. 1962	1N	1N	2S	0	0	0	<b>4</b>
15 nov. 1962	1N	1N	0	0	1S 2N	1N <sup>5</sup>	<b>6</b>
23 nov. 1962	0	0	0	0	0	1S <sup>6</sup>	<b>1</b>
29 nov. 1962	0	0	0	0	0	1N <sup>7</sup>	<b>1</b>
15 dez. 1962	1S	2N	0	0	0	0	<b>3</b>
<b>TOTAL</b>	<b>13</b>	<b>6</b>	<b>4</b>	<b>1</b>	<b>9</b>	<b>7</b>	<b>∑ = 40</b>

Com foto, desenho, gravura, ilustração? S=SIM; N=NÃO.

BELEZA= Maquiagem, cabelo, bronzamento; CULINÁRIA= Receitas de alimentos diversos; MODA= Roupas, calçados, acessórios; COMPTO= Comportamento, etiqueta; LAR= Cuidados com a família, filhos e sobre afazeres domésticos; OUTRO= Assuntos diversos discriminados em rodapé.

**Fonte:** SKURA, PÁTARO, MEZZOMO, 2014.

<sup>1</sup> Nota de suspensão da proibição de uso de imagem de modelos famosas.

<sup>2</sup> O que são e como evitar as varizes.

<sup>3</sup> Dica de como organizar uma festa, traz o tema de beleza e culinária e ilustra com foto de moda infantil.

<sup>4</sup> Como cultivar plantas.

<sup>5</sup> Pesquisa apontando que o homem é o assunto principal nas rodas de mulheres.

<sup>6</sup> Reportagem sobre o estilo de vida das jovens mulheres francesas.

<sup>7</sup> Sobre cultivo de plantas, novamente.

**Tabela 2.** Corpus documental Folha do Norte do Paraná de 1963.

<b>FOLHA FEMININA 1963</b>							
	<b>Quantidade de reportagens e temas abordados</b>						
<b>DATA</b>	<b>BELEZA</b>	<b>CULINÁRIA</b>	<b>MODA</b>	<b>COMPTO</b>	<b>LAR</b>	<b>OUTRO</b>	<b>TOTAL</b>
05 jan. 1963	0	3N	1S	0	2N	0	<b>6</b>
06 jan. 1963	0	1N	2S	0	2N	0	<b>5</b>
08 jan. 1963	2N	0	1S	0	0	0	<b>3</b>
11 jan. 1963	0	0	1S	0	1N	1N <sup>1</sup>	<b>3</b>
26 jan. 1963	1N	1N	1S	0	0	0	<b>3</b>
29 jan. 1963	1N	0	0	0	1N	0	<b>2</b>
30 jan. 1963	1S	1S	0	0	2N	0	<b>4</b>
02 fev. 1963	1N	0	0	0	1N	0	<b>2</b>
07 fev. 1963	0	0	0	0	2N	0	<b>2</b>
12 fev. 1963	0	0	1S 1N	0	1N	0	<b>3</b>
13 fev. 1963	0	1N	1S	0	0	0	<b>2</b>
01 mar. 1963	2N	0	0	0	3N	0	<b>5</b>
02 mar. 1963	2N	0	0	1N	1N	0	<b>4</b>
05 mar. 1963	0	0	0	0	1N	0	<b>1</b>
06 mar. 1963	0	0	0	1N	2N	0	<b>3</b>
07 mar. 1963	0	0	0	0	0	1S <sup>2</sup> 1N <sup>3</sup>	<b>2</b>
10 mar. 1963	1N	0	1N	0	0	0	<b>2</b>
12 mar. 1963	1N	2N	1N	2N	1N	1N <sup>4</sup>	<b>8</b>
13 mar. 1963	1N	0	1N	0	1N	0	<b>3</b>
14 mar. 1963	0	0	1S	0	1N	0	<b>2</b>
15 mar. 1963	2N	0	0	0	3N	0	<b>5</b>
17 mar. 1963	1N	0	0	1N	2N	0	<b>4</b>
19 mar. 1963	0	0	1S 1N	0	0	0	<b>2</b>
02 abr. 1963	0	0	0	1N	2N	1N <sup>5</sup>	<b>4</b>
16 abr. 1963	0	0	1S	0	0	0	<b>1</b>
17 abr. 1963	0	0	0	0	1N	0	<b>1</b>
21 abr. 1963	0	0	0	0	1N	1N <sup>6</sup>	<b>2</b>



26 abr. 1963	0	0	0	0	1N	0	1
01 maio 1963	0	0	1S	0	0	0	1
07 maio 1963	0	0	1S	0	0	0	1
06 ago. 1963	0	0	0	0	1N	0	1
08 ago. 1963	2N	0	0	0	0	0	2
05 set. 1963	2N	0	0	0	0	0	2
12 set. 1963	1N	0	0	0	0	0	1
13 set. 1963	0	0	1N	0	0	0	1
18 set. 1963	2N	0	0	0	0	0	2
24 set. 1963	0	0	0	0	1N	0	1
03 dez. 1963	1N	0	0	0	0	0	1
05 dez. 1963	1N	0	0	0	0	0	1
12 dez. 1963	0	0	1N	0	0	0	1
14 dez. 1963	0	0	1N	1N	0	0	2
15 dez. 1963	0	0	0	0	0	1N <sup>7</sup>	1
22 dez. 1963	1N	0	0	0	0	0	1
<b>TOTAL</b>	<b>26</b>	<b>9</b>	<b>21</b>	<b>6</b>	<b>35</b>	<b>7</b>	<b>Σ = 104</b>

Com foto, desenho, gravura, ilustração? S=SIM; N=NÃO. BELEZA= Maquiagem, cabelo, bronzamento; CULINÁRIA= Receitas de alimentos diversos; MODA= Roupas, calçados, acessórios; COMPTO= Comportamento, etiqueta; LAR= Cuidados com a família, filhos e sobre afazeres domésticos; OUTRO= Assuntos diversos discriminados em rodapé.

**Fonte:** SKURA, PÁTARO, MEZZOMO, 2014.

<sup>1</sup> Reportagem sobre a cor dos olhos e significados destes.

<sup>2</sup> Como polir jóias.

<sup>3</sup> Sugestões de brinquedos para dar aos filhos e filhas.

<sup>4</sup> Informação sobre a planta dama-da-noite.

<sup>5</sup> Como cuidar de flores.

<sup>6</sup> Como escolher desodorante.

<sup>7</sup> Sobre mulher e mercado de trabalho.

**Tabela 3.** Corpus documental Folha do Norte do Paraná de 1964.

<b>FOLHA FEMININA 1964</b>							
	<b>Quantidade de reportagens e temas abordados</b>						
<b>DATA</b>	<b>BELEZA</b>	<b>CULINÁRIA</b>	<b>MODA</b>	<b>COMPTO</b>	<b>LAR</b>	<b>OUTRO</b>	<b>TOTAL</b>
10 jan. 1964	2N	0	0	0	0	0	2
12 jan. 1964	2N	0	0	0	0	0	2
15 jan. 1964	2N	0	0	0	0	0	2
19 jan. 1964	2N	0	0	0	0	0	2
22 jan. 1964	2N	0	0	0	0	0	2
30 jan. 1964	2N	0	0	0	0	0	2
31 jan. 1964	1N	0	0	0	0	0	1
04 fev. 1964	2N	0	0	0	0	0	2
06 fev. 1964	0	0	0	0	1N	0	1
14 fev. 1964	1N	0	0	0	0	0	1
19 fev. 1964	1N	0	0	0	0	0	1
22 fev. 1964	1N	0	0	0	0	0	1
23 fev. 1964	1N	0	0	0	0	0	1
25 fev. 1964	1N	0	0	0	0	0	1
28 fev. 1964	1N	0	0	0	0	0	1
03 mar. 1964	1N	0	0	1N	0	0	2
05 mar. 1964	0	1N	0	0	1N	0	2
06 mar. 1964	1N	0	0	0	0	0	1
08 mar. 1964	0	1N	1N	0	1N	0	3
10 mar. 1964	1N	0	0	0	0	0	1
11 mar. 1964	2N	0	0	0	0	0	2
12 mar. 1964	1N	0	0	0	0	0	1
14 mar. 1964	1N	0	0	0	0	0	1
17 mar. 1964	0	0	1N	1N	0	0	2
18 mar. 1964	0	0	0	1N	0	0	1
20 mar. 1964	1N	1N	0	0	1N	0	3
21 mar. 1964	1N	0	0	0	0	0	1

22 mar. 1964	1N	0	0	1N	1N	0	<b>3</b>
26 mar. 1964	1N	0	0	0	0	0	<b>1</b>
29 mar. 1964	1N	0	0	0	0	0	<b>1</b>
31 mar. 1964	1N	0	0	0	0	0	<b>1</b>
17 abr. 1964	2N	0	0	0	0	1N <sup>1</sup>	<b>3</b>
24 abr. 1964	1N	0	0	0	0	0	<b>1</b>
06 maio 1964	1N	0	0	0	0	0	<b>1</b>
07 maio 1964	1N	0	0	0	0	0	<b>1</b>
09 maio 1964	0	0	0	1N	0	0	<b>1</b>
13 maio 1964	0	0	0	2N	1N	0	<b>3</b>
20 maio 1964	1N	0	0	0	0	0	<b>1</b>
11 jun. 1964	1N	0	0	0	0	0	<b>1</b>
19 jun. 1964	1N	0	0	0	1N	0	<b>2</b>
28 jun. 1964	1N	0	0	0	0	0	<b>1</b>
03 jul. 1964	2N	0	0	1N	1N	0	<b>4</b>
08 jul. 1964	1N	0	0	0	0	0	<b>1</b>
11 jul. 1964	2N	0	0	0	1N	0	<b>3</b>
15 jul. 1964	0	0	0	1N	0	0	<b>1</b>
19 jul. 1964	1N	0	0	0	1N	0	<b>2</b>
19 ago. 1964	1N	0	0	0	0	0	<b>1</b>
10 set. 1964	1N	0	1N	0	0	1N <sup>2</sup>	<b>3</b>
12 set. 1964	0	1N	0	1N	0	0	<b>2</b>
<b>TOTAL</b>	<b>50</b>	<b>4</b>	<b>3</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>2</b>	<b>∑ = 80</b>

Com foto, desenho, gravura, ilustração? S=SIM; N=NÃO. BELEZA= Maquiagem, cabelo, bronzamento; CULINÁRIA= Receitas de alimentos diversos; MODA= Roupas, calçados, acessórios; COMPTO= Comportamento, etiqueta; LAR= Cuidados com a família, filhos e sobre afazeres domésticos; OUTRO= Assuntos diversos discriminados em rodapé.

**Fonte:** SKURA, PÁTARO, MEZZOMO, 2014.

<sup>1</sup>Dicas para prevenir cáries;

<sup>2</sup>Dicas de economia doméstica.

Dentro de uma linha editorial que identificamos como aproximadamente linear e reiteradora de discursos bastante parecidos, escolhemos explorar a categoria beleza, já que nela enquadraram-se 89 das 224 reportagens inicialmente identificadas. Dessa maneira, para organizar esses temas em categorias, houve três grandes momentos, cujas fases, sumariamente, compreenderam: 1) pré-análise; 2) exploração do material; 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação (BARDIN, 2011).

Os seletos assuntos tidos como relevantes e adequados ao público feminino no FNP têm força social porque parte-se da noção de que, primeiro, esses materiais passaram também pelas mãos de homens e crianças, de modo que a família podia os encarar como convenientes ou comuns e, depois, que as próprias mulheres, ao perceberem essa continuidade, com o passar do tempo, podiam olhar para esses temas como tendo um lugar de legitimidade como “assuntos femininos”, como sendo conteúdos indicados para elas.

As reportagens e discussões abordadas tecem o cenário da Folha Feminina e denotam como a linha editorial desenhava e apresentava assuntos tidos como sendo os de interesse das e para as leitoras. Este material exibe como essa dimensão constitui-se também como foco da análise e auxilia na compreensão do percurso feito até a escolha do recorte temático da beleza.

Assim, dentro da linha editorial da coluna feminina do FNP, uma vez que identificamos como relevante a categoria beleza, nela enquadraram-se a maior parte das reportagens exploradas para a composição do corpus. Mediante esse grupo de materiais, foi possível aprofundar o estudo e gerar inferências mais específicas, portanto. Essa categoria selecionada também passou por uma pré-análise e foi dividida em subcategorias, as quais ilustramos nas tabelas 4, 5 e 6, a seguir.

Nas tabelas, as colunas “título” e “trecho de destaque” trazem a transcrição literal da reportagem, conforme os padrões da língua portuguesa da época. Para apresentar as matérias sobre beleza, organizamos as informações por ano, em colunas que indicam a data, título da matéria, autoria, página, presença ou não de ilustração, um trecho de destaque contido no texto da reportagem e a categoria em que se encaixa a publicação.

**Tabela 4. Matérias sobre beleza em 1962.**  
**Folha Feminina (1962): Reportagens que abordam o tema beleza**

Data	Título	Autoria	Página	Imagem	Trecho de destaque	Categoria
30 set. 1962	“Fogo de artifício”: Novo truque para o ano de 1963	Não há	4	Moça com a maquiagem descrita e com chamativo ornamento na cabeça	“Maravilha, das maravilhas! [...] o truque fogo de artifício será feito do seguinte modo: sombra muito transparente cor opalina, baton para os lábios cor de chamas (Fire Red) e toque mágico nos cílios e sobrancelhas e nas pálpebras de tal modo que dê novo brilho aos olhos”	Maquiagem
30 set. 1962	Breve poder-se-á adquirir bronzado autêntico sem sol e sem bronzadores	Não há	4	Não	“Um grupo de quatro pesquisadores do departamento de dermatologia de Massachusetts General Hospital de Boston, conseguiram demonstrar recentemente que [...] a exposição à luz solar ou à ultravioleta produzida por lâmpadas, provoca a pigmentação da pele humana. [...] Esta descoberta, servirá, sem dúvida [...] a melhoras que seriam capazes de permitir um bronzado mais rápido, mais homogêneo e mais fácil”	Pele
18 out. 1962	Sem título	Não há	7	Jovem de perfil exibindo penteado	“Para quem tem cabelos curtos, eis um penteado moderno, com mechas cortadas ‘em escadinha’, cabelos fofos no alto da cabeça e nuca descoberta, suavizando o rosto e dando um leve toque de distinção feminina”	Cabelo
19 out. 1962	As mãos	Não há	7	Moça em pose descontraída com uma mão no rosto e a outra na cintura	“Nada mais há de feminino que mãos bem cuidadas. Mãos tratadas não são apenas uma questão de beleza, como também uma marca de personalidade de quem as ostenta. Quando uma mulher vai muito bem maquilada, muito bem vestida, mas tem as unhas rachadas pode- se ter a certeza de que ela só liga aos aspectos superficiais de sua aparência... e de todas as coisas”; “Em primeiro lugar, as mãos devem estar sempre limpas [...]”.	Pele

Folha Feminina (1962): Reportagens que abordam o tema beleza						
Data	Título	Autoria	Página	Imagem	Trecho de destaque	Categoria
20 out. 1962	Sem título	Não há	7	Duas moças de cabelos curtos em pose mostram seus penteados	“Nas fotos acima, dois penteados de Carita para a manhã, o primeiro descobrindo a testa, em ondas suaves; o segundo com uma franja sobre a testa e os cabelos cobrindo as orelhas, em duas vírgulas”	Cabelo
20 out. 1962	Faça você mesma as suas unhas	Não há	7	Não	“Não há desculpa alguma para as unhas sem cuidado. Os estojos modernos, com equipamento completo para unhas são tão baratos que ninguém pode privar-se de tê-los”; “Como último conselho devemos lembrar-lhe que o esmalte deve combinar com o baton dos lábios [...] cores destoantes causam trágicos efeitos para a aparência geral”	Unhas/Maquagem
25 out. 1962	Conselhos de beleza	Leonice Boamorte	5	Não	“Para conservar belos os cabelos brancos, deve-se friccioná-los toda a semana com um punhado de farinha de trigo pura e escova-los em seguida”; “Para tonificar a raiz dos cabelos, deve-se friccionar, de vez em quando, o couro cabeludo com óleo de rícino”	Cabelo
25 out. 1962	Para ter epiderme bonita	Leonice Boamorte	5	Não	“Procure absorver muitos legumes frescos pois eles serão um ótimo depurativo para todo o organismo [...] Sua epiderme tornar-se-á então limpa, clara, purificada, com este pequeno tratamento e regime alimentar”	Pele/Saúde
26 out. 1962	Tratamento das peles gordurosas	Leonice Boamorte	7	Moça com longo vestido rodado de festa em pose com a mão posicionada no rosto	“EXISTEM, no dia de uma mulher, dois momentos que exigem uma limpeza perfeita da pele: antes de sair à noite e antes de se deitar. Nenhuma de vocês ignora o quarto-de-hora que precede às vezes o convite para jantar ou a saída para o cinema ou o teatro. Um olhar no espelho informa-nos que o nariz está brilhando, que o rouge desapareceu do rosto [...] Usemos um ‘cold cream’ especialmente	Pele

Folha Feminina (1962): Reportagens que abordam o tema beleza						
Data	Título	Autoria	Página	Imagem	Trecho de destaque	Categoria
1 nov. 1962	Cuide de sua beleza	Leonice Boamorte	7	Não	preparado para essa finalidade”	Saúde/Pele/Cabelo
9 nov. 1962	Conselhos de beleza	Leonice Boamorte	7	Não	“Experimente tomar chá de erva-doce contra o inchaço dos intestinos, após as refeições”; “Se suas mãos estão vermelhas de tanto lavar roupa, experimente dar-lhas um banho de leite quente”; “Se os seus cabelos são fracos e quebradiços, experimente o seguinte xampu: 250 grs. de tutano de boi ou carneiro [...]”	Corpo/Pele/Cabelo
15 nov. 1962	Pequenos conselhos	Leonice Boamorte	7	Não	“Para conservar o peso adquirido depois do regime de emagrecimento, é necessário ter o cuidado de não ingerir na mesma refeição, dois ou três alimentos que possam concorrer para o aumento de peso, para o acúmulo de gorduras”; “No tratamento do corpo, não esqueça dos cotovelos, joelhos, pés e tornozelos”; “Se as pontas de seus cabelos estão queimadas ou descoloridas corte-as um pouco [...]”	Cabelo/Corpo/Maquagem
15 dez. 1962	Sem título	Leonice Boamorte	7	Moça com penteado nos cabelos	Legenda da foto: “Buquê de mechas fôfas, laço de veludo”	Cabelo

Fonte: SKURA, PÁTARO, MEZZOMO, 2015.

**Tabela 5.** Matérias sobre beleza em 1963.  
**Folha Feminina (1963): Reportagens que abordam o tema beleza**

Data	Título	Autoria	Página	Imagem	Trecho de destaque	Categoria
8 jan. 1963	Defenda-se do inimigo número 1 da beleza: rugas em torno dos olhos	Leonice Boamorte	7	Não	“As mulheres que se expõem ao sol sem óculos apropriados ‘brutalizam’ os olhos porque obriga-os a uma ginástica a qual eles não estão preparados”; “Fazer caretas é o caminho mais certo de adquirir ‘pés de galinha”	Pele
8 jan. 1963	Conselhos de beleza	Leonice Boamorte	7	Não	“As pernas no verão vão ficar em evidência e merecem cuidados especiais. Procure amaciá-las com o uso de um bom óleo”; “O sol desidrata quase totalmente a pele e em consequência surgem as rugas que não mais desaparecerão”	Pele
26 jan. 1963	A importância da maquiagem	Leonice Boamorte	7	Não	“O verdadeiro motivo da maquiagem é ajudar a sua beleza”; “Escolha a tonalidade mais apropriada para o seu tipo. A sombra dos olhos deve ser sempre discreta, principalmente durante o dia”	Maquiagem
30 jan. 1963	Sem título	Leonice Boamorte	8	Mulher bastante maquiada olhando para a câmera exibindo penteado	Legenda da foto: “Gracioso e simples penteado para as noites de verão”	Cabelo
2 fev. 1963	Conselhos de beleza	Leonice Boamorte	7	Não	“Você que tem os quadris volumosos e deseja diminuí-los, faça o seguinte: Percorra todos os dias trechos longos e quando caminhar três quilômetros por dia, verá o efeito maravilhoso desse exercício”; “Para acentuar as covinhas do rosto, passe sobre as mesmas o lápis de sobrancelhas [...]”; “Quando o batom se partir, esquite as duas extremidades e junte-o novamente”	Corpo/Saúde/ Maquiagem
1 mar. 1963	Saiba “Fazer o seu rosto”	Leonice Boamorte	7	Não	“Muitas mulheres queixam-se de que não podem fazer nada com o rosto que a Natureza lhes deu. [...] Há, porém exemplos de ‘mágicas’ que podem ajudar às insatisfeitas”	Maquiagem
1 mar. 1963	Limpeza e beleza	Leonice Boamorte	7	Não	“Cada vez que mudamos a nossa ‘maquiagem’ temos de limpar a pele”	Pele/Maquiagem



Folha Feminina (1963): Reportagens que abordam o tema beleza						
Data	Título	Autoria	Página	Imagem	Trecho de destaque	Categoria
2 mar. 1963	Manias que enfeiam	Leonice Boamorte	7	Não	“Um defeito muito desagradável é a maneira de ser vítima que tem algumas mulheres. Queixam-se dos filhos e do marido, do ar que respiram do asfalto que pisam [...] O ar eternamente choroso torna feia a mulher”	Conduta
2 mar. 1963	Mais vale prevenir	Leonice Boamorte	7	Não	“Se a sua pele é frágil, o excesso de sol ser-lhe-á nocivo”; “Não exponha ao sol as suas pernas caso tenha varizes”	Pele
10 mar. 1963	Retornando das férias você precisa tomar alguns cuidados	Leonice Boamorte	6	Não	Subtítulos: “Por que engordei?”; “E a minha pele?”; “Meus cabelos estão estragados...”	Corpo/Pele/Cabelo
12 mar. 1963	Conselhos úteis	Leonice Boamorte	6	Não	“Se tiver as unhas quebradiças, estenda por cima, todas as noites, uma camada de vaselina ou creme com lanolina”; “Uma massagem do rosto que se pode fazer é bater levemente com as pontas dos dedos, na ponta do queixo até a orelha”	Unhas/Pele
13 mar. 1963	Se você sai à tarde, quanto tempo leva para maquiar-se?	Lenice Boamorte	7	Não	“A mulher de 30 anos em 1960 – O resultado geral desta enquete é que [...] A espanhola: uma hora e meia; A italiana: uma hora; A francesa: 40 a 50 minutos”; “Não nego que uma mulher de 30 anos possa ainda ser deslumbrante. Porém, nunca deve tentar sê-lo através dos recursos de uma blusa transparente ou pela exibição de um palmo de coxa”	Maquiagem/ Conduta
15 mar. 1963	Palavras à môça que trabalha	Leonice Boamorte	7	Não	“Você já reparou como nos filmes a jovem heroína aparece saindo do trabalho impecavelmente arrumada? Na vida real, entretanto, a mesma situação provoca uma crise! ”; “alguns pequenos truques são todo o segredo da aparência sempre em ordem”	Maquiagem
15 mar. 1963	Aperfeiçoando a beleza	Leonice Boamorte	7	Não	“A beleza natural, por mais perfeita que seja, não prescinde do artifício do auxílio da maquiagem”	Maquiagem
17 mar. 1963	Beleza	Leonice	6	Não	“Estar penteada, bem calçada, de mãos cuidadas,	Conduta/Maquiagem

Folha Feminina (1963): Reportagens que abordam o tema beleza						
Data	Título	Autoria	Página	Imagem	Trecho de destaque	Categoria
		Boamorte			são um imperativo da mulher elegante”; “À pintura convém ter o máximo de naturalidade durante o dia”	
8 ago. 1963	Tratar a pele para combater as rugas	Não há	7	Não	“não espere primeiro a ruga para iniciar um tratamento”; “Cada marca de cosméticos fabrica uma vasta quantidade de cremes de diversas qualidades, entre eles, escolha o que melhor se adapta ao seu caso”	Pele
8 ago. 1963	Trate também dos olhos	Não há	7	Não	“depois dos vinte e cinco anos, é aconselhável usar um produto apropriado [...] e evitar a formação de rugas”	Pele
5 set. 1963	Se quer ser bela, cultive-se	Não há	7	Não	“O bom gosto costuma ser inato, mas também pode ser adquirido. Para isso, é preciso abrir-se às diversas expressões da cultura, conferências, música, leitura de livros de bons autores. Isso tudo a irão formando e apurando. Lembre-se, principalmente das exposições de pinturas”; “[...] tente, de todas as maneiras possíveis, criar um horizonte mais vasto do que o de sua casa ou o de seu trabalho [...]Trate de se informar sobre o que acontece no mundo”	Cultura
5 set. 1963	Se quer ser bela, seja bondosa	Não há	7	Não	“O tempo vai nos marcando com [os] traços já vividos [...] Seu rosto irá adquirindo uma expressão que será dada pela própria vida, se você é colérica, rugas tensas falarão de seu mau caráter. [...] a ternura fará de seu rosto um horizonte de compreensão”; “Todo seu modo de agir irá criando um rosto que você descobrirá dentro de alguns anos. Diante disso, serão inúteis os melhores cremes do mundo [...]”	Pele
12 set. 1963	Repouse sem descansar	Não há	7	Não	“A fadiga é a principal inimiga da beleza feminina”; “[...] muitas vezes as rugas são causadas pela falta de descanso e pela digestão	Saúde/Pele/Conduta

Folha Feminina (1963): Reportagens que abordam o tema beleza						
Data	Título	Autoria	Página	Imagem	Trecho de destaque	Categoria
					difícil, que ‘envenena’ a pele estragando-a”; “A inquietação nervosa e a sensação de desfalecimento que as mulheres que trabalham sentem são devidas à posição antinatural que conservam o dia inteiro. Para evitar isto, respire profundamente durante três ou quatro minutos. Com este exercício, você [acaba] eliminando aquela sensação de opressão que muitas vezes é a causa da impotência”	
18 set. 1963	Como prolongar a juventude	Não há	6	Não	“A pele é, sem dúvida, a maior preocupação dos jovens – no entanto, poucas são as jovens que sabem da influência que a alimentação exerce neste particular”; “[...] os exercícios físicos ajudam bastante. Realizados de maneira racional – acentua – eles favorecem o organismo”	Saúde/Pele
18 set. 1963	Os olhos	Não há	6	Não	“Para pintar devidamente seus olhos, é preciso antes de tudo, reunir um bom material”;	Maquiagem
3 dez. 1963	Conselhos de beleza	Não há	7	Não	Subtítulos: “Pele seca”; “Pele gordurosa”; “Rugas”; “Poros dilatados”; “Cravos”; “Proteja seus cabelos”;	Pele/Cabelo
5 dez. 1963	A tensão é inimiga da beleza	Não há	6	Não	“Se você é uma dona de casa ocupadíssima dentro e fora do seu lar, lembre-se que a tensão é inimiga da beleza e da eficiência”; “[...] pessoas muito nervosas tem deficiência de cálcio ou potássio”. A matéria prescreve uma série de alongamentos e de exercícios para relaxar os músculos do corpo.	Corpo/Saúde
22 dez. 1963	Cuidado com a sua pele	Não há	7	Não	“Use um bom creme diariamente, que a proteja do vento, do sol, do frio”; “Se sua pele é muito oleosa, lave-a três vezes ao dia com água e sabão, pois a limpeza será o seu melhor aliado”	Pele

Fonte: SKURA, PÁTARO, MEZZOMO, 2015.

**Tabela 6.** Matérias sobre beleza em 1964.  
**Folha Feminina (1964) Reportagens que abordam o tema beleza**

Data	Título	Autoria	Página	Imagem	Trecho de destaque	Categoria
10 jan. 1964	No caminho da beleza, a fonte da juventude	Não há	6	Não	“resolvemos descobrir os modernos caminhos para a fonte da juventude, que começam com algumas recomendações sobre como sentir-se jovem, passam pelo rol de produtos de beleza adequados, seguem regimes alimentares, percorrem métodos de ginástica e cruzam com operações plásticas mais simples”	Pele/Saúde/Corpo
10 jan. 1964	Banho de beleza	Não há	6	Não	“tome um banho de beleza. Jamais, você se sentirá tão especial. Tome à maneira da ‘Beauty Box’, que é um tratamento de beleza. Ele a fará sentir-se o mais possível deleitada e extasiada”	Pele
12 jan. 1964	As sobrancelhas	Não há	6	Não	“As sobrancelhas constituem um ornamento muito delicado para o rosto, sua alteração pode modificar grandemente a fisionomia, para melhor como para pior”; “As sobrancelhas devem ser escovadas diariamente para eliminar as impurezas que nelas se acumulam durante o dia”	Maquiagem
12 jan. 1964	As vitaminas a serviço da beleza	Não há	6	Não	“Toda a beleza de uma tez reside na sua maciez, no seu colorido e no seu viço. A pele é um dos órgãos mais importantes do corpo”; “A pele tem um inconveniente todo particular. Ela resente-se das alterações dos demais órgãos e no que se refere à nutrição, ela tem suas exigências próprias”. Subtítulos: “A pele seca”; “A pele excessivamente gordurosa”; “A cutis perfeita”	Pele/Saúde
15 jan. 1964	Muito gorda...Muito magra!...	Não há	6	Não	“Gorda ou magra demais, eis dois motivos de preocupações muito sérias para qualquer pessoa. A obesidade é uma verdadeira tragédia, um pesadelo, sobretudo para as	Corpo

Folha Feminina (1964) Reportagens que abordam o tema beleza						
Data	Título	Autoria	Página	Imagem	Trecho de destaque	Categoria
					mulheres, porquanto é sabido que a gordura supérflua é a principal inimiga da beleza; destrói as linhas graciosas do corpo, altera a harmonia do rosto e, às vezes, afeta o humor das pessoas”; “A excessiva magreza também causa preocupações, pois geralmente é consequência de distúrbios orgânicos que afetam, de modo especial o sistema nervoso; está provado que a pessoa magra é muito mais nervosa do que a gorda”	
15 jan. 1964	Defeitos da cutis na adolescência	Não há	6	Não	“Justamente nesta idade em que os adolescentes, meninas e meninos, vão-se convencendo da importância de ser atraente, sofrem as amarguras dessas imperfeições da pele que afetam o seu rosto”; “Compete, pois, às mães vigiar os filhos nessa idade, procurando ajuda-los mediante regimes alimentares adequados”. Subtítulos: “Nutrição para uma pele perfeita”; “Caldo tônico”	Pele/Saúde
19 jan. 1964	A cor dos cabelos	Não há	6	Não	“Atualmente, muda-se a cor dos cabelos quase com a mesma facilidade com que se muda a cor dos vestidos: numa semana a moça é loira, na semana seguinte ela é castanha ou plátina, depois varia entre o bronze, o preto, quando não escolhe cores absurdas como o verde o azul o roxo etc”. Subtítulos: “Cabelos grisalhos”; “Cabelos loiros”; “Não esquecer que:”	Cabelo
19 jan. 1964	Sardas e manchas da pele	Não há	6	Não	“Um rosto sujeito, portanto, a tal espécie de desgraciosidade merece cuidados especiais. O primeiro é evitar o sol”; “Para clarear a pigmentação pode-se lançar mão de uma pomada descolorante”	Pele

Folha Feminina (1964) Reportagens que abordam o tema beleza						
Data	Título	Autoria	Página	Imagem	Trecho de destaque	Categoria
22 jan. 1964	Bela em dez dias	Não há	7	Não	“Não é no dia do ‘Reveillon’ que você deverá pensar em sua beleza, na silhueta, no brilho dos cabelos, mas no mínimo, dez dias antes”. Subtítulos: “Respirar”; “Tonificar”; “Revigorar”; “Alimentar”; “Se a sua cútis é embaçada, pálida ou sem vida”; “Se tem um pouco de barriga”; “Se dorme mal”; “Se tem olheiras”	Pele/Corpo
22 jan. 1964	As rugas	Não há	7	Não	Subtítulos: “O que é uma ruga”; “As rugas são a primeira herança da pele seca”; “Devemos prevenir as rugas”; “Pele precisa de super alimentação”; “Depois dos trinta e cinco anos”; “A massagem mal feita pode acentuar as rugas”; “De que dependem as rugas?”	Pele
30 jan. 1964	Lindas mãos em poucos minutos	Não há	6	Não	“Se quiser que a considerem uma mulher perfeita, não se esqueça de tratar das mãos”. Subtítulos: “Se costuma lavar pratos”; “Para lavar roupa”; “Ao passar roupa”; “Quando costurar”; “Para as datilógrafas”;	Pele
30 jan. 1964	Pausa que embeleza	Não há	6	Não	“Não creio que ninguém tenha tanta pressa e disponha de tão pouco tempo que não possa intercalar uma pausa refrescante de trinta minutos entre o dia atarefado e o programa da noite. É essa pequena pausa que lhe emprestará beleza, vivacidade e disposição”;	Pele
31 jan. 1964	Vida e expressão de seus cabelos	Não há	6	Não	“Os cabelos constituem a moldura do rosto e não sendo bem tratados caem e tornam-se sem vida. É assim que um rosto bonito perde os 50% de seu encanto”. Subtítulos: “Massagem cura milagrosa”; “As loções capilares”; “Os shampoos”; “E para terminar”; “Lembre-se: penteie os cabelos antes de lavá-los”; “Lave-os cada oito dias”; “Enxague-os	Cabelo

Folha Feminina (1964) Reportagens que abordam o tema beleza						
Data	Título	Autoria	Página	Imagem	Trecho de destaque	Categoria
					abundantemente”; “Utilize vinagre ou limão”....	
4 fev. 1964	Segredos de beleza	Não há	6	Não	“Vamos confiar-lhe aqui alguns segredos para que você possa, bem à vontade, escolher dentre as inovações da moda, a que fará de você uma mulher maravilhosamente diferente”. Subtítulos: “Seus cabelos”; “Seus olhos”; “Sua pele”; “Seus lábios”	Cabelo/Maquagem
14 fev. 1964	O fim de semana pode dar-lhe mais beleza	Não há	6	Não	“O desejo de toda mulher é ficar mais bonita depressa. Por isso, preparamos esse ‘roteiro’ para um encontro com a beleza no fim de semana”. Subtítulos: “Sexta-feira à noite”; “Limpeza do rosto”; “Banho de beleza”; “Sobrancelhas”; “Longas, fortes unhas”; “Boa disposição”...	Pele/Corpo
19 fev. 1964	Sentindo-se deprimida, melhores cuidado de sua beleza	Não há	6	Não	“Uma depressão moral reflete-se no organismo, e vice-versa – Já experimentou cuidar disso com uma maquiagem diferente, um novo penteado ou tonalidade viva de batom? ”. Subtítulos: “Levantar a moral”; “Pele opaca”; “Sua maquiagem”; “Seu cabelo”; “Caminho certo para a beleza”	Cabelo/Pele/Maquagem
22 fev. 1964	A beleza dos brotinhos	Não há	6	Não	“As garotas de menos de vinte anos, sempre receiam ter a pele feia, mas existem produtos naturais que resolvem o problema. O tratamento da pele deve tornar-se um hábito de todos os dias [...] Não adianta começar o tratamento quando a cutis já envelheceu precocemente, é preciso protegê-la e nutri-la desde a adolescência”	Pele
23 fev. 1964	Sem título	Não há	7	Não	“O rosto, diz um velho ditado, é o espelho da alma. Mas isto vale no sentido geral. Isto é, tanto para os homens como para as mulheres.	Pele

Folha Feminina (1964) Reportagens que abordam o tema beleza						
Data	Título	Autoria	Página	Imagem	Trecho de destaque	Categoria
					Porque, no caso da mulher, o rosto é mais que o simples espelho da alma. Ele é o espelho da beleza da alma”	
25 fev. 1964	Pronto socorro para sua beleza	Não há	6	Não	“Sabemos muito bem o que a espera, o jantar, a arrumação da mesa, a preparação dos coquetéis, o telefone que toca. Deixe tudo, olhe para o espelho. E se tiver que se assustar, assuste-se. Em geral, é sempre assim nas vésperas de uma festa.	Cabelo/Pele/Maquagem
28 fev. 1964	A beleza é feita também de “não”	Não há	6	Não	“Há mulheres belas que não cuidam dos detalhes negativos, e se tornam feias e medíocres”; Subtítulos: “Os ‘não’ da cabeça”; “Os ‘não’ da pele”; “Os ‘não’ da maquilagem”; “Os ‘não’ do rosto”; “Os ‘não’ das mãos”	Cabelo/Maquagem/Pele
3 mar. 1964	Sua beleza é importante	Não há	6	Não	“Pintar um rosto é como pintar um quadro. E aí entram o bom gosto e o conhecimento da arte de harmonia de cores”; Subtítulo: “Cores frias e quentes”	Maquagem
6 mar. 1964	Você cuida de você?	Não há	6	Não	“A pele dos cotovelos é mais delicada do que em geral se supõe. Por isso é aconselhável passar um creme pela manhã e à noite e uma vez por dia, passar a pedra pomes ou uma escôva seca”	Pele
10 mar. 1964	Flores fazem beleza	Não há	6	Não	“Cremes, óleos e loções extraídas de plantas raras são nossos aliados ao regime desintoxicante. A pele também precisa de tratamento desintoxicante, capaz de eliminar os efeitos desastrosos de um rigoroso inverno”. Subtítulos: “Suco de pétalas”; “Pólem de orquídea”; “Geléia real”; “Linha hidratante e loções aromáticas”; “Decoração”	Pele
11 mar. 1964	Você é responsável pelo	Não há	6	Não	“A ideia de beleza é bastante indefinível. [...]”	Corpo/Pele



Folha Feminina (1964) Reportagens que abordam o tema beleza						
Data	Título	Autoria	Página	Imagem	Trecho de destaque	Categoria
	seu rosto				O senso de beleza na mulher variou muito, de acordo com a educação, o momento histórico, a concepção da vida, os diferentes países. Para nós a Vênus de Milo, embora seja uma das mais bonitas obras de arte, nos parece gorda demais”; “[...] a partir dos vinte e cinco anos [...] o trabalho, o lar, o estudo, as perguntas diante das interrogações vitais costumam passar para um plano mais importante. Esta aquisição [de] consciência vai definindo a beleza da mulher. [...] Então, por que não procurar ter um rosto mais bonito?”	
11 mar. 1964	Conheça-se a si mesma	Não há	6	Não	“A conhecida frase de Sócrates também pode ser aplicada, neste caso, a parte física. [...] Olhe-se como a olharia uma desconhecida. Seu espelho pode ser o seu melhor ajudante”. Subtítulos: “Seja sua própria escultora”; “Se quer ser bela, cultive-se”; “[...] Procure uma hora para ler, escutar música ou executar alguma atividade de que a interesse”	Corpo/Cultura
12 mar. 1964	Não deixe que seus olhos a envelheçam	Não há	6	Não	“Mulher alguma ignora o quanto o seu aspecto juvenil depende da juventude de seus olhos. [...] Os olhos exigem uma série de cuidados diários”. Subtítulos: “Rugas sob os olhos”; “Ginástica ocular”; “Donas de casa devem cuidar de suas mãos”; “Defeitos da cutis”...	Pele
14 mar. 1964	Beleza	Não há	6	Não	“Escute melhor: os pitos de sua mãe muitas vezes são conselhos de beleza”. Subtítulos: “Vá se pentear”; “Seus cabelos são opacos”; “Você come muito pouco”; “Você que tem medo de engordar”; “Você que é pequena e gostaria de engordar”; “Não roa unha, menina”; “Você é muito moça para se pintar”;	Corpo/Cabelo/Maquagem

Folha Feminina (1964) Reportagens que abordam o tema beleza						
Data	Título	Autoria	Página	Imagem	Trecho de destaque	Categoria
					“Não pegue meu perfume”...	
20 mar. 1964	Torne-se bela	Não há	6	Não	“Um rosto normal, aquele sem defeitos, um rosto que pode ser ‘anônimo’, pode tornar-se fascinante conforme a valorização que lhe dá a sua dona”; “é por conseguinte necessário realizar a primeira operação dessa transformação dedicando a máxima atenção aos cabelos”	Cabelo/Maquagem
21 mar. 1964	Alfabeto do glamour para o brotinho	Não há	6	Não	Subtítulos: “A – Atração”; “B – Beleza”; “C – Cortesia”; “D – Depilatórios”; “E – Expressão dos olhos”; “F – Fazer as unhas dos pés”; “G – Graciosidade pintada” [...] “Zangar – Nunca, se possível. Uma jovem que se aborrece à toa, não conserva amizades. Saiba impor-se, sem discursos”	Conduta/Pele/Maquagem
22 mar. 1964	A beleza antes de tudo	Não há	6	Não	“É o seu dever ser bela, para que os seus filhos e o seu marido sintam-se sempre orgulhosos de você. Para consegui-lo bastam um pouco de vontade, método e engenhosidade”. Subtítulos: “Primeiro objetivo: a saúde”; “Durma o necessário”; “Repouse suas pernas”; “Cuide de sua aparência”; “Para tratamento da pele”; “Mantenha um porte ereto”; “Torne o sorriso mais atraente”	Saúde/Corpo/Pele
26 mar. 1964	Saúde e beleza	Não há	6	Não	“Se você sente que algo não vai bem em seu organismo, procure um médico e se trate. Fazendo isso primeiro, você já estará iniciando o seu tratamento de beleza pelo ponto mais importante”	Saúde/Corpo/Pele
29 mar. 1964	Torne-se bela em poucos minutos	Não há	6	Não	Subtítulos: “Se você tem 15 minutos”; “Se você tem meia hora”; “Se você tem uma ou duas horas”...	Pele/Maquagem/Cabelo
31 mar. 1964	Cuide de sua beleza	Não há	6	Não	“A verdadeira beleza deve principiar pela pele	Pele/Saúde

Folha Feminina (1964) Reportagens que abordam o tema beleza						
Data	Título	Autoria	Página	Imagem	Trecho de destaque	Categoria
					– limpa e clara [...] Lembre-se também de que a comida, o descanso e o exercício são necessários, tudo isso ajuda você a ter uma pele brilhante”	
17 abr. 1964	A alimentação e saúde dos dentes	Não há	5	Não	“Os dentes não exprimem apenas um fator estético pois desempenham também um papel importante na saúde geral”	Saúde
17 abr. 1964	Afinal como ser bela?	Não há	5	Não	“Talvez você o ignore ou não queira admiti-lo por modéstia, mas saiba: a partir deste momento, a partir da leitura desta coluna, não poderá mais negá-lo! Não existe um tipo de beleza ideal, toda mulher traz em si uma promessa de beleza, e na maioria das vezes uma falta de harmonia”; “Ser sedutora não é uma questão de idade [...] Para conservar a sedução não é suficiente ser apenas bela, é necessário o charme, a malícia, e, sobretudo o espírito”	Conduta/Maquagem
24 abr. 1964	Êsses terríveis centímetros	Não há	6	Não	“Dois ou três centímetros a mais ou menos, podem valorizar ou anular todos os méritos de uma bela figura, em qualquer idade”. Subtítulos: “Tornozelos”; “Braços”; “Pernas”; “Quadris”; “Pescoço”; “Água faz beleza”; “A reserva necessária”; “Depois dos trinta”...	Corpo
6 maio 1964	Mãos... Detalhe da beleza	Não há	6	Não	“Não use jóias em excesso, principalmente se as mãos não estão impecáveis”; “[...]se você tem de fazer certos serviços de casa, como lavar cozinhar etc. não faça sem luvas”	Pele
6 maio 1964	A beleza dos cabelos	Não há	6	Não	Subtítulos: “Cabelos secos”; “Cabelos oleosos”; “A escova”; “A massagem”; “Frequência das lavagens”; “As tinturas”...	Cabelo
7 maio 1964	Cuidado com o rosto	Não há	6	Não	“Para que seu rosto conserve o aspecto belo, merece de você um cuidado todo especial.	Pele

Folha Feminina (1964) Reportagens que abordam o tema beleza						
Data	Título	Autoria	Página	Imagem	Trecho de destaque	Categoria
					Desde a mocidade deveria ser alvo de sua melhor atenção, pois é nesse período que começam a surgir as primeiras imperfeições”	
20 maio 1964	Embelezada para [o] outono	Eda Coutinho Barbosa	6	Não	Subtítulos: “Nariz”; “Pés e cotovelos”; “As mãos”; “O corpo”; “Poros abertos”; “Cor nas mãos”	Pele
11 jun. 1964	Segredos de beleza	Não há	6	Não	“Nem sempre as rugas são consequência da idade, mas da vida agitada que muitas mulheres levam”; “Não exagere no uso dos produtos de beleza, pois os bons resultados que deles se espera na maioria dos casos dependem, precisamente da rigorosa observância das doses aconselhadas”	Pele/Cabelo
19 jun. 1964	Rugas... as terríveis inimigas da mulher	Não há	6	Não	“O tratamento das rugas deve ser precoce. Quanto mais tempo passar, mais difícil será fazê-las desaparecer”	Pele
28 jun. 1964	Máscaras de beleza	Não há	7	Não	“A máscara de beleza não é novidade. Desde tempos remotos que as mulheres aprenderam com a natureza uma lição bastante útil: o tempo envelhece e a natureza rejuvenesce”	Pele
3 jul. 1964	Para sua beleza	Não há	6	Não	“Toda mulher pode tornar-se elegante e bela pois não existe somente a beleza dos traços, mas também a da postura, do corpo bem proporcionado, da alma que se reflete no rosto muito mais do que a maioria das pessoas pensa. A beleza na graça, do andar, a simpatia etc.”	Conduta
3 jul. 1964	6 sugestões de beleza	Não há	6	Não	“[...] a regra mais importante é esta: se usar ruge em pó ou em tijolinho, aplique antes a base”	Maquiagem
8 jul. 1964	A beleza de todas as mulheres: a maquiagem, os olhos, o	Eda Coutinho Barbosa	7	Não	“A mulher tem um rosto, um cabelo e um vulto, são os seus três talentos naturais. [...] Todos eles juntos são o espelho de sua	Conduta/Pele/Cabelo

Folha Feminina (1964) Reportagens que abordam o tema beleza						
Data	Título	Autoria	Página	Imagem	Trecho de destaque	Categoria
	sorriso, o penteado, a serenidade				essência e feminilidade, e refletem a sua doçura e seu encanto e a sua elegância”	
11 jul. 1964	Boa aparência não custa muito	Não há	6	Não	“Ser bela é dever de toda mulher, em qualquer idade. A boa aparência é imprescindível, não só em passeios e visitas, mas na rotina diária”;	Pele/Cabelo/Conduta
11 jul. 1964	Para sua beleza	Não há	6	Não	“Toda mulher pode tornar-se elegante e bela pois não existe somente a beleza dos traços, mas também a da postura, do corpo bem proporcionado, da alma que se reflete no rosto muito mais do que a maioria das pessoas pensa. A beleza na graça, do andar, a simpatia etc.”; “Os produtos de beleza não são somente usados com a finalidade de embelezar a mulher. De fato, servem à proteção da pele, quando são de boa qualidade”; “Se seus cabelos são oleosos use semanalmente um xampú de clara de ovo, e na última água pingue gotas de limão”	Conduta/Pele/Cabelo
19 jul. 1964	Ao pintar a boca	Não há	6	Não	“Os lábios devem estar secos. Se preferir use um pincel, mas o lápis é mais fácil de manejar [...]”	Maquiagem
19 ago. 1964	Beleza no escritório	Não há	6	Não	“A boa aparência é uma das coisas importantes para a mulher que trabalha. Por isso, não deve faltar em sua bolsa um estojo de pó compacto para retocar a maquiagem”; “Se você trabalha fora, minha amiga, não se esqueça de que tem de enfrentar, diariamente, a concorrência das colegas e a crítica dos estranhos, e deve estar preparada para enfrenta-las”	Maquiagem/Pele
10 set. 1964	Regras de como emagrecer	Não há	6	Não	“Há três tipos de mulheres gordas: as que comem demais, as que são vítimas de uma hereditariedade e aquelas cujas glândulas funcionam mal. Sorvem para as três algumas	Corpo

Folha Feminina (1964) Reportagens que abordam o tema beleza						
Data	Título	Autoria	Página	Imagem	Trecho de destaque	Categoria
					regras que devem ser obedecidas de um modo draconiano [...]"	

**Fonte:** SKURA, PÁTARO, MEZZOMO, 2015.

Na seção que trata das reportagens sobre beleza expostas nas tabelas anteriores, englobam-se discussões pautadas em reportagens que abordaram temas como maquiagem, pele, cabelo, corpo, saúde, conduta e congêneres.

As tabelas 4, 5 e 6 trazem trechos de destaque das reportagens e as categorias nas quais essas publicações foram enquadradas. Cada reportagem, contudo, pôde ser atribuída a mais de uma categoria, por mesclar os temas nos discursos evidenciados.

Nas 89 reportagens, o tema dos cuidados com a *Pele* aparece em 53 momentos; fala-se de *Maquiagem* 26 vezes e de *Cabelo* 24. A categoria *Corpo* é observada em 16 publicações no período. 13 reportagens fazem uso do argumento da *Saúde* ao falar de beleza e 10 dão dicas de *Condutas* que supostamente tornam a mulher mais bela. 2 matérias tratam especificamente sobre cuidados com as *Unhas* e outras 2 abordam o embelezamento feminino através da *Cultura*.

**Tabela 7.** Frequência de temas nas publicações sobre beleza.

Ano x Tema abordado	Pele	Maquiagem	Cabelo	Corpo	Saúde	Conduta	Unhas	Cultura
<b>1962</b>	6	3	7	2	2	0	1	0
<b>1963</b>	13	9	3	3	4	4	1	1
<b>1964</b>	34	14	14	11	7	6	0	1
<b>TOTAL</b>	53	26	24	16	13	10	2	2

Os valores da tabela são as quantidades de citações de cada dupla de categorias.

Fonte: SKURA, PÁTARO, MEZZOMO, 2015

A análise de conteúdo, como instrumento das comunicações, permitiu que fosse explorado o estudo empírico com apoio de técnicas específicas, ainda que estas não fossem doutrinárias, ou mesmo normativas (BARDIN, 2011). Brevemente, inclusive, destacamos: a regra da exaustividade, em que todos os elementos do corpus foram extenuantemente consultados, explorados e conhecidos; a regra da representatividade, pela qual efetuamos o estudo com base em uma amostra representativa do universo inicial; a regra da homogeneidade, que permite que em universos mais similares, amostras menores sejam aceitáveis e representativas; e, por fim, a regra de pertinência, a qual constata que os documentos devem ser adequados e selecionados enquanto fonte de informação visando conformar-se ao objetivo que incentivou a análise.

É necessário considerar, ainda, que “não existe coisa pronta em análise de conteúdo” (BARDIN, 2011, p. 36). O método empregado, dessa maneira, por ser bastante empírico,

depende diretamente do material que se deseja estudar e se dedica e ao tipo de interpretação pretendida.

Nesta direção, para aprofundar discussões, após a pré-análise e exploração dos materiais da Folha Feminina – conforme apontaram as categorizações presentes nas tabelas 1, 2 e 3 –, apresentamos (nas tabelas 4, 5 e 6) como o assunto da beleza destacou-se no corpus da pesquisa, para aprofundar apontamentos e análises sobre essa temática.

Abordaremos, com base na leitura dessas reportagens sobre beleza da Folha Feminina no FNP, discussões de gênero surgidas mediante a lida com os materiais empíricos e teorias que deram base para a análise. Os temas principais abordados contemplam temáticas tais como: a aparência feminina como imperativo de valor na sociedade; as conotações da maquiagem e suas implicações nas ideias de feminilidade; a moda dos cabelos curtos femininos nos anos 1960 e suas possíveis significações à época; as propostas de tratamentos estéticos com o apelo/argumento da saúde; os regimes de emagrecimento como parte da cultura feminina; os cuidados com a pele como caminhos para “prolongar a juventude”; os apelos de juventude como única (ou melhor forma) de beleza, aliada ao medo da velhice.



### CAPÍTULO 3

#### NA BELEZA SE ANCORA A FEMINILIDADE: REPRESENTAÇÕES DE *BELEZA DE MULHER*

Este capítulo tem o propósito de evidenciar a análise empírica que parte do contexto trazido nos capítulos anteriores (elementos internos e externos do jornal e procedimentos metodológicos). Após determinar, por meio das etapas previstas pela análise de conteúdo, o corpus documental que origina as inferências e considerações da investigação, intencionamos abordar temas de destaque identificados com base no recorte da beleza nas reportagens da Folha Feminina.

Cotejamos as noções de beleza, em um primeiro momento, de modo geral, para, na sequência, alocar essas discussões confrontando-as à empiria. Os subtópicos os quais dividem as discussões emergem como elementos de destaque dentro de um contexto mais amplo. Conforme apresentado no capítulo anterior, verificamos que, no acervo da Folha Feminina compreendido entre os anos de 1962 e 1964, o tema da beleza foi o mais representativo. No contexto do recorte temático das reportagens sobre beleza, as categorias de maior destaque foram Pele, Maquiagem, Cabelo, Corpo, Saúde, Conduta e Cultura, respectivamente. Dentro dessas categorias, alguns discursos e significados, seja por seu caráter recorrente ou por destoarem do quadro geral, foram trazidos para permitir uma análise mais detalhada das representações de mulher e beleza no FNP.

Assim, optamos por trazer a análise apoiada em três grandes eixos de discussão: 1) O rosto, a maquiagem e os cabelos; 2) O argumento médico da beleza, os regimes de emagrecimento e a temida velhice; e 3) A bela mulher que trabalha fora. A primeira categoria de análise aborda os discursos mais frequentes da Folha Feminina, alocando produções de sentido nos contextos de enunciação e inferindo possíveis interpretações destas comunicações. A segunda categoria aponta e explica uma característica notável dos anos 1960 e do FNP: a associação entre saúde, beleza e juventude. Por fim, a terceira categoria destaca discursos que refletem mudanças nos modelos rígidos de feminilidade, apontando, ainda que dentro do apelo homogeneizante dos cuidados estéticos, novos espaços sociais das e para as mulheres.

Antes de explorar as três categorias, busca-se compreender a beleza como recorte da pesquisa, explicitando o pano de fundo das considerações tecidas pelos tópicos que se aprofundam em temas específicos nos tópicos seguintes.

### 3.1 A beleza como recorte temático

A temática da beleza pode ser assumida em sua realidade histórica, de maneira que permite compreender que essa se constituiu por diversas e repetidas representações individuais e sociais, que podem ser desconstruídas e reconstruídas (GOETZ et al., 2008).

A beleza, do mesmo modo que a justiça, a liberdade, o amor e a democracia, explica Duarte Júnior (1991), é um adjetivo tido como uma meta utópica a se atingir, sendo ao mesmo tempo baliza e ponto de referência, constituindo-se como parte dos objetivos os quais a ação humana persegue, mas que não existe em sua concretude. Ainda assim, damos a essa palavra conotações que nos parecem bastante palpáveis.

Ao falar de beleza, o conceito incorporado pelo estudo e ao qual nos referimos é ligado diretamente às noções de aparência do corpo. As exigências da beleza feminina, muitas vezes, aparecem como compulsórias e a “boa aparência” se instala como atributo fundamental feminino nas mensagens talvez porque, historicamente, desenvolveu-se a crença na relação de causa e efeito entre a aparência e o caráter dos indivíduos, aspecto bastante valorizado na sociedade e que se alinha aos valores cristãos que estão no pano de fundo dessas publicações.

A etimologia do termo “carácter” (do grego *Karakter*, ou “sinal gravado”), aponta Cordeiro (2014), indica uma natureza permanente, e essa natureza seria expressa sobretudo no rosto – compreendido como o “resumo do corpo” –, de modo que seria possível, com base na aparência, decifrar determinadas qualidades morais. Desta forma, na modernidade, “controlar a aparência equivaleria a controlar o carácter dos cidadãos e, assim, contribuir para a higiene social” (CORDEIRO, 2014, p. 27).

Barros (2013), nesta mesma direção, afirma que o ideal grego da perfeição, com justa proporção e simetria, era expresso pela *Kallogagathia*, termo que nasce da palavra *Kállos* (traduzida como “belo”) e da palavra *Agathós* (traduzida como “bom”). Por isso, uma pessoa bela, explica a autora, seria também considerada como digna, corajosa e com habilidades morais. Cortine e Haroche (1988) já denotavam que o caráter, lido no rosto do indivíduo, mostra como a aparência é produzida como efeito de um eu profundo, do interior pessoal.

Nesta mesma direção, demonstrando como a associação entre boa aparência e boa índole frequentemente é feita, Eco explica que:

“belo” – junto com “gracioso”, “bonito” ou “sublime”, “maravilhoso”, “soberbo” e expressões similares – é um adjetivo que usamos frequentemente para indicar algo que nos agrada. Parece que, nesse sentido, aquilo que é belo é igual a aquilo que é bom e, de fato, em diversas épocas históricas criou-se um laço estreito entre o Belo e o Bom (ECO, 2004, p. 8).

Em uma visão mais prática, Salvetti (2013a, 2013b) demonstrou por meio do estudo de anúncios de produtos e serviços para a beleza feminina publicados em grandes periódicos paulistas que, nos anos 1920, o binômio beleza e honra era um discurso bastante presente. Especialmente para as mulheres trabalhadoras pobres que não faziam parte de um núcleo familiar tradicional, como exigia o aparelho moralizador social, explica a autora, a mídia e a sociedade produziam sentidos nos quais o corpo feio e que não seguia a anatomia feminina desejada – com flacidez, dentes descuidados, peitos caídos, lábios grossos e cicatrizes – era visto como indicativo que depunha contra a honra da mulher. Na sociedade higiênica, ainda descreve a autora, a anatomia, as marcas corporais e demais informações estéticas eram vistas como capazes de revelar aspectos do comportamento psicológico das mulheres e passaram, por meio dessa associação, a comunicar também as condições sociais femininas. Os estereótipos de beleza, assim, contrapõem-se diretamente com o que se considerava como escárnio, o “errado”.

O conceito de beleza é (re)definido historicamente, existe sempre um contexto enviesado pela cultura. A mulher olhada como corpo belo em detrimento de representações das pluralidades femininas reflete convenções culturais, midiáticas e sociais que vêm funcionando já há bastante tempo.

O “mito da beleza” se apresenta como forma de controle social de uma classe que utiliza a mídia como via de dominação e obtenção de lucro (WOLF, 1992). É essencial, por isso, tecer críticas aos discursos que “obrigam” a mulher a seguir um modelo ideal de beleza, mas é igualmente importante a precaução de não condenar os cuidados com a beleza, reduzindo-os a sinônimos de diminuição do valor da mulher ou como alienação e passividade frente às representações midiáticas.

Especificamente nos apelos da mídia impressa, o discurso da beleza obrigatória é frequentemente traduzido como natural em mensagens da imprensa feminina, justamente porque se considera que “no reino da cultura da imagem, a aparência ajuda a produzir o que somos – ou pelo menos o modo como somos percebidos” (BUITONI, 2009, p. 15). Esse tipo de constatação denota claramente que “se sairmos da superfície, veremos que a imprensa feminina é mais ‘ideologizada’ que a imprensa dedicada ao público em geral. Sob a aparência da neutralidade, a imprensa feminina veicula conteúdos muito fortes” (BUITONI, 2009, p. 22). A imprensa é portadora de concepções, antes de tudo, porque tem seus critérios avaliativos para selecionar e editar reportagens. Mas as publicações femininas são muito marcadas também por um jornalismo de caráter mais informativo estruturalmente: ainda que

sejam seções femininas em jornais diários, as publicações da imprensa feminina costumam ser mais espaçadas, e têm um tom mais opinativo e individualizado.

Na imprensa feminina, diz Buitoni (2009), a mulher está metonimicamente ligada aos papéis sociais básicos femininos que perduraram especialmente até os anos 1970: dona de casa, esposa e mãe – e o problema reside no fato de que a mulher há que ser mais que um rótulo ou um amontoado de qualidades, ela existe para além do marido, da casa e dos filhos, sua identidade está também nela mesma, e não apenas nas referências externas.

Perceber essas noções como construções históricas é essencialmente relevante, pois, se pensarmos no cenário da atualidade (anos 2000), por exemplo, já há outras concepções acerca do tema. Estas noções, portanto, não são fixas,

o corpo pertence mais à história do que à natureza. Não existe um corpo impermeável às marcas da cultura. [...] Os conceitos de belo e de feio são relativos aos vários períodos históricos ou às várias culturas. As atribuições de beleza ou de feiura eram devidas não a critérios puramente estéticos, mas a critérios políticos, morais e sociais. As formas de problematizar as aparências, os modos de conceber e de produzir noções de beleza são modificados ao longo do tempo na sociedade. Compreender essas mudanças implica em perceber a coerências das representações que, ao longo do tempo, acentuam a repulsa pelas aparências consideradas feias (BARROS, 2013, p. 76).

Se a ideia predominante é a de que o feminino se expressa principalmente por meio da aparência, na década de 1960 esse discurso se traduzia em publicações com incansáveis conselhos práticos às mulheres, de modo que, nesse período, “traumas e frustrações tornaram-se termos comuns nos conselhos de beleza” (SANT’ANNA, 2012, p. 119). O embelezamento era encarado com certa complicação e as exigências eram diversas. Manter belo o rosto, as mãos, o corpo, a postura elegante, eram tarefas dignas de manuais e conselhos diários para as mulheres. Ao observar os argumentos que afirmam a necessidade dessas práticas, trazidos pelas reportagens da Folha Feminina do FNP, podemos avaliar, sem dúvidas, que “a construção corporal feminina se constitui num mediador de relações sociais de gênero” (ALVES, 2014, p. 121), já que nem sempre a beleza feminina servia para a mulher sentir-se bela, mas para parecer bela ao outro. Do mesmo modo, nesta lógica, infere-se que a própria constituição do ser mulher constitui-se pela mediação do outro (BEAUVOIR, 1980) e a relação da mulher com a estética do corpo e o olhar do outro é um enlace visível (VILHENA; MEDEIROS, 2005).

Para entender essas significações trazidas, portanto, utilizaremos os exemplos das reportagens da Folha Feminina do FNP, analisando-as e as confrontando com os referenciais

teóricos para mostrar, por fim, como se estreitam as relações entre sociedade e imprensa ao falar de beleza e de mulher na década de 1960.

### 3.2 A beleza antes de tudo

A matéria “A beleza antes de tudo” (Imagem 5) ensina: “É o seu dever ser bela, para que os seus filhos e o seu marido sintam-se sempre orgulhosos de você. Para consegui-lo bastam um pouco de vontade, método e engenhosidade” (FNP: A beleza antes de tudo, 22 mar. 1964, p. 6).

Imagem 5. A beleza antes de tudo.



Fonte: Folha do Norte do Paraná, 22 mar. 1964.

Acervo do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder.

Esse conteúdo representa o discurso recorrente encontrado no FNP, o imperativo social de que “ser mulher” é buscar um ideal de beleza e a aprovação social masculina. Já desde o início do século XX, as virtudes constituintes da feminilidade costumam pautar-se em características como recato, docilidade, afetividade mais desenvolvida e receptividade passiva relacionada aos desejos e necessidades masculinas e também dos filhos (ALMEIDA, 2012, p. 30). Nesta direção, percebemos que, nesses discursos,

tem-se claramente a intenção de inserir a mulher no âmbito da dependência simbólica em que ela primeiro existe pelo e para o olhar dos outros. Decorre desse entendimento a expectativa que ela seja receptiva, atraente e esteja sempre disponível para agradar ao homem. Por isso, dela é esperado simpatia, atenção e submissão (ALVES, 2012, p. 40).

Isso é percebido de modo bastante evidente quando notamos que, historicamente, subjugou-se a mulher a uma posição de feminilidade gerada por um discurso masculino. As

mulheres, criadas em um ambiente machista, não conseguem se enxergar além do olhar do homem, do ‘outro’ (ALMEIDA, 2012; DEL PRIORE, 2014a). A força de caráter regulatório e normatizador desses discursos, como os que o FNP apresenta, provém principalmente do fato de que “por terem poucos modelos a imitar no mundo real, as mulheres os procuram nas telas e nas revistas femininas” (WOLF, 1992, p. 76).

As cobranças em torno da postura, dos sapatos, da maquiagem, da beleza da pele e dos cabelos, assim como do agir, mostram uma exigência em relação ao aparecer/apresentar-se. Na década de 1960, partindo do referido jornal como exemplo da representação midiática, já é possível concluir que há um imperativo social de íntima ligação entre mulher e beleza.

Faz-se necessário o questionamento dessas representações, uma vez que “o culto à beleza manipula imagens que minam a resistência psicológica e material das mulheres” (DEBERT, 2011, p. 69). Há uma relação na qual o corpo feminino se caracteriza como uma espécie de patrimônio capital cultural que supera outras características constituintes do sujeito mulher, na qual ganha destaque a busca por uma boa apresentação, cenário em que as roupas e acessórios da moda, o corpo belo e jovem, a boa forma e outros valores constituintes da feminilidade não são apenas abordados com destaque, mas se apresentam como definidores da identidade das mulheres, moldando corpos, gestos, condutas, gostos, desejos e expectativas.

Fica claro como o corpo, nesses discursos, é um capital simbólico, econômico e social, e, “o corpo-capital é um corpo sexy, jovem, magro e em boa forma, que caracteriza como superior aquele ou aquela que o possui” (GOLDENBERG, 2015, p. 17). Entretanto,

Não é possível pensar o corpo (mas, do mesmo modo, o gênero, o sexo, a sexualidade) fora da história e de valores de representações próprias a uma condição social e cultural, em dado momento, ainda que o indivíduo faça deles um assunto seu e se aproprie deles ao seu modo. Nenhuma exterioridade tranquilizadora autoriza a formular um julgamento de verdade a esse respeito. Falar de masculino ou de feminino implica, de algum, modo, num julgamento de valor, na referência a um contexto social e cultural (LE BRETON, 2014, p. 19).

Essas noções não são novas e nem mesmo exclusivas do FNP, uma vez que há um longo processo de construção e reiteração de discursos que fortalecem percepções sobre mulher e beleza. No início do século XX, a beleza física podia ser interpretada como dádiva divina e, à mulher que a possuía, cabia conservá-la, de modo comedido e recatado (SANT’ANNA, 2012).

A reportagem do FNP intitulada “Afiml como ser bela?”, afirmava: “Não existe um tipo de beleza ideal, toda mulher traz em si uma promessa de beleza [...] Para conservar a

sedução não é suficiente ser apenas bela, é necessário o charme, a malícia, e, sobretudo o espírito” (FNP: Afinal como ser bela?, 17 abr. 1964, p. 5). Nota-se um discurso que articula argumentos de modo a afirmar que o esforço dirigido à busca pela beleza não só dependia das aparências, mas também dos modos de se portar.

Imagem 6. Beleza e maneiras a mesa.



Fonte: Folha do Norte do Paraná, 3 jul. 1964.

Acervo do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder.

Dessa maneira, a Imagem 6, de 1964, por exemplo, ilustra uma reportagem que, além de trazer dicas de beleza, traz orientações de etiqueta que regem como agir elegantemente à mesa durante as refeições. A publicação “Maneiras à mesa” (FNP, 3 jul. 1964, p. 6) aconselha às mulheres que possuam “verniz” social observarem: corrigir atitudes vistas como não educadas de cônjuges, nunca se servir primeiro, iniciar a refeição só depois que todos estejam servidos, não convidar as crianças à mesa quando houver visitas, limpar a boca antes de tomar bebidas, posicionar o guardanapo estendido no colo e colocá-lo ao lado do prato ao fim da refeição.

As considerações de Del Priore (2009) auxiliam a compreender esses apelos, quando a autora denota que a *coquetteire* (valorizar-se para agradar, cuidar da maquiagem, pele e cabelo, andar e gesticular graciosamente) era considerada como a mais admirável qualidade da mulher, fazendo as feias parecerem bonitas e as bonitas, encantadoras. A *coquetteire* é “literalmente a preocupação de se valorizar para agradar” (DEL PRIORE, 2014b, p. 114).

Alves (2014) também aborda o coquetismo (ou coqueteria), apontando que este se estabelece como forma de sedução, de despertar o interesse do outro.

Courtine e Haroche (1988) apontam que, historicamente, o corpo, a aparência, a boa presença e a postura devem harmonizar até mesmo com a linguagem, pois o cuidado com a expressão demonstra civilidade. Sant’anna (2012), da mesma forma, comenta que a beleza vai além da aparência, de modo que desde a década de 1950, além de dicas para melhorar a beleza, indicava-se como era esperado que as mulheres se comportassem, de forma que os conselhos atentavam para a importância de saber andar, sentar, dançar e conversar “adequadamente”.

A Folha Feminina também ensinava:

Toda mulher pode tornar-se elegante e bela pois não existe somente a beleza dos traços, mas também a da postura, do corpo bem proporcionado, da alma que se reflete no rosto muito mais do que a maioria das pessoas pensa. A beleza na graça, do andar, a simpatia etc. (FNP: Para sua beleza, 3 jul. 1964, p. 6).

Na Revista Feminina, estudada por Mary Del Priore (2014b), uma reportagem de 1920, por exemplo, já alertava que as moças feias haveriam de educar o espírito, viver higienicamente e nutrir-se convenientemente, sendo sempre educadas e meigas, pois se fossem simpáticas, deixariam de ser feias, ou mesmo se tornariam mais atraentes do que as bonitas, por terem prestígio pessoal (DEL PRIORE, 2014b). A autora ainda aponta que essas exigências à mulher, que antes vinham do esposo, hoje vêm também de fontes como a mídia, um algoz sem rosto. Há, através do tempo, portanto, uma infinidade de mensagens que “ensinam” que ser forte, inteligente e realizada não é o suficiente: para ser mulher, verdadeiramente, é preciso ser bela.

Neste sentido, as representações têm profundo efeito sobre as experiências do corpo, pois dão suporte à ilusão de um modelo ideal, de divulgação e capitalização do culto ao belo, estimulado por meios de comunicação e indústria da beleza (SIQUEIRA; FARIA, 2007). Nesses meios, “as representações não são simples imagens, verídicas ou enganosas, do mundo social. Elas têm uma energia própria que persuade seus leitores ou seus espectadores que o real corresponde efetivamente ao que elas dizem ou mostram” (CHARTIER, 2011, p. 27).

Culturalmente, a mulher é receptora de noções que reiteram a insegurança quanto à aparência (WOLF, 1992). O julgamento de si mesma e de outras mulheres se faz mais severo diante de modelos de como o sujeito mulher deve se parecer – nunca se é bonita o suficiente, nunca se é mulher por inteiro. Essa compreensão é reafirmada pela matéria da Folha



Feminina, quando expressa que “Ser bela é dever de toda mulher, em qualquer idade. A boa aparência é imprescindível, não só em passeios e visitas, mas na rotina diária” (FNP: Boa aparência não custa muito, 11 jul. 1964).

E se tradicionalmente “a chamada boa aparência impunha-se. Os bons casamentos sobretudo dependiam dela” (DEL PRIORE, 2009, p. 73), significando que a beleza, além de ser uma forma de igualar as relações de poder, ligadas à sedução e a valores que supervalorizam a boa aparência, passa a ser definidora de mulher e função a ser cumprida socialmente.

As feminilidades, justamente, são feitas de rupturas e permanências. As rupturas ajudam a expandir possibilidades e as permanências, por vezes, apontam fragilidades (DEL PRIORE, 2014a). Nossos corpos são, paradoxalmente, libertadores e aprisionadores. Pocahey (2014, p. 179) afirma que não há “corpo sem forma, como não há corpo sem norma”. O corpo, segundo o autor, será sempre apreendido pela linguagem, disputas de significados e relações de poder. Assim, o mito da beleza ideal, tal como explicita Wolf (1992), demonstra que as mulheres devem ser belas e os homens devem querer possuí-las, de modo que a beleza se torna uma obrigação para elas. Compreende-se que:

Estar no padrão midiático difundido do belo, do magro e do jovem, adotar as técnicas sugeridas que são apresentadas como simples e acessíveis, produz um fenômeno crescente de culto ao corpo, conduzindo a um paradoxo, que ocorre quando não há correspondência entre a imagem corporal difundida nas publicações e a imagem corporal real da maioria das pessoas, levando-as muitas vezes, a buscar tais padrões associados ao corpo por meio de sacrifícios que chegam à doença ou até à morte, tudo em busca de um padrão ou modelo dito ideal (GOETZ et al., 2008, p. 234).

Esse imperativo regulador, imposto a garotos e garotas, contudo, é essencialmente aprendido, já que por ser uma construção social e histórica, a noção de beleza não é universal ou imutável. A própria Folha Feminina do FNP já alertava:

A ideia de beleza é bastante indefinível. [...] O senso de beleza na mulher variou muito, de acordo com a educação, o momento histórico, a concepção da vida, os diferentes países. Para nós a Vênus de Milo, embora seja uma das mais bonitas obras de arte, nos parece gorda demais (FNP: Você é responsável pelo seu rosto, 11 mar. 1964, p. 6).

A cobrança pela beleza da mulher é resquício de toda uma história cultural que, reforçada pela imprensa, define padrões aprendidos e compreendidos ontem e hoje. As crenças, as representações e os significados do que representa a masculinidade e a

feminilidade, em determinada sociedade, são cristalizadas nos corpos (MATOS; LOPES, 2008).

A mulher ideal, mais do que bonita, definia-se com base nos modelos femininos tradicionais – com ocupações voltadas às atividades domésticas e ao cuidado dos filhos e do marido – exaltando, assim, características tidas como próprias da feminilidade: tais como o instinto materno, a pureza, a resignação e a doçura (DEL PRIORE, 2014b).

**Imagem 7.** Cuide de sua beleza.



**Fonte:** Folha do Norte do Paraná, 1 nov. 1962.

Acervo do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder.

A reportagem de 1962 (Imagem 7), em um exemplo prático, retrata dicas de beleza como chás para desinchar, modos de manter as mãos hidratadas depois de lavar roupas e uma receita de shampoo caseiro para cabelos quebradiços. Realizar os serviços domésticos, segundo rege a matéria, é tarefa que deve ser encarada com serenidade.

Isso porque se reafirma que “se você [mulher] é uma dona de casa ocupadíssima dentro e fora do seu lar, lembre-se que a tensão é inimiga da beleza e da eficiência” (FNP: A tensão é inimiga da beleza, 5 dez. 1963, p. 6).

Além da necessidade de serem belas, fica claro como “as esposas dos ‘anos dourados’ eram valorizadas por sua capacidade de responsabilizar-se pela felicidade doméstica” (DEL PRIORE, 2014b, p. 161). Nessas representações, parecem ecoar sentidos calçados na família patriarcal, herança forte do século XVIII, a qual podia ser resumida em: “pai soturno, mulher

submissa, filhos aterrados” (DEL PRIORE, 2014a, p. 13). A autora explica que, historicamente,

A Igreja Católica explorou as relações de dominação que presidiam o encontro de homem e mulher dentro de casa, incentivando a última a ser exemplarmente submissa. A relação de poder já implícita na escravidão se reproduzia nas relações mais íntimas entre marido e mulher, condenando esta a ser uma escrava doméstica, cuja existência se justificasse em cuidar da casa, cozinhar, lavar a roupa, servir ao chefe de família com sexo, dando-lhe filhos que assegurassem sua descendência e servindo como modelo para a sociedade com que sonhava a Igreja (DEL PRIORE, 2014a, p. 13).

Por e a partir dessas considerações, vê-se como a ideia de beleza (e de feiúra) está associada não apenas à aparência física, mas também ao comportamento, à moral e a algumas qualidades da mulher que deveriam ser expressas nas relações estabelecidas com os outros. O contexto da religião, presente no modelo patriarcal que citou Del Priore, não só é forte componente desse discurso, como também no FNP era destacado pela linha editorial do periódico que era da Igreja Católica.

Na família ideal, citada pela autora, considerava-se que os homens, por serem os provedores, tinham autoridade e poder sobre as mulheres e a elas, portanto, cabia agradá-los. Esse tipo de alegação presente na Folha Feminina remete ao que Del Priore (2014a) chamou de proeminência das figuras masculinas, como do marido e do padre, que poderiam prescrever o que era adequado à mulher. Por isso, a mulher deveria fazer tudo que estava ao seu alcance para conquistar (e depois manter) o marido. Há muito tempo que “das mulheres espera-se que sejam: simpáticas, atenciosas, submissas, sorridentes e discretas” (ALVES, 2014, p. 100).

Nos Anos Dourados (1945-1964), inclusive, a reputação de boa esposa e mulher ideal ligava-se àquela mulher que “não criticava, que evitava comentários desfavoráveis” (DEL PRIORE, 2014a, p. 69). A matéria da Folha Feminina de nome “Alfabeto do glamour para o brotinho” aponta em sua última dica: “Zangar – Nunca, se possível. Uma jovem que se aborrece à toa, não conserva amizades. Saiba impor-se, sem discursos” (FNP: Alfabeto do glamour para o brotinho, 21 mar. 1964, p. 6), apontando que era essencial para as mulheres a gentileza e a calma.

Já que “a boa companheira integrava-se às opiniões do marido, agradando-o sempre” (DEL PRIORE, 2014b, p. 167), quando a matéria aconselha aos “brotinhos” aprender a se impor de modo a evitar os “discursos”, é refletida uma tradição cultural na qual o que se afirma é que as mulheres, desde muito cedo, devem aprender a servir, resignando-se, mantendo as aparências e abrindo mão, dessa forma, de discussões e enfrentamentos, coisas

que, no futuro, lhe serão bastante úteis e serão exigidas principalmente no seu relacionamento com o esposo (PINSKY, 2014).

Não se expressar por meio de “discursos” e não se “vitimizar” são conselhos frequentes nas publicações da Folha Feminina. A matéria “Manias que enfeiam” alertava: “Um defeito muito desagradável é a maneira de ser vítima que tem algumas mulheres. Queixam-se dos filhos e do marido, do ar que respiram do asfalto que pisam [...] O ar eternamente choroso torna feia a mulher” (FNP: Manias que enfeiam, 2 mar. 1963, p. 7). É comum nas publicações da imprensa feminina que as insatisfações das mulheres e os chamados “ataques de nervos” sejam duramente criticados e apresentados como inadequados, mas as razões que levaram ao descontentamento raramente se abordam (PINSKY, 2014).

Essas características comportamentais que evitassem confrontos e brigas eram essenciais porque assim as mulheres teriam mais facilidade para agradar aos maridos. Eram qualidades notáveis, já que “tornar-se uma ‘santa esposa e mãe’ – como queria a Igreja Católica” (DEL PRIORE, 2014a, p. 30), dava às mulheres respeito, mobilidade social e segurança. Por isso, era fundamental que a mulher cuidasse em manter boa aparência, porque embelezar-se era um imperativo e uma obrigação, explica a autora.

O modelo de beleza feminina, assim como o papel do “marido provedor” e de sua “esposa dona de casa em tempo integral”, são “rotulações” bem definidas e que influenciam escolhas. Escolher ser uma boa esposa (de um homem que fosse honesto e trabalhador) revelava, inclusive, a “beleza da alma” feminina (PINSKY, 2014).

Foram séculos de “modelagem” que deram forma à figura da bela esposa, submissa, obediente, discreta. A mulher “certa” e ideal (DEL PRIORE, 2014). É por isso que a beleza, nessas configurações, torna-se uma espécie de sistema monetário, em um conjunto de crenças destinadas a manter intacto o domínio masculino, pois se atribui valor às mulheres em uma hierarquia que segue um padrão físico imposto culturalmente.

As noções de beleza e feminilidade estiveram fortemente conectadas na nossa cultura por muito tempo. Podemos observar esse fenômeno mesmo nas reportagens sobre beleza do FNP. O discurso da beleza sobrecarrega a imprensa, pondo-se como sinônimo de feminilidade constantemente e, desse modo, pode ser problematizado pela compreensão de que o corpo e as maneiras de se comportar estão ligados a uma economia doméstica, política e social, uma subjetividade dominante (SIQUEIRA; FARIA, 2007; DEL PRIORE, 2014a).

A boa aparência feminina como imperativo de valor na sociedade transparece na Folha Feminina. Aos homens – no FNP e, de maneira geral, nas mídias dos Anos Dourados – parece não haver cobranças de cuidados com a beleza. Buitoni (2009), que estudou amplamente a

imprensa feminina nacional, concluiu: “para os homens, o poder concreto; para as mulheres, a imagem corporal” (p. 205).

Até os dias atuais (anos 2000), inclusive, os resquícios das desigualdades com os “papéis estéticos” continuam sendo “uma das formas de reprodução da discriminação das mulheres nas sociedades que proclamam em forte e bom som a igualdade entre os sexos” (DEBERT, 2011, p. 69). Os padrões estéticos, contudo, por si só, não reiteram automaticamente desigualdades, mas a categorizações de gênero que impunham a beleza feminina como obrigatória para essa mulher dos anos 1960 apresentam-se, certamente, como dispositivos reguladores.

Depois de abordar alguns conceitos do que há de geral nas noções que explicitam como a beleza vem “antes de tudo”, detalhamos representações que produzem sentidos e mensagens que tratam de maquiagem e cabelos, de saúde e beleza, de juventude e novos espaços de sociabilidade da mulher.

### **3.2.1 O rosto, a maquiagem e os cabelos**

Dicas de maquiagem e do cuidado com os cabelos são temas frequentes nas publicações da Folha Feminina – das 89 reportagens sobre beleza, fala-se em maquiagem 26 vezes e em cabelos 24 vezes, em um total de 50 diferentes abordagens sobre tais assuntos. O fato de a coluna feminina ser compreendida como espaço adequado para estas mensagens e de se assumir que estas publicações fossem do interesse feminino, assim, era característico nas páginas do FNP.

A discussão sobre mulher e beleza no FNP, além de seguir um padrão social, histórico e cultural que se construiu por meio dos discursos que vêm muito antes da década de 1960, era marcada fortemente pelos valores da sociedade cristã onde o periódico surgiu e se consolidou. Ainda em meados de 1880, nos discursos religiosos sobre a mulher, havia uma forte oposição ao uso de produtos que modificassem a aparência natural do corpo, pois se costumava dizer que Nossa Senhora, modelo feminino ideal, não se pintava, e por isso, esse santo exemplo deveria ser seguido pelas jovens de boas famílias à época. Senhores de respeito social julgavam o ato como indigno, pois “viam na pintura do rosto um artifício sem utilidade, um traço vicioso do caráter” (SANT’ANNA, 2012, p. 108). Del Priore (2014a) também comenta que, nesse período, o modelo ideal feminino era Nossa Senhora, porque era “modelo de pudor, severidade e castidade” (p. 12). Além disso, também as sessões de depilação e bronzeamento não tinham espaço e a magreza era mal vista, como indicativo de pobreza ou doença (SANT’ANNA, 2012).

Mas com o tempo, o rosto, lugar considerado como o da beleza por excelência, passou a “pedir” pelo embelezamento facial que, por meio da técnica cosmética, permitiu que se tratasse a pele com remédios e o uso da maquiagem fosse sendo cada vez mais aceito (DEL PRIORE, 2014a). Quando se diz que a face é o centro da beleza, talvez seja porque o rosto fala e seduz mais do que as palavras, está no centro da percepção pessoal, da sensibilidade dos outros, dos ritos sociais e das expressões políticas, segundo explicam Courtine e Haroche (1988) na obra “História do rosto”.

Nos anos 1960, os produtos para embelezar e rejuvenescer o rosto e o corpo faziam-se cada vez mais presentes nas bolsas de mulheres, de modo que o mercado de cosméticos e produtos para higiene pessoal tornou-se mais importante do que no passado (SANT’ANNA 2012; BUITONI, 2009). A reportagem “Saiba ‘fazer seu rosto’” de 1963 (Imagem 8), por exemplo, denota como a maquiagem poderia fazer “mágica”, deixando uma mulher mais bela.

**Imagem 8.** Saiba “fazer o seu rosto”.



**Fonte:** Folha do Norte do Paraná, 1 mar. 1963.  
Acervo do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder.

“Muitas mulheres queixam-se de que não podem fazer nada com o rosto que a Natureza lhes deu. [...] Há, porém exemplos de ‘mágicas’ que podem ajudar às insatisfeitas”, aponta a reportagem (FNP: Saiba “Fazer o seu rosto”, 1 mar. 1963, p. 7).

Além dos artifícios que a pintura do rosto permitiriam, a técnica bem aperfeiçoada também era imperativa<sup>22</sup>: “Estude bem o seu rosto a fim de executar a maquiagem como deve, em proveito máximo de sua beleza” (FNP: Pequenos conselhos, 15 nov. 1962, p. 7). A mesma reportagem de 1962, alertando que “os cabelos são a moldura do rosto”, indica que não se pode dissociar um cuidado do outro.

A matéria “Vida e expressão de seus cabelos” afirma que os “cabelos constituem a moldura do rosto e não sendo bem tratados caem e tornam-se sem vida. É assim que um rosto bonito perde os 50% de seu encanto” (FNP: Vida e expressão de seus cabelos, 31 jan. 1964, p. 6). Por isso, entre os segredos de beleza presentes na Folha Feminina, os conselhos para cuidados dos cabelos estiveram muito presentes nas reportagens diárias.

Receitas caseiras de xampus e hidratantes para as madeixas, dicas de como usar corretamente produtos para a beleza capilar e penteados também são destaque na coluna feminina do FNP. O que chama a atenção, no entanto, são as matérias que exaltam os cabelos curtos e, por vezes, até mesmo os grisalhos<sup>23</sup>. A curiosidade instigada pela presença desses conteúdos levou, portanto, a pesquisar que conotações os cabelos curtos e os cabelos brancos, na época, poderiam indicar.

Os cabelos femininos são altamente valorizados na nossa cultura, e aqueles cortados “à la garçonne” podiam ser considerados gestos de sacrilégio contra os longos cabelos (DEL PRIORE, 2014a), já que o cabelo longo frequentemente é considerado importante item para indicar feminilidade (AZERÊDO, 2002).

Decisões como cortes de cabelo e (não) coloração destes podem parecer nada mais que arbitrariedades do cotidiano, mas o caráter de resistência dessas representações trazidas na Folha Feminina está no fato de que contracondutas, em tempo, podem ser consideradas como comportamentos femininos desviantes. Estes comportamentos constituem, socialmente, inclusive, uma “ameaça a *honra* familiar, a *moral* estabelecida e, finalmente, as próprias *relações de gênero* justificadas por esta” (PINSKY, 2014, p. 125). Conceitos tais como honra, reputação e respeitabilidade, explica a autora, são os modos de legitimar hierarquias de gênero que valorizam e favorecem o masculino. Estes conceitos, do mesmo modo, alinham-se aos discursos religiosos do FNP.

---

<sup>22</sup> Molinos (2000) aponta que a maquiagem, como técnica, dissimula e ilude o olhar. O autor aponta que, em um extremo, a maquiagem tem seu uso associado à mulher como forma de disfarce da feiúra e, no outro extremo, vê-se a maquiagem como arma de sedução das devassas e, historicamente, certos tabus como esses se mantêm.

<sup>23</sup> Como a matéria “Conselhos de beleza” (FNP, 25 out. 1962, p. 5) que dava dicas de embelezamento de cabelos brancos e a matéria “A côr dos cabelos” (FNP, 19 jan. 1964, p. 6) que publicou um trecho exclusivo sobre cuidados com cabelos grisalhos.

Na Folha Feminina, nos anos de 1962, 1963 e 1964, não há praticamente menções ou imagens de penteados e informações que exaltem os cabelos longos em relação aos curtos, mas é perceptível que coexistiam ambos os modelos de beleza na época. Os cabelos curtos eram, no entanto, considerados mais “modernos”, de modo que as dicas de penteados recheavam os conteúdos da coluna feminina com frequência. Essa concepção pode ser um reflexo do contexto social do período, em que novos modelos eram divulgados pelos meios de comunicação e, aos poucos, inseriam-se na sociedade.

A imagem 9, abaixo, trazia em uma de suas legendas: “Para quem tem cabelos curtos, eis um penteado moderno, com mechas cortadas ‘em escadinha’, cabelos fofos no alto da cabeça e nuca descoberta, suavizando o rosto e dando um leve toque de distinção feminina” (FNP, 18 out. 1962, p. 7). À direita, há a descrição “Gracioso e simples penteado para as noites de verão, é o modelo que apresentamos em nossa coluna de hoje” (FNP, 30 jan. 1963, p. 8).

**Imagem 9.** Os cabelos curtos no FNP.



**Fonte:** Folha do Norte do Paraná, 18 out. 1962; 30 jan. 1963.  
Acervo do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder.

Mas os cabelos curtos não podem ser compreendidos, no contexto do FNP, somente como contracondutas ou subversões. Isso porque, na época, “cortar as longas madeixas femininas podia representar um ato de liberdade, uma autonomia feminina difícil de ser aceita. Mas também significava aderir ao último grito da moda” (SANT’ANNA, 2012, p. 108).



É interessante notar essa representação porque, dentro dos temas tradicionais da imprensa feminina, poucos deles apresentam ligação com o momento social no contexto em que são produzidas. Buitoni (2009) aponta que o desprezo pela atualidade é característica geral da imprensa feminina. A autora explica que no tratamento das matérias, segundo o jargão jornalístico, utilizam-se “matérias frias”, isto é, aquelas que não têm uma data certa de publicação, podendo aparecer naquele dia ou mesmo semanas depois<sup>24</sup> (BUITONI, 2009, p. 25).

O que se afirma, essencialmente, é que “a imprensa feminina não apresenta muita atualidade justamente porque não se interessa pela mulher individual e histórica, mulher que tem nação, cor de pele, classe, enfim, elementos concretos e mais situadores” (BUITONI, 2009, p. 202). O jornalismo não favorece a ligação mulher-mundo, mas cria o chavão “mundo da mulher”, “para que ela fique só dentro dele e não saia” (p. 24).

Moda, nesse intento, seria o tema mais dependente da época do ano, tendo em vista que as estações do ano ocasionam mudanças nesse campo. “As revistas costumam publicar matérias como maquiagem de inverno, culinária de verão e assim por diante. No entanto, são ligações temporais fracas: um refresco que serve num verão pode ser republicado dois anos depois” (BUITONI, 2009, p. 25). Assim, o FNP também reciclava muitas matérias.

Mais do que a presença dos cabelos curtos, a presença de dicas de beleza para manter os cabelos de na cor “plátina” são os que mais destoam do discurso vigente na cultura jovem dos anos 1960 (KARPF, 2015). Até os dias atuais, as mulheres de cabelos brancos não são representações contempladas pela imprensa feminina e Karpf (2015) explica que é nos anos 1960 que se instaura, na cultura jovem, certa gerontofobia.

Foi na década de 1960, justamente, que a mística jovem (e da juventude) sobrecarregou a mídia, predominando até a contemporaneidade como atributo fundamental para as mulheres e homens (BUITONI, 2009; LIPOVETSKY, 2000). Prova disso é que, em um mundo dominado pela visão da juventude como sinônimo de beleza, algumas marcas do envelhecimento como os cabelos brancos, muitas vezes, podem ser interpretadas como indicativos de uma redução na vaidade feminina (CASOTTI; CAMPOS, 2011; ROSÁRIO, 2006). Ressalva-se, no entanto, que “em um mundo colorido, em que o normal é pintar os cabelos [...], em que as revistas de moda e beleza silenciam sobre os cabelos grisalhos, os fios brancos tornam-se uma forma de diferenciação” (CASOTTI; CAMPOS, p. 121). No FNP, a

---

<sup>24</sup> No FNP, a matéria da Folha Feminina “Se quer ser bela, cultive-se”, publicada em 5 de setembro de 1963, por exemplo, foi republicada *ipsis litteris* em 11 de março de 1964. Outro exemplo é a matéria “Para sua beleza” que, em um curto espaço de tempo, em 3 e em 11 de julho de 1964, reutiliza um grande trecho de conteúdo sem alterações no texto.

Folha Feminina já abordava essa discussão da multiplicidade de possibilidades de tinturas capilares:

muda-se a cor dos cabelos quase com a mesma facilidade com que se muda a cor dos vestidos: numa semana a moça é loira, na semana seguinte ela é castanha ou plátina, depois varia entre o bronze, o preto, quando não escolhe cores absurdas como o verde o azul o roxo etc (FNP: A cor dos cabelos, 19 jan. 1964, p. 6).

Rosário (2006) aponta que o senso estético não se ausenta quando escolhas estéticas desviantes são feitas. Mais do que um comportamento “desviante”, assumir os cabelos brancos é também evitar a figura aparentemente desleixada da pintura sem retoque, com a raiz de outra cor aparecendo. Por isso, cabelos brancos também podem significar estilo e beleza (CASOTTI; CAMPOS, 2011).

O FNP, com dicas de cuidados para os cabelos grisalhos, fez da Folha Feminina uma fonte de informação para as mulheres que desejassem mantê-los. “Para conservar belos os cabelos brancos, deve-se friccioná-los toda a semana com um punhado de farinha de trigo pura e escová-los em seguida” (FNP: Conselhos de beleza, 25 out. 1962, p. 5), ensina a reportagem “Conselhos de beleza”. Os cabelos, o corpo e a boa aparência de modo geral tinham de ser muito cuidados. Os argumentos eram diversos. Naquela época, por exemplo, “para alguns higienistas, os cabelos curtos e as roupas leves representavam saúde” (SANT’ANNA, 2012, p. 108). Este apelo da saúde está bastante presente em reportagens da Folha Feminina.

Ainda que a pintura do rosto e o estilo dos cabelos, nos anos 1960, possam tanto refletir um padrão comum da época como também representar certas transgressões, não há conclusões de todo acertadas neste sentido. Em estética, “nem toda ousadia é sinal de rebeldia”, afirma Molinos (2000, p. 177), mas estes apelos destoantes, no FNP, sintetizam a noção de que, mesmo em uma linha editorial dita conservadora, não há hegemonia nos discursos.

### **3.2.2 O argumento médico da beleza, os regimes e a temida velhice**

Matérias que abordam os cuidados com a pele, corpo e a saúde foram representativas no corpus da pesquisa. Foram identificadas 53 reportagens que versam sobre cuidados com a pele feminina; o corpo foi objeto de 16 conselhos para cuidados com a beleza e a saúde foi argumento principal em 13 publicações que ensinavam as leitoras a se embelezar. As três representações, olhadas em perspectiva, revelam um ponto comum: o apelo da juventude.

Em nossos dias, a identidade do feminino, principalmente em relação à temática do corpo, “corresponde ao equilíbrio entre a tríade beleza-saúde-juventude. As mulheres, mais e mais, são impelidas a identificar a beleza dos corpos com juventude, a juventude com saúde” (DEL PRIORE, 2014a, p. 177), mas é na década de 1960, segundo Sant’Anna (2014), que esse discurso toma mais força.

Com informações que se dizem de teor científico, questiona-se sobre as rugas, sobre suas formas de evolução e prevenção, argumentos publicitários, produtos de beleza e “medicina vulgarizada nas publicações femininas” são formas sutis, mas extremamente repressivas agindo diariamente sobre o corpo feminino (DEL PRIORE, 2014a, SANT’ANNA, 2012). Assim, a indústria cultural lentamente ensinou às mulheres que “cuidar do binômio saúde-beleza é o caminho seguro para a felicidade individual” (DEL PRIORE, 2014a, p. 240).

O binômio saúde-beleza aparece na Folha Feminina de modo muito evidente, por exemplo, quando aponta: “Se você sente que algo não vai bem em seu organismo, procure um médico e se trate. Fazendo isso primeiro, você já estará iniciando o seu tratamento de beleza pelo ponto mais importante” (FNP: Saúde e beleza, 26 mar. 1964, p. 6).

Mas o recurso científico como argumento só inicia na imprensa feminina dos anos 1950 em diante, quando nelas costumam aparecer relatos de médicos e enfermeiros (PINSKY, 2014). Sant’Anna (2012) também afirma que “um tom científico se afirmou na cosmética, sobretudo depois da década de 1960” (SANT’ANNA, 2012, p. 116). Justamente, “nos anos 1960, a imprensa feminina tomou nas mãos o bordão dos médicos” (DEL PRIORE, 2014a, p. 153).

No FNP, essa tendência transparece na reportagem “Breve poder-se-á adquirir bronzeado autêntico sem sol e sem bronzeadores”, que em tom de divulgação científica anuncia:

Um grupo de quatro pesquisadores do departamento de dermatologia de Massachussets General Hospital de Boston, conseguiram demonstrar recentemente que [...] a exposição à luz solar ou à ultravioleta produzida por lâmpadas, provoca a pigmentação da pele humana. [...] Esta descoberta, servirá, sem dúvida [...] a melhoras que seriam capazes de permitir um bronzeado mais rápido, mais homogêneo e mais fácil (FNP: Breve poder-se-á adquirir bronzeado autêntico sem sol e sem bronzeadores, 30 set. 1962, p. 4).

Percebemos, assim como Carla Pinsky (2014) quando avalia a imprensa feminina, que há nas publicações femininas uma certa tradição na qual muitos assuntos são tratados pelo

argumento do “é comum”, “costuma-se”, “não fica bem”. Por isso, em grande parte das vezes, quando os argumentos médicos e científicos aparecem nesses espaços, mesmo esses discursos, segundo a autora, são fortemente marcados por intenções e concepções morais e religiosas reguladoras da aparência feminina, o que também ocorre no FNP, pela linha editorial do periódico.

Nessas publicações que se preocupavam com o corpo e a saúde, os regimes de emagrecimento também eram assuntos frequentes. “Pouco a pouco, uma nova ênfase à ginástica e aos regimes destinados a ‘manter a linha’ ganhou importância nos manuais de beleza e na imprensa feminina” (SANT’ANNA, 2012, p. 111). Del Priore (2014a), ao analisar reportagens da Revista Feminina, comenta que, já em 1923, reportagens denotavam que “a obesidade tornou-se critério determinante de feiúra, representando o universo do vulgar, em oposição ao elegante, fino e raro. Esbelteza e juventude se sobrepunham” (DEL PRIORE, 2014a, p. 224).

O controle do peso corporal não era feito com muita frequência, só era comum pesarse em consultas médicas, no caso das mulheres, e dentro de algumas escolas e do exército, no caso dos homens principalmente. Não se aferia com exatidão o próprio peso antes dos anos 1960, quando as balanças começam a aparecer nas propagandas e farmácias do país (SANT’ANNA, 2012). Junto da popularização das balanças, os discursos de beleza e corpo esbelto começam a tomar mais força. Mas o corpo gordo já era motivo de polêmica há muito tempo, de modo que a “obesidade, fantasma do final do século XX, já provocava no XIX, interjeições negativas” (DEL PRIORE, 2014a, p. 208).

Especialmente as mulheres obesas, explica Debert (2011), possuem “desvantagens suplementares para se fazerem aceitas socialmente, porque são prejudicadas na vida profissional, insultadas, ridicularizadas, criticadas por homens e mulheres” (DEBERT, 2011, p. 70).

Essas relações com o corpo mostram os tipos de identidade que construímos (DEL PRIORE, 2014a). A Folha Feminina, no papel de suporte de representações das mulheres, na reportagem “Muito gorda... Muito magra!...” denota essa noção:

Gorda ou magra demais, eis dois motivos de preocupações muito sérias para qualquer pessoa. A obesidade é uma verdadeira tragédia, um pesadelo, sobretudo para as mulheres, porquanto é sabido que a gordura supérflua é a principal inimiga da beleza; destrói as linhas graciosas do corpo, altera a harmonia do rosto e, às vezes, afeta o humor das pessoas. [...] A excessiva magreza também causa preocupações, pois geralmente é consequência de distúrbios orgânicos que afetam, de modo especial o sistema nervoso; está

provado que a pessoa magra é muito mais nervosa do que a gorda (FNP: Muito gorda... Muito magra!..., 15 jan. 1964, p. 6).

Outras reportagens reiteram esse conceito de que se deve manter um peso ideal, de modo que era apontado como necessário “ter o cuidado de não ingerir na mesma refeição, dois ou três alimentos que possam concorrer para o aumento de peso, para o acúmulo de gorduras” (FNP: Conselhos de beleza, 9 nov. 1962). Contudo, se manter uma silhueta magra, usar maquiagens corretamente, vestir-se de maneira adequada, de se portar com elegância eram conteúdos frequentes no FNP, nenhum outro tema é tão exaustivamente explorado na Folha Feminina quanto a urgência de cuidar e preservar a pele para prevenir os sinais da idade! Nas 89 reportagens de beleza da Folha Feminina, só a palavra “ruga” aparece mais de 20 vezes, além das referências sinônimas e outros recursos semânticos utilizados para falar do envelhecimento da pele.

Analisar essas representações torna-se pertinente principalmente quando notamos como os apelos de juventude e a projeção do corpo jovem na materialidade do corpo envelhecido negaram e impediram a possibilidade de criação social de uma estética da velhice (DEBERT, 2011).

As preocupações em esconder os “defeitos” da velhice já apareciam para as leitoras do FNP como adequadas, mesmo para mulheres ainda muito jovens. Explica a Folha Feminina: “Para que seu rosto conserve o aspecto belo, merece de você um cuidado todo especial. Desde a mocidade deveria ser alvo de sua melhor atenção, pois é nesse período que começam a surgir as primeiras imperfeições” (FNP: Cuidado com o rosto, 7 maio 1964, p. 6).

Há nesses discursos uma hierarquização de gênero não só pautada no discurso da beleza como qualidade obrigatória feminina, mas também um mecanismo de controle no qual “as mulheres demonstram ter mais medo do envelhecimento do que os homens” (GOLDENBERG, 2014, p. 87). Já que a beleza é identificada como juventude, mulheres cada vez mais jovens começam a preocupar-se com a velhice. Karpf (2015) aponta que a gerontofobia na cultura jovem dos anos 1960 só foi sendo acentuada com o passar dos anos, e os padrões de beleza e juventude estão tão exacerbados que hoje, no século XXI, ainda na adolescência, meninas já se preocupam com o fato de parecerem mais velhas. “Nunca se é velha demais para melhorar nem jovem demais para começar” (KARPF, 2015, p. 128), lamenta a autora, constatando que o corpo é socialmente fadado à vigilância durante toda a vida.

O “fantasma” do envelhecimento, historicamente, foi usado como gatilho para desencadear o envolvimento feminino com o consumo de produtos de beleza. Para as moças jovens, “o envelhecimento passa a ser visto como um destino que também as inclui e contra o qual precisam lutar. [...] Esse ‘fantasma’ não as abandona mais” (CASOTTI; CAMPOS, 2011, p. 117). O envelhecimento “aterroriza” as mulheres justamente porque em uma cultura como a nossa, em que o corpo é um capital, a velhice é enxergada como um momento de perdas, principalmente do capital físico (GOLDENBERG, 2015).

“Não espere primeiro a ruga para iniciar um tratamento” (FNP: Tratar a pele para combater as rugas, 8 ago. 1963, p. 7), ensina uma matéria do FNP. Noutra matéria do mesmo dia (Imagem 10), se arremata: “Depois dos vinte e cinco anos, é aconselhável usar um produto apropriado [...] e evitar a formação de rugas” (FNP: Cuide também dos olhos, 8 ago. 1963, p. 7).

**Imagem 10.** Cuidados com a pele e os olhos.



**Fonte:** Folha do Norte do Paraná, 8 ago. 1963.  
 Acervo do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder.

Para não ter rugas, no entanto, não basta hidratar e cuidar bem da pele. É necessário, segundo o FNP, ser bondosa e ter um estilo de vida adequado. Conforme traz a matéria:

O tempo vai nos marcando com [os] traços já vividos [...] Seu rosto irá adquirindo uma expressão que será dada pela própria vida, se você é colérica, rugas tensas falarão de seu mau caráter. [...] a ternura fará de seu rosto um horizonte de compreensão. [...] Todo seu modo de agir irá criando um rosto que você descobrirá dentro de alguns anos. Diante disso, serão

inúteis os melhores cremes do mundo (FNP: Se quer ser bela, seja bondosa, 5 set. 1963, p. 7).

O estilo de vida sem agitação também é favorável para evitar as rugas, já que “muitas vezes as rugas são causadas pela falta de descanso e pela digestão difícil, que ‘envenena’ a pele estragando-a” (FNP: Repouse sem descansar, 12 set. 1963, p. 7), didatiza uma reportagem que dá conselhos de como descansar para restaurar a beleza em poucos minutos. Da mesma maneira, ensina-se que “nem sempre as rugas são consequência da idade, mas da vida agitada que muitas mulheres levam” (FNP: Segredos de beleza, 11 jun. 1964, p. 6). Esse trecho revela que o discurso da beleza na Folha Feminina não só normatizava comportamentos, mas também buscava “poupar” as leitoras das transformações sociais que na época despontavam, como o “trabalhar fora” e o “ritmo acelerado” da vida urbana moderna.

As mulheres que se expõem à luz do sol sem óculos apropriados, segundo a reportagem intitulada “Defenda-se do inimigo número 1 da beleza: rugas em torno dos olhos”, não devem fazê-lo, pois esse ato “brutaliza” os olhos. A matéria ainda alerta: “Fazer caretas é o caminho mais certo de adquirir ‘pés de galinha’” (FNP: Defenda-se do inimigo número 1 da beleza: rugas em torno dos olhos, 8 jan. 1963, p. 7).

Essas noções, justamente, denotavam como, na visão do FNP, “as rugas constituem uma afronta à tirania da pele lisa sob a qual vivemos” (SIBILIA, 2011, p. 83) e a Folha Feminina parecia firmemente endossar essa perspectiva, apontando que “o tratamento das rugas deve ser precoce. Quanto mais tempo passar, mais difícil será fazê-las desaparecer” (FNP: Rugas... as terríveis inimigas da mulher, 19 jun. 1964, p. 6).

Há um discurso construído ao longo do tempo que reforça a ideia de que envelhecer é ruim, é indesejável. Os medos que as mulheres têm de envelhecer ligam-se diretamente aos “medos de relacionamentos à decadência do corpo, às rugas, à facilidade de engordar” (GOLDENBERG, 2014, p. 91). Até a atualidade,

a aversão ao corpo envelhecido organiza o uso das tecnologias do rejuvenescimento e o modo como esse uso se reproduz. Os ideais de perfeição corporal encantam as revistas, o cinema, os comerciais de televisão, mas todos sabemos que essa é uma questão de imagem visual, que jamais alguém pode pensar em atingir. É a materialidade do corpo envelhecido que se transforma em norma pela qual o corpo vivido é julgado e suas possibilidades são restringidas. Essa materialidade – entendida mais na sua concretude histórica do que na biológica – é um elemento crucial para a compreensão da existência psíquica e social dos usuários e operadores da indústria do rejuvenescimento (DEBERT, 2011, p. 80).

Com o tempo, “marcações da idade, assim como marcações de gênero, têm passado por constantes modificações” (CASOTTI; CAMPOS, 2011, p. 111). O corpo, que vive sob constante vigilância, frequentemente apresenta-se como fonte de pavores e penalidades em torno de um eixo no qual se preza pela aparência (SIBILIA, 2011), o que abre espaço para discursos sedutores que prometem retardar ou eliminar os efeitos da idade.

Aliados à indústria da beleza, os discursos midiáticos fizeram seu papel de dispositivos normatizadores. “Jovens, maliciosos, sensuais – somaram-se outros fatores cruciais para a construção de um modelo de beleza. Data dessa época, o banimento de cena da mulher velha” (DEL PRIORE, 2014b, p. 115), menciona a autora quando se reporta às primeiras décadas do século XX. Envelhecer, dessa maneira, associa-se à perda de prestígio, em uma sociedade em que os valores de juventude são primordiais.

A juventude tão valorizada socialmente silencia e torna invisíveis as representações de mulheres velhas. Analisando a clássica obra “O mito da beleza”, de Naomi Wolf (1992), Mirian Goldenberg aponta que a “eliminação dos sinais da idade dos rostos e corpos femininos deveria ter a mesma ressonância política que seria provocada se todas as imagens de negros fossem clareadas, pois equivale a apagar a identidade” (GOLDENBERG, 2015, p. 53).

Como forma de resistência a esses valores homogeneizantes, contudo, Mirian Goldenberg tem estudado há alguns anos as mulheres idosas, e aponta que não é raro que muitas delas não aceitem a invisibilidade e exibam seus corpos sem vergonha das imperfeições ou dos olhares desaprovadores: “Para elas, a maior riqueza de suas vidas é a liberdade que conquistaram” (GOLDENBERG, 2014, p. 46). Continua a autora dizendo que uma revolução subjetiva ocorre quando essas mulheres deixam de existir para os outros e passam a existir para si mesmas. Essa libertação, destaca Goldenberg (2014), é exclusivamente feminina, o que permite perceber como as relações de gênero adquirem novos sentidos na velhice.

Muitas das preocupações com a idade, assim como as dificuldades em aceitar o corpo e o rosto velhos, vêm do fato que tendemos a achar sempre que “velho é o outro”, como já dizia Simone de Beauvoir em sua obra “A velhice” (1990), que quebra o silêncio e inaugura estudos sobre o tema. Mas esse mito desfaz-se quando notamos que “na verdade a velhice está inscrita em cada um de nós” (GOLDENBERG, 2014, p. 27).

Não deslocar os textos de seus contextos é uma cautela necessária neste sentido, pois “para compreender a realidade e a significação da velhice, é indispensável examinar o lugar que é destinado aos velhos, que representação se faz deles em diferentes tempos, em



diferentes lugares” (BEAUVOIR, 1990, p. 48). Exemplo disso é que ser uma mulher velha em 1960 ou em 2015 tem uma conotação bastante diferente, ser uma mulher jovem nestes distintos períodos também. Por isso, é importante sempre ter em vista que essas associações entre mulher e beleza as quais remetem à saúde, juventude, cosméticos, por exemplo, quando aqui citadas, não podem ser descoladas do período em que foram publicadas: década de 1960. Essas matérias, por mais que, às vezes, soem como recorrentes ou sempre presentes, possuem um contexto que as influenciam e as impulsionam. Quando trazemos discursos da atualidade para fazer certas comparações, não afirmamos que esses modelos sejam perenes e anacrônicos, pelo contrário, visamos mostrar que esses discursos vão se modificando e se apropriando de novos elementos para continuarem existindo.

Ser mulher, especificamente nos anos 1960, era fazer parte de uma cultura repleta de reprimendas e de normas a seguir. “Mulheres que são velhas hoje lembram como, nessa época, resistiram. [...] Eram ‘Anos Dourados’, afinal, para poucas” (MOTTA, 2012, p. 89). Parece correto afirmar que discursos conservadores dominavam o cenário midiático. Nas mídias direcionadas às mulheres, quando se fazia alguma menção à palavra “feminista”, por exemplo, se traziam exemplos sempre raros e distantes, como se fossem casos e tipos excepcionais (PINSKY, 2014). Isso ocorre porque a imprensa feminina se articula em torno de poucos papéis femininos e não costuma, assim,

versar sobre mulheres determinadas, individualizadas, com nome, profissão, personalidade própria. Os papéis apresentados pertencem à mulher/condição feminina, à mulher genérica, sem tempo, espaço nem classe. É apenas a mulher moderna, feliz em cumprir seus papéis predeterminados com a ajuda dos bens que a civilização proporciona. A mulher é pasteurizada, universalizada, em nome do consumo (BUITONI, 2009, p. 209).

Falar da beleza impulsionada pelo argumento médico, da silhueta esbelta como modelo de corpo “adequado” e da pele lisa (sem rugas) como capital e como bem a ser mantido para evitar a temida velhice é olhar para os anos 1960 como período de fortalecimento de discursos que construíram um padrão à mulher que lia as páginas do FNP e neste espaço procurava informações e recebia influência para seus modos de viver e de ser. Essas noções, tão intrínsecas ao contexto em que surgem, assim, sintetizam uma dinâmica que traduz as representações femininas de beleza na mídia impressa estudada, o FNP.

Subversões como a participação da mulher no mercado de trabalho, que excediam os limites domésticos, nessa direção, lentamente rompiam o “ciclo de dependência e subordinação ao marido” (DEL PRIORE, 2014a, p. 79), mas a imprensa feminina continuou

investindo em apelos pautados na figura da dona de casa e mãe, assim como as dicas de beleza mantiveram-se como pauta de destaque.

### 3.2.3 A bela mulher que trabalha fora

As reportagens que abordaram temas ligados às indicações de condutas “adequadas” às mulheres (10 publicações) e a temas relacionados à cultura (2 matérias), dentro do universo total do corpus explorado, não são quantitativamente expressivas. No entanto, o caráter destoante em vista do quadro geral da documentação identificada, instigou a investigá-las, buscando colocá-las em perspectiva a fim de compreender nuances, mudanças e transformações nas representações sobre a mulher, veiculadas na Folha Feminina.

No FNP, a linha editorial ligada à diocese que tinha posse do periódico, fazia-se perceber. Já anunciava Pinsky (2014, p. 178,) que é notável como a “Igreja Católica, em uníssono com outras instituições conservadoras, por exemplo, coloca restrições à dedicação aos estudos e à profissionalização das mulheres”.

A participação feminina no mercado de trabalho e no setor de consumo coletivo era carregada de preconceitos, assim como os discursos que na época abordavam o tema. No FNP, entretanto, discursos destoantes transpareciam com frequência.

Ao longo dos Anos Dourados, era comum ouvir que carreira e matrimônio eram inconciliáveis (PINSKY, 2014). Mas em 1962, o Estatuto da Mulher Casada “reconhece finalmente a mulher como ‘companheira e consorte’, podendo ‘colaborar’ com o marido no orçamento familiar” (PINSKY, 2014, p. 210) e trabalhar fora, para as mulheres, já não parecia mais uma possibilidade assim tão distante.

Pinsky (2014), dessa forma, aponta que “os anos de 1945 a 1964 significam muito para a história do Brasil em geral e para as relações de gênero em particular” (p. 15). Explica a autora que o imaginário dos anos que compreendem essa época remete a idealismos e, do ponto de vista econômico, o país ingressa em uma fase de desenvolvimento acelerado, em que a produção industrial e a urbanização vigoram rapidamente, de modo que o consumo passa a ser mais incentivado e a oferta de empregos urbanos cresce de modo significativo refletindo no *status* socioeconômico feminino.

A própria região em que o FNP está inserido, nesse momento, está em fase de crescimento econômico, e o cenário urbano ainda está sendo desenhado, conforme pudemos verificar anteriormente. Apontamentos sobre história da imprensa regional, como apontado no capítulo 1, confundem-se com o desenvolvimento da sociedade norte paranaense. As

publicações do jornal nesse período, portanto, traduzem e elucidam noções e valores que, no campo social, estavam em destaque e eram vistas como desejáveis.

Nessa época, a década de 1960, algumas mudanças no cenário social despontam, como por exemplo, quando “a educação escolar de mulheres passa a ser mais valorizada ao lado das concepções arraigadas de que as mulheres devem dedicar-se preferencialmente ao lar e aos filhos” (PINSKY, 2014, p. 17). Del Priore (2014a) aponta que na revista *Cláudia*, nas matérias assinadas por Carmen da Silva nos anos 1960<sup>25</sup>, por exemplo, frequentemente se admitiam possibilidades para que a mulher se realizasse em outras funções que não as de mãe e dona de casa.

A Folha Feminina do FNP, ainda que tenha abordado esse conteúdo dentro de uma coluna na qual se dão essencialmente dicas de beleza, permite perceber que também admite essa possibilidade: “Você já reparou como nos filmes a jovem heroína aparece saindo do trabalho impecavelmente arrumada?” (FNP: Palavras à môça que trabalha, 15 mar. 1963, p. 7), questiona a reportagem. Ou ainda, “A boa aparência é uma das coisas importantes para a mulher que trabalha. Por isso, não deve faltar em sua bolsa um estojo de pó compacto para retocar a maquiagem” reafirma a matéria “Beleza no escritório” (FNP: Beleza no escritório, 19 ago. 1964, p. 6).

Era sabido que, no discurso vigente, “muitas vezes, o trabalho produtivo da mulher é visto como secundário em relação às funções de mãe e de dona de casa” (PINSKY, 2014, p. 176-176), mas rupturas como essas, das reportagens do FNP apresentadas, mostram que, mesmo nos discursos de uma mídia impressa de posse da Igreja Católica, as mudanças sociais não eram ignoradas. Nessa época, inclusive, o próprio Concílio do Vaticano II (1962-1965), evento de destaque para a Igreja Católica, já convidava a “olhar o mundo com simpatia e compreensão”, pois nele:

Falava-se em paternidade responsável, em planificação familiar por meio de métodos naturais e muito importantes, em amor conjugal: o amor entre esposos como um bem incalculável para os filhos, a interação entre amor físico e espiritual e a renovação contínua do amor – uma agenda, sem dúvida, revolucionária e generosa para seu tempo (DEL PRIORE, 2014a, p. 75).

Além disso, na própria imprensa feminina, em nível nacional, na revista *Cláudia*, que surgiu nas bancas também nos anos 1960, na coluna “A arte de ser mulher” assinada pela

---

<sup>25</sup> Apresentando-se como jornalista e escritora, Carmen fundamentava seus artigos na psicologia e adquiriu ampla reputação entre as leitoras, “tornando-se a ‘pensadora’ feminina (no que diz respeito a revistas de comunicação de massa) que mais influência teve” (BUITONI, 2009, p. 106).

jornalista Carmen da Silva, inaugurava publicações feministas, de modo que, para as mulheres, as informações da mídia começam a apontar possibilidades de subversões e indícios de formas de resistência possíveis à época (DEL PRIORE, 2014a). Tais mudanças, em grande parte, são acompanhadas pela “Igreja Católica [que] continua poderosa como orientadora de conduta, mas vai perdendo terreno para novas influências advindas dos meios de comunicação, do feminismo internacional e da educação laica” (PINSKY, 2014, p. 18). É evidente que no FNP essa relação é reduzida, pelo fato de que a própria mídia, nesse caso, tinha suas reportagens filtradas pelo crivo de uma linha editorial orientada pela Igreja, já que essa instituição tinha posse do veículo de comunicação.

Todavia, não podemos esquecer que, justamente na década de 1960, começam a surgir no Brasil discursos emancipatórios (de vários movimentos sociais, como o estudantil, negro, feminista, etc.), permitindo que houvesse e se fortalecessem personagens coletivos femininos e, portanto, públicos (MOTTA, 2012). E assim, mesmo os conteúdos das publicações femininas (como as do FNP), ainda que não costumassem propor ideias revolucionárias e abrir caminhos, também não podiam distanciar-se demais das transformações que ocorriam na sociedade, “sob o risco de perder seu público leitor” (PINSKY, 2014, p. 10).

Mesmo sabendo que a Igreja Católica “permanece apegada a concepções conservadoras: prega a submissão da esposa ao marido, é contra o trabalho feminino fora do lar, proíbe a dissolução do casamento e critica duramente muitas das modificações que estão ocorrendo na sociedade” (PINSKY, 2014, p. 18), no FNP, notamos discursos jornalísticos com pistas de certas rupturas, como quando as matérias elucidam, por exemplo, o fato de que mulheres que trabalham em escritório são comuns e, em certo momento, até as apresenta como belas moças admiráveis, como é o caso da reportagem “Palavras à moça que trabalha” (FNP, 15 mar. 1963, p. 7). O imperativo da beleza, contudo, aparece se apropriando de novos espaços, “acompanhando” a mulher, denotando que elas podem trabalhar, contudo sem esquecer da beleza como *essência* de feminilidade.

Se o discurso da mulher no espaço público, “trabalhando fora”, é bastante destacado nas reportagens<sup>26</sup>, a aquisição cultural por iniciativa feminina também foi um discurso

---

<sup>26</sup> Das 89 reportagens referentes à temática da beleza, 5 fazem essa menção. A reportagem “Palavras à moça que trabalha” (FNP, 15 mar. 1963, p. 7) aponta que heroínas de filmes costumam sair do trabalho “impecavelmente” arrumadas e apresenta dicas para seguir esse exemplo. A reportagem “Lindas mãos em poucos minutos” (FNP, 30 jan. 1964, p. 6) ensina às datilógrafas como manter macia a pele das mãos. A reportagem “Você é responsável pelo seu rosto” (FNP, 11 mar. 1964, p. 6) afirma que o lar, o estudo e o trabalho são preocupações frequentes de moças de 25 anos. A reportagem “Segredos de beleza” (FNP, 11 jun. 1964, p. 6) fala em como a vida agitada de muitas mulheres “dentro e fora do lar” pode causar rugas. E a reportagem “Beleza no escritório” (FNP, 19 ago. 1964, p. 6) afirma que manter-se bela e bem maquiada no ambiente do trabalho é essencial porque há a necessidade de causar boa impressão.

presente (na matéria “Se quer ser bela, cultive-se”, publicada em 5 de setembro de 1963 e republicada em 11 de março de 1964). Conforme a mulher amadurecia, afirma a reportagem de nome “Você é responsável pelo seu rosto”, “o trabalho, o lar, o estudo, as perguntas diante das interrogações vitais costumam passar para um plano mais importante. Esta aquisição [de] consciência vai definindo a beleza da mulher” (FNP: Você é responsável pelo seu rosto, 11 mar. 1964, p. 6).

Incentivando o investimento nos estudos para as mulheres, o FNP traz na Folha Feminina, na matéria “Se quer ser bela, cultive-se” o apelo:

é preciso abrir-se às diversas expressões da cultura, conferências, música, leitura de livros de bons autores. Isso tudo a irão formando e apurando. Lembre-se, principalmente das exposições de pinturas. [...] tente, de tôdas as maneiras possíveis, criar um horizonte mais vasto do que o de sua casa ou o de seu trabalho [...] Trate de se informar sobre o que acontece no mundo (FNP: Se quer ser bela, cultive-se, 5 set. 1963, p. 7).

Essa reportagem personifica um novo posicionamento. No entanto, também pode seguir este caminho porque, geralmente, “a bagagem cultural (adquirida em leituras e no contato com peças de teatro, filmes e obras de arte) é valorizada principalmente em função da conquista amorosa” (PINSKY, 2014, p. 82). A autora explica que a cultura era tida não como satisfação pessoal ou contraversão dos moldes e limites impostos à mulher da época, justamente porque depois que a moça se casa “diplomas só servirão para vaidades” (p. 82), conforme ilustra Pinsky (2014), comentando uma publicação da imprensa feminina nos Anos Dourados.

Discursos que incentivam a educação feminina, principalmente na Folha Feminina do FNP, eram raros. Ainda que a busca por cultura servisse para enriquecer as conversas e auxiliar nos relacionamentos amorosos, estes indícios que apontam vozes destoantes do padrão são reveladores. Ainda que aceitável, a aquisição de saber, contudo, não podia sobrepor-se ao marido, evidentemente, pois “mulheres inteligentes e cultas eram incentivadas a ajudar os maridos, sem que este se sentisse humilhado” (DEL PRIORE, 2014b, p. 161).

Mesmo assim, debruçar-se sobre o mundo da leitura, música e pintura era uma espécie de válvula de escape para a mulher dos Anos Dourados. Del Priore (2014a) comenta que, entre as elites, cantar e tocar piano eram conselhos dados às mulheres pela imprensa: “Nos anos 1960, quando uma mulher honesta falava em prazer, já se sabia: só podia estar falando de satisfações espirituais, como arte, literatura, contemplação da paisagem” (DEL PRIORE, 2014a, p. 108).

Essas representações revelam como as mensagens podem ser ao mesmo tempo reiteradoras e contraditórias. Justamente por isso, não compreendemos os discursos do FNP como verdadeiros, mas admitimos que há, nas representações ali presentes, uma força social das percepções do mundo que a elas confere uma versão legítima, uma “modelação estética capaz de dialetizar com a realidade” (NUÑEZ, 2011, p. 58).

Para tratar das representações, assim como indicam Matos e Lopes (2008), compreendemos que estas não são apenas veiculadas pela mídia, mas também são nela produzidas. Pelos discursos que circulam nos textos e imagens sobre embelezamento se produzem efeitos e se instituem “verdades”, excluindo e incluindo corpos, sujeitos e grupos, direcionando a atuação destes na sociedade. Isso acontece porque:

Para fidelizar um bom número de leitoras, as publicações femininas buscam, na medida do possível, refletir um aparente consenso social, ou melhor, as ideias dominantes sobre as representações de masculino e feminino e o relacionamento de homens e mulheres. Atuando ao lado de instituições estatais, educacionais, religiosas, jurídicas, familiares [...] também acabam enfatizando desigualdades de classe, étnicas e de gênero presentes na prática social de sua época. Nos Anos Dourados, por exemplo, elas fazem isso ao divulgar um ideal de mulher (branca, de classe média, com determinado estilo de vida e capacidade de consumo), um modelo de família (conjugal, hierárquica, com papéis masculinos e femininos distintos e predefinidos), valores culturais específicos (os burgueses) e uma ideia de felicidade ligada ao consumo de bens e à adesão de determinadas modas e normas sociais. Esses modelos, ideais e valores, embora sejam datados e construídos socialmente, são apresentados como naturais, universais, frutos do bom senso e verdades incontestáveis (PINSKY, 2014, p. 46).

A Folha Feminina, ao mesmo tempo em que fala para mulheres de classe média urbana, difunde ideias e cunha modelos a serem seguidos dentro deste padrão existencial. Mas, como bem ressalta Pinsky (2014), cada imprensa feminina possui características próprias e configurações únicas que a constituem, de modo que a Folha Feminina não é, portanto, mero instrumento que reproduz normas e condutas vigentes e impõe automaticamente padrões estereotipados.

Notamos como os elementos que perpassaram todas as categorias que emergiram especificamente das matérias da coluna feminina do FNP, como as relações entre mulher e beleza, embora múltiplas, trabalham para naturalizar a relação entre ambas, para normatizar o corpo e moralizar o comportamento da mulher; como procuram manter um modelo que já vem de séculos passados, reiterando desigualdades. Estas concepções, ao mesmo tempo, vão

se apropriando de elementos e aspectos que passam a emergir no contexto da década de 1960; como expressam normas e também rupturas.

As exigências da beleza feminina, no FNP, para além da “boa aparência”, instalaram-se como atributos fundamentais nas mensagens, trazendo apelos que pareciam reger também modos de ser e de agir. As preocupações com o uso devido da maquiagem, com o cuidado constante da pele (para parecer sempre jovem), com a silhueta magra e que demonstrasse saúde, com a maciez dos cabelos e com o apreço por atitudes que demonstrassem condutas “adequadas” não eram apenas formas de promover e de regular um exterior belo para as mulheres leitoras, eram também ensinamentos que demonstravam relações de poder dentro um sistema social em que os ditos “assuntos femininos” se compunham por um pequeno leque de temas. Essas abordagens didatizavam, aos poucos, que das mulheres se esperava o zelo, e que às mulheres era compulsório que fossem, minimamente, “bem aparentadas”.

Se à pele lisa e jovem – que evitava o sol, que fazia uso de cremes e receitas especiais para esse intento – cabiam elogios, à pele enrugada eram reservadas interjeições contrárias e se negava uma estética, pois nos critérios de beleza apresentados não havia lugar para a velhice.

A maquiagem, devidamente discreta, que realçava belos traços e escondia imperfeições, tornando a mulher mais atraente, com “sins” e “nãos” categóricos, na Folha Feminina prometia ajudar os rostos não só a demonstrar vaidade e graça, mas também parecia traduzir um empenho por uma boa imagem, o que as tornaria “bem apessoadas”, refletindo um admirável interior. O cabelo “bem cuidado” e o corpo em forma, da mesma maneira, no FNP, foram instâncias de constante julgamento porque indicavam uma (não) adequação aos padrões de beleza que aos poucos se construíram para servir de modelo às mulheres.

As condutas tidas como aceitáveis legitimavam comportamentos femininos desejados, ensinando como polir o “verniz” social que se esperava que as mulheres possuíssem. As breves menções ao acesso à cultura e aos novos espaços (nos escritórios, por exemplo), ainda assim, lembravam que mesmo que as mulheres ocupassem novos ambientes, não poderiam esquecer-se de que na beleza se ancorava a feminilidade, e buscá-la era tarefa constante.

Por mais que tenha desempenhado notável relação de poder por sua representatividade midiática regional, o FNP, argumentamos, não teve, contudo, a capacidade de sozinho determinar padrões irrevogáveis. Assim, é razoável concluir que as leitoras da coluna feminina nem sempre agiram de acordo com as representações construídas neste espaço; do mesmo modo que as representações dessa mídia, nesse mesmo movimento, nem sempre acompanharam as mudanças sociais em tempo.

Tais inferências, evidenciadas com base na análise empírica, partiram tanto do conhecimento do contexto do jornal, de elementos internos e externos ao periódico, como também dos caminhos metodológicos e do diálogo com as bibliografias que sustentaram a pesquisa. Ressaltamos, ainda, que cotejar as noções de beleza para alocar essas discussões junto aos exemplos ilustrados pelas reportagens da Folha Feminina, mesmo consoante com o rigor teórico da análise de conteúdo, também envolveu, invariavelmente, interpretações que tiveram início em uma leitura pessoal, influenciada por um enlace de elementos que formaram uma idiosincrasia constitutiva da investigação.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos analisar a relação entre mulher e beleza, evidenciando sentidos e interpretações do jornal Folha do Norte do Paraná (FNP), articulando à empiria as considerações teóricas com base na análise de conteúdo. O foco da discussão pautou a temática da beleza de mulher sob o enfoque dos estudos de gênero, das representações sociais, das relações de poder e da comunicação, em uma direção que observou múltiplas relações perpassadas pela cultura, em um movimento de antagonismos e complementaridades.

Estudar as relações de gênero presentes no FNP foi, desde o início, um movimento dialético e dialógico. O próprio conceito de gênero é multifacetado, “refere-se tanto às ideias que têm como referência a diferença sexual e que servem de base para outras interpretações do mundo quanto às práticas sociais orientadas por essas ideias” (PINSKY, 2014, p. 11), referindo-se à ordenação social do relacionamento entre os sexos (SCOTT, 1994) e definindo-se pelo modo como cada um, em cada contexto, interpreta e dá significado às suas experiências. As noções de gênero, portanto, são fluidas, não são essências, dissolvem-se no contexto social conforme expectativas coletivas próprias de grupos e reformulam papéis de gênero condicionantes do feminino e do masculino (LE BRETON, 2014).

O FNP constituiu-se em um recurso utilizado pela Igreja Católica no intuito de “aumentar a influência cristã entre os fiéis e estabelecer diretrizes católicas propostas à sociedade” (JUNQUEIRA, 2011, p. 1). Junto aos discursos que permitem notar pequenas resistências, são eminentes aqueles que seguem os modelos bíblicos de homem e mulher tradicionalmente hierarquizados, os quais estão presentes nas percepções da Igreja Católica e, por isso, de alguma forma na linha editorial do FNP, de modo que é possível afirmar que o jornal constituiu-se como ferramenta de consolidação de convicções da instituição no meio jornalístico regional. A pesquisa dessa mídia impressa, desse modo, permitiu um olhar para a esfera da cultura e da construção da identidade feminina norte-paranaense, possibilitando a compreensão de valores, crenças e práticas que permearam as relações sociais do período investigado.

As mídias são produtos culturais que refletem e criam visões de mundo. Ao analisar as representações presentes nestes espaços midiáticos, é possível compreender que o gênero, como marcador social de diferença, pode prescrever modelos e abarcar modelos de feminilidades. Por isso, análises de natureza social, econômica, política, pedagógica e cultural

apontam para a necessidade de representações que não reduzam o todo social, em uma direção que admita a complexidade dos seres e dos contextos.

Exemplo disso é que hoje, passados cinquenta anos das publicações do FNP, o fenômeno da produção corporal das mulheres já é compreendido por outros vieses. Alves (2014), por exemplo, explica que o embelezamento do corpo feminino já não é visto apenas como um efeito da dominação masculina, mas também, de certo modo, como forma de libertação da opressão à qual estas mulheres há muito tempo foram submetidas. Isso porque o corpo expressa ao mesmo tempo uma “visão de mundo” e uma expressão do “ser mulher”, no qual se podem explicitar vontades e controles (ALVES, 2014). É nesta direção que o autor explica que é possível compreender que, na atualidade, paradoxalmente, “o corpo é um veículo utilizado para diminuir as desigualdades de gênero, bem como para exercer relações de poder” (p. 102).

No cenário atual, as chamadas intervenções estéticas femininas, até mesmo as mais invasivas como as cirurgias plásticas, por exemplo, como busca pela beleza, já não podem (como antes) ser de todo e cegamente consideradas como imposição opressiva às mulheres, pois o “cuidar-se” também pode ser subversivo, podendo auxiliar em uma reconstrução do corpo que amplia a capacidade de autorrepresentação (DEBERT, 2011). Por isso, aponta-se que “evidentemente, a liberdade de decidir o que fazer com o próprio corpo aumentou de modo significativo desde a década de 1960” (SANT’ANNA, 2012, p. 123), mas o corpo, continua a autora, paradoxalmente tornou-se uma espécie de centro de batalhas no qual mal se distinguem aliados e inimigos, pois quem não “se cuida”, conforme exigem o figurino científico e publicitário, pode ser visto como pessoa sem autoestima. Hoje, o corpo feminino, segundo Debert (2011), é visto como dispositivo social, como uma versão atualizada das prisões que antes eram os lares e as esferas domésticas.

Os apelos direcionados ao público feminino de hoje já são diferentes dos que se consolidaram nos anos 1960, mas é pertinente perceber como algumas percepções podem ter reverberado nas comunicações atuais, ecoando velhas ideias e conceitos em novos estilos e formatos.

Com base na compreensão da complexidade das relações que permeiam uma sociedade em desenvolvimento, então, observaram-se os processos individuais, socioculturais e institucionais em uma compreensão interdisciplinar, no intuito de alocar perspectivas em um contexto consoante com propostas que tem como princípios orientadores a busca pela igualdade entre mulheres e homens e o combate à discriminação. Tal perspectiva ecoa em algumas políticas públicas, como aquelas presentes no Plano Nacional de Políticas para as

Mulheres (2013-2015) e nos Desafios do Milênio, da Organização das Nações Unidas (PNUD, 2014). Estas ideias, que se ligam diretamente à noção de desenvolvimento humano, ao buscar promover discussões sobre a igualdade de gênero e a valorização da mulher, têm ainda um longo caminho a percorrer.

O primeiro capítulo retomou alguns elementos acerca da criação do FNP, para, só depois, apontá-lo como fonte e objeto de estudo. A emancipação política da cidade-sede do periódico, o surgimento da diocese proprietária do jornal e os processos de consolidação do município, da Igreja e do próprio jornal são apresentados, abordando significações, elementos e enlaces que auxiliam a compreender o cenário tratado. Elementos políticos, econômicos e religiosos são indicados para delimitar os entornos de uma cultura regional que antecede a criação do FNP e nele transparecem (re)produzindo-se através do tempo.

A relação entre sociedade e imprensa foi tratada para estabelecer como as representações, sendo faces do real com intenções de convencer, podem apresentar versões de feminilidades e de modelos de conduta para as mulheres na época. Buscando esse enfoque específico, detalhou-se o espaço em que estas se materializam: a coluna feminina do FNP.

No segundo capítulo, tendo sido já apresentadas as características gráficas, a identidade visual, os elementos técnicos e demais descrições da Folha Feminina, visou-se identificar as representações femininas, explorando a mídia como instância de produção, consolidação e fortalecimento de estereótipos de gênero. As bases teóricas dos estudos de gênero foram referidas e, ao indicar o aporte conceitual utilizado, foram descritos os procedimentos metodológicos adotados para a lida com a empiria, ilustrados em tabelas que quantificam e descrevem as matérias que tratam sobre a mulher.

Foram apresentadas noções gerais e principais representações femininas nos anos da investigação (1962-1964) e, pela análise de conteúdo, justificou-se o recorte temático da beleza, categoria mais representativa no corpus, de modo que se definiram os temas de destaque para análise. A beleza feminina como imperativo de valor na sociedade (as conotações da maquiagem e dos cabelos e suas implicações nas ideias de feminilidade), a moda dos cabelos curtos femininos nos anos 1960 e suas possíveis significações para a época, o argumento da saúde e os regimes de emagrecimento como parte da cultura da beleza feminina e os cuidados para prolongar a juventude foram destacados com base na empiria.

O terceiro capítulo apresentou o conceito da beleza como exigência feminina por influência de uma sociedade que, historicamente, fortalece cada vez mais essa representação. Demonstrou-se como a boa aparência, vista como denotadora do caráter e do valor da mulher, ultrapassa os limites corpóreos e dita inclusive comportamentos e modos de vida.

(Re)alocando as afirmações em seu espaço e tempo, foi notada a estética feminina como aparelho moral regulador e como característica que devia ser cultivada para o olhar do outro. A postura feminina diante do marido, dos filhos e da sociedade também transpareceu no corpus documental e na discussão teórica como tendo exigências próprias que controlam o vestir, o falar, o agir e o parecer-se de modo vigilante.

A silhueta magra, os cabelos bem cuidados, a pele jovem e saudável ancoraram a feminilidade nas representações construídas no FNP e didatizaram as formas de expressar-se para o mundo, apresentando dicas, regras e exigências. Mas brechas nos modelos homogeneizantes e nos papéis definidos de bela mãe, esposa e dona de casa, fizeram-se presentes em representações que, às vezes, admitiam a presença feminina em espaços pouco comuns até então, tais como inserção no espaço público e no mercado de trabalho, além da busca pela cultura e estudos.

Entendemos que concessões aos modelos rígidos foram estimuladas pelo contexto social da época, com o início da incorporação de pautas feministas nas discussões, mas também foram permitidas por flexibilidades da própria instituição que administrava o FNP, fundamentadas no que também se discutia no âmbito do Concílio do Vaticano II, por exemplo.

O FNP, entretanto, muito longe da vanguarda nesses assuntos, dá espaço apenas ao que considera pertinente conforme sua política editorial e talvez motivada por demandas do leitor. A Folha Feminina, neste caso, não retratou mudanças e não discutiu novidades sociais neste espaço. No icônico ano de 1964, momento político pelo qual o país passava quando se instaura o regime militar, por exemplo, a coluna feminina não faz menção alguma ao assunto, subentendendo-se que não era considerado, pela editoria, como um “assunto feminino”. Não há, nas reportagens, muitos indícios de discussões de atualidades talvez porque, nestes espaços, conforme antecipou Buitoni (2009, p 30) “o jornalismo feminino já nasceu complementar, revestido de um caráter secundário, tendo como função o entretenimento e, no máximo, um utilitarismo prático ou didático”.

Em uma época de instabilidade e (re)formulações de condutas e de normas de gênero, como foram os anos de 1960, contudo, não há como uma publicação tal qual o FNP, direcionada ao público feminino, manter um posicionamento impenetrável. Por isso, buscamos evidenciar de que modo, por vezes, algumas representações acabaram deixando passar pistas de fissuras dos modelos estereotipados comumente empregados nesse periódico.

As representações evidenciadas por este estudo não são, de modo algum, livres de contradições, conflitos e questionamentos, afinal, também estão permeadas pela perspectiva

da investigadora, que fala, indaga, pergunta, seleciona com suporte em uma compreensão e representação de mundo, de sociedade. Assim, de uma pretensão inicial de abordar a totalidade das matérias publicadas, surgiram os filtros, critérios de seleção e direcionamentos metodológicos que trouxeram aos caminhos que seguimos para elaborar o estudo apresentado. A subcategoria escolhida representa, no todo, apenas uma parte das concepções e significações presentes no FNP nas colunas femininas, dentro de uma editoria que abordou uma quantidade mais ampla de conteúdos<sup>27</sup>.

Sobre as conclusões tecidas acerca dos anos estudados, as representações femininas nesta mídia aparentavam ser, de certa maneira, estereotipadas, definitivas e irremovíveis, mas os conteúdos analisados mais de perto neste estudo, por si só já denunciaram como os modelos apresentados não haveriam de ser os únicos existentes. É pertinente, com base nessas conclusões, por isso, não se descolar do contexto histórico e social, imbuído das dinâmicas multiespaciais – local, regional, nacional e mundial – já que tanto o FNP como o período analisado têm peculiaridades próprias que lhes conferem muitas especificidades. Do mesmo modo, convida-se, ao observar as análises feitas, referir-se a elas conjecturando novos olhares. Os estudos da mídia impressa como fonte e objeto de pesquisa, assim como os estudos de gênero que avaliam representações femininas, não podem ser considerados terminados, pois eles renovam-se a cada nova consulta, em um movimento de (des)construção de sentido que não tem começo e nem fim determinado.

---

<sup>27</sup> Outras pesquisas sobre essas representações podem ser elaboradas com base no rico acervo do FNP com o qual trabalhamos. Para além do recorte temático e temporal que fizemos, outras colunas e outros anos de publicação do FNP foram consultados pela pesquisa e podem ser explorados em estudos futuros. O acervo completo, com notável potencial como fonte e objeto de pesquisa, está catalogado e disponível para pesquisa no site do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder ([www.fecilcam.br/culturaepoder](http://www.fecilcam.br/culturaepoder)).

## REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves. **A modernização da imprensa (1970-2000)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **We should all be feminists**. Produção: TEDx Euston. 30'15''. TED Talks, 2013. 1080p (HD). Disponível em: <[http://youtu.be/hg3umXU\\_qWc](http://youtu.be/hg3umXU_qWc)>. Acesso em: 1 ago. 2014.

ALMEIDA, Angela Maria Menezes de. Feminilidade: caminho de subjetivação. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, v. 4, n. 38, p. 29-44, 2012.

ALVARENGA, Augusta Thereza de; PHILIPPI JR, Arlindo; SOMMERMAN, Américo; ALVAREZ, Aparecida Magali de Souza; FERNANDES, Valdir. Histórico, fundamentos filosóficos e teórico-metodológicos da interdisciplinaridade. In: PHILIPPI JR., Arlindo; SILVA NETO, Antônio J. (orgs.). **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação**. Barueri: Manole, 2011, p. 3-68.

ALVES, Fábio Lopes. **Noites de cabaré: prostituição feminina, gênero e sociabilidade na zona de meretrício**. 2. ed. São Paulo: Arte e Ciência, 2012.

\_\_\_\_\_. **Pós-mulher: corpo, gênero e sedução**. Curitiba: Editora Champagnat, 2014.

ANDRADE, Sandra dos Santos. Mídia impressa e educação dos corpos femininos. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero, sexualidade: um debate contemporâneo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p. 108-123.

ARIAS NETO, José Miguel. Pioneirismo: discurso político e identidade regional. **História & Ensino**, Londrina, v. 1, p. 69-85, 1995.

ARQUIDIOCESE de Maringá. **Arquidiocese de Maringá**. Maringá, 2015. Disponível em: <<http://arquidiocesedemaringa.org.br/diocese/>>. Acesso em: 21 jul. 2015.

AZERÊDO, Sandra Maria da Mata. O Político, o público e a alteridade como desafios para a psicologia. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 22, n. 4, p. 14-23, 2002.

BARBOSA, Marialva Carlos. Escola dos anais. In: CITELLI, Adilson; BERGER, Christa; BACCEGA, Maria Aparecida; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; FRANÇA, Vera Veiga (orgs.). **Dicionário de comunicação: escolas, teorias e autores**. São Paulo: Contexto, 2014, p. 192-200.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70 LDA, 2009.

\_\_\_\_\_. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, Clarissa Dubeux. A beleza e a feiura na contemporaneidade. **Diálogos: Revista de Estudos Culturais e da Contemporaneidade**, Garanhuns, v. 9, maio/jun. 2013.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

\_\_\_\_\_. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BELELI, Iara. Aparecida. Imagens efêmeras: gênero e sexualidade na propaganda Brasileira. In: 29º Encontro Anual da ANPOCS, 2005, Caxambu. **Anais do 29º Encontro Anual da ANPOCS**, 2005.

\_\_\_\_\_. Corpo e identidade na propaganda. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 193-215, 2007.

BEOZZO, José Oscar. **Padres conciliares brasileiros no Vaticano II**: participação e prosopografia: 1959-1965. 436f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 7ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

BRASIL. **Plano Nacional de Políticas para as Mulheres**. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2013.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Summus, 2009.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989)**: a Revolução Francesa da Historiografia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CASOTTI, Letícia; CAMPOS, Roberta. Consumo da beleza e envelhecimento: histórias de pesquisa e de tempo. In: GOLDENBERG, Mirian. **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2011, p. 109-132.

CASTRO, Emerson de. Mais de meio século de história a ser contada. **Jornal Alcar**, Porto Alegre, v. 3, n. 13, p. 1-5, abr. 2014.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. O jornal como fonte privilegiada de pesquisa histórica no campo educacional. II Congresso Brasileiro de História da Educação: história e memória da educação brasileira. **Anais do II Congresso Brasileiro de História da Educação**, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, 3 a 6 de novembro, 2002.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

\_\_\_\_\_. O mundo como representação. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991. Disponível em: <<http://www.usp.br/cje/anexos/pierre/CHARTIEROmundocomorepresentacao.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2014.

\_\_\_\_\_. Uma trajetória intelectual: livros, leituras, literaturas. In: ROCHA, João Cezar de Castro (org.). **Roger Chartier**: a força das representações: história e ficção. Chapecó: Argos, 2011, p. 21-54.

CORDEIRO, Marta. Aparências que contam: a aparência como ferramenta de avaliação social. **Domínios da Imagem**, Londrina, v. 8, n. 15, p. 5-29, jun./dez. 2014.

COURTINE, Jean-Jacques; HAROCHE, Claudine. **História do rosto**: exprimir e calar as suas emoções (do século XVI ao início do século XIX). Lisboa: Teorema, 1988.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DEBERT, Guita Grin. Velhice e tecnologias do rejuvenescimento. In: GOLDENBERG, Mirian. **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2011, p. 65-82.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000.

\_\_\_\_\_. **Corpo a corpo com a mulher**: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Senac, 2009.

\_\_\_\_\_. **Histórias e conversas de mulher**: amor, sexo, casamento e trabalho em mais de 200 anos de história. São Paulo: Planeta, 2014a.

\_\_\_\_\_. **Histórias íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. 2 ed. São Paulo: Planeta, 2014b.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção do conhecimento**: metodologia científica no caminho de Habermas. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1994.

DE PAULA, Antonio Roberto. **O jornal do bispo**: A história da Folha do Norte do Paraná: o primeiro livro online de Maringá. Maringá, Paraná, 2009. Disponível em: <jornaldobispo.blogspot.com>. Acesso em: 10 jul. 2014.

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. **O que é beleza**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ECO, Umberto. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FARIA, Eduardo Prado de. A imprensa diária como fonte de pesquisa na História, **Pergaminho**, Patos de Minas, v. 1, n. 4, p. 10-15, dez. 2013.

GARUTTI, Selson; SOUZA, Ana Barbosa de. Maria do Ingá: uma lenda paraibana que se configurou no nome da Cidade de Maringá. **Revista Internacional de FolkComunicação**, Ponta Grossa, v. 10, n. 19, p. 60-78, jan./abr. 2012.

GARUTTI, Selson. O poder do anel na diocese de Maringá. **Ciências da religião**: história e sociedade, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 65-88, 2013.



GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero, sexualidade: um debate contemporâneo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p. 28-40.

GOETZ, Everley Rosane; CAMARGO, Brígido Vizeu; BERTOLDO, Raquel Bohn; JUSTO, Ana Maria. Representação social do corpo na mídia impressa. **Revista Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 20 n. 2, p. 226-236, 2008.

GOLDENBERG, Mirian. **A bela velhice**. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

\_\_\_\_\_. **Coroas: corpo, sexualidade e envelhecimento na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2015.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, jul./dez., p. 15-46, 1997.

JUNQUEIRA, Lígia de Souza. Educação e imprensa católica: a influência dos periódicos Lar Católico e O Lampadário no município de Juiz de Fora. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. 3, n. 9, p. 1-14, 2011.

KARPF, Anne. **Como envelhecer**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. São Paulo: EDUSC, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. **Argumentação e linguagem**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LE BRETON, David. Corpo, gênero, identidade. In: FERRARI, Anderson; RIBEIRO, Cláudia Maria; CASTRO, Roney Polato de; BARBOSA, Vanderlei (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Lavras: UFLA, 2014, p. 17-36.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (orgs.). **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976a.

\_\_\_\_\_. (orgs.). **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976b.

\_\_\_\_\_. (orgs.). **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976c.

LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LOURO, Guacira Lopes; NECKER, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero, sexualidade: um debate contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MACHADO, Irene (org.). **Semiótica da cultura e semiosfera**. São Paulo: Anablume/Fapesp, 2007.

MARTINO, Luiz C; HOHLFELDT, Antonio. FRANÇA, Vera Veiga (org.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. Introdução: pelos caminhos da imprensa no Brasil. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 7-8.

MATOS, Auxiliadôra Aparecida de; LOPES, Maria de Fátima. Corpo e gênero: uma análise da revista TRIP Para Mulher. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 61-76, 2008.

MEZZOMO, Frank Antonio; PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira; RIBEIRO, Amanda de Souza. Mãe, esposa e dona do lar: representações da mulher no Jornal Folha do Norte do Paraná. **Fênix: Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, v. 11, n. 1, p. 1-26, 2014.

MEZZOMO, Frank Antonio; PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira; SILVA, Gessica Aline. No lar e na família: permanência e mudanças nas representações da mulher face aos ventos modernizantes. **Educere et Educare**, Cascavel, v. 9, n. 17, p. 269-281, 2014.

MOLINOS, Duda. **Maquiagem**. 11 ed. São Paulo: Senac, 2000.

MOREIRA, Elmo Nélio. Valores do Salário Mínimo desde sua instituição até o dia de hoje. **Economia e finanças**, 2014. Disponível em: <[http://www.gazetadeitauna.com.br/valores\\_do\\_salario\\_minimo\\_desde\\_.htm](http://www.gazetadeitauna.com.br/valores_do_salario_minimo_desde_.htm)> . Acesso em: 20 dez. 2014.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MOTA, Lúcio Tadeu. A presença indígena no vale do Rio Tibagi/PR no início do século XX. **Antíteses**, Londrina, v. 7, n. 13, p. 358-391, jan./jun. 2014.

MOTTA, Alda Britto da. Mulheres velhas: elas começam a aparecer. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 84-103.

NAJMANOVICH, Denise. **O sujeito encarnado**: questões para a pesquisa no/do cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NAVAS, Joanita de Mello. **O periódico o jornal de Maringá e a história da educação na cidade de Maringá nos anos 1960 a 1963**. 67f. Monografia (Especialização em Pesquisa Educacional) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2013.

NOELLI, Francisco Silva; MOTA, Lúcio Tadeu. A pré-história da região onde se encontra Maringá, Paraná. In: DIAS, Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo. **Maringá e o Norte do Paraná**: estudos de história regional. Maringá: EDUEM, 1999, p. 5-19.

NUÑEZ, Carlinda Fragale Pate. Intervenção – debate do texto “Uma trajetória intelectual: livros, leituras e literaturas”. In: ROCHA, João Cezar de Castro (org.). **Roger Chartier – a força das representações: história e ficção**. Chapecó: Argos, 2011, p. 55-62.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 5ª ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2003.

PASQUINI, Adriana Salvaterra. **A ação político-educativa da igreja católica n'O jornal de Maringá**. 147f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, 2009.

PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira; MEZZOMO, Frank Antonio; SKURA, Ivania. Mulheres e propagandas: representações de ontem e de hoje. In: HAHN, Fábio André; MEZZOMO, Frank Antonio (orgs.). **Ensaio de História**: ensino, historiografia e gênero. Campo Mourão: Fecilcam, 2015, p. 172-193.

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (orgs.). **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 469-512.

\_\_\_\_\_. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo: Contexto, 2014.

PNUD, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Os objetivos de desenvolvimento do milênio**: 8 objetivos para 2015. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/ODM.aspx>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

POCAHY, Fernando. O corpo como heterotopia(?): problematizações na cama do gênero, da sexualidade e do envelhecimento. In: FERRARI, Anderson; RIBEIRO, Cláudia Maria; CASTRO; Roney Polato de; BARBOSA, Vanderlei (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Lavras: UFLA, 2014, p. 75-184.

RIBEIRO, Edméia Aparecida. Moralidade e sexualidade feminina em Maringá: um estudo nos jornais de nos processos de crime de sedução, 1950-1980. In: DIAS, Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo. **Maringá e o Norte do Paraná**: estudos de história regional. Maringá: EDUEM, 1999, p. 333-350.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Modernização e concentração: a imprensa carioca nos anos 1950-1970. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania Maria Bessone (orgs.). **História e imprensa**: representações culturais e prática de poder. Rio de Janeiro: DP&A/Faperj, 2006, p. 430-431.

RIBEIRO, Betânia de Oliveira Laterza; SILVA, Elizabeth Farias da; SILVA, Maria Aparecida Alves. Jornal como fonte: uma das pontas do iceberg nas narrativas em história da educação. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, v. 13, n. 1, jan./jun. 2014, p. 219-235.

ROBLES, Orivaldo. **A igreja que brotou da mata**: os 50 anos da Diocese de Maringá. Maringá: Dental Press Editora, 2007.

ROSÁRIO, Flávia Marques. **Comportamento desviante e padrões estéticos**: um estudo exploratório com mulheres que não pintam o cabelo. 127f. Dissertação. (Mestrado em Administração). Rio de Janeiro: UFRJ/COPPEAD, 2006.

RUBINO, Carla. **Difusão da fé e sua mobilidade religiosa em Maringá: 1947 a 2010.** 126f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Maringá, 2010.

SALVETI, Xenia Miranda. **Corpos expostos, enfrentamentos: produtos e serviços para a beleza feminina anunciados em periódicos na Pauliceia dos anos 20 e cotidiano das mulheres trabalhadoras pobres (Parte 1).** **História e-História**, Campinas, v. 1, p. 1-18, maio 2013a.

\_\_\_\_\_. **Corpos expostos, enfrentamentos: produtos e serviços para a beleza feminina anunciados em periódicos na Pauliceia dos anos 20 e cotidiano das mulheres trabalhadoras pobres (Parte 2).** **História e-História**, Campinas, v. 2, p. 18-30, maio 2013b.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado.** São Paulo: Hacker editores, 2001.

\_\_\_\_\_. **Corpo e comunicação.** São Paulo: Paulus, 2004.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpo e beleza: “sempre bela”.** In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova história das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2012, p. 105-125.

\_\_\_\_\_. **História da beleza no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2014.

SANTOS, Marines Ribeiro dos. **O design Pop no Brasil nos anos 1970: domesticidades e relações de gênero na revista Casa&Jardim.** 307f. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

SCOTT, Joan. Prefácio a Gender and Politics of History. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 3, p. 11-27, 1994.

SILVA, Márcia Pereira; FRANCO, Gilmara Yoshihara. **Imprensa e política no Brasil: considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica.** **Revista História em Reflexão**, Dourados, v. 4, n. 8, p. 1-11, jul./dez. 2010.

SILVA, Jonas Jorge da. **O templo e a cidade: memórias sobre a construção da catedral de Maringá.** 163f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Maringá, 2011.

SILVA, Ana Cristina Teodoro da. **Introdução à análise das imagens da imprensa.** In: PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira; HAHN, Fábio André; MEZZOMO, Frank Antonio. **Instituições e sociabilidades: religião, política e juventudes.** Campo Mourão: Editora Fecilcam, 2013, p. 103-122.

SERRA, Elpídio. **Conflitos rurais no Paraná: como foi que tudo começou.** **Boletim de Geografia**, Maringá, v. 28, n. 1, p. 75-89, 2010.

SIBILIA, Paula. **A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice: o corpo velho como uma imagem com falhas.** In: GOLDENBERG, Mirian. **Corpo, envelhecimento e felicidade.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2011, p. 83-108.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira; FARIA, Aline Almeida de. Corpo, saúde e beleza: representações sociais nas revistas femininas. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 3, n. 9, p. 171-188, 2007.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 54, p. 281-300, 2007.

STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero**. São Paulo: Contexto, 2007.

TAIT, Tania Fatima Calvi. As excluídas da história: o olhar feminino sobre a formação de Maringá. In: DIAS, Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo. **Maringá e o Norte do Paraná**: estudos de história regional. Maringá: EDUEM, 1999, p. 351-169.

TOMAZ, Paulo Cesar. A Região Norte do Paraná e a formação da cidade de Maringá. **Revista Semina**, Passo Fundo, v. 8, n. 2, p. 1-19, 2010.

TOMAZI, Nelson Dacio. **“Norte do Paraná”**: história e fantasmagorias. 342f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997.

\_\_\_\_\_. Construções e silêncios sobre a (re)ocupação da região Norte do estado do Paraná. In: DIAS, Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo. **Maringá e o Norte do Paraná**: estudos de história regional. Maringá: EDUEM, 1999, p. 51-85.

UBINGE, Genivaldo; SANTOS, Marcos Roberto Almeida dos. **Queridos diocesanos**: 50 textos selecionados de Dom Jaime Luiz Coelho. Maringá: Clichetec, 2007.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. **Complexidade e pesquisa interdisciplinar**: epistemologia e metodologia operativa. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

VATICANO, Documents of the II Vatican Council. **Decreto Inter Mirifica**: sobre os meios de comunicação social. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19631204\\_inter-mirifica\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19631204_inter-mirifica_po.html)>. Acesso em: 21 dez. 2014.

VILHENA, Junia de; MEDEIROS, Sergio. A violência da imagem: estética, feminino e contemporaneidade. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 5, n. 1, p. 109-144, mar. 2005.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 1999.